



3 1761 07150516 8

DP  
562  
M6  
1879  
c. 1

ROBA





Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto

QUADROS

DE

HISTORIA PORTUGUEZA



QUADROS

DE

HISTORIA PORTUGUEZA

POR

I. F. SILVEIRA DA MOTA

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

---

QUARTA EDIÇÃO

CORRECTA E MUITO AUGMENTADA

---

LISBOA

EM CASA DE A. M. PEREIRA, RUA AUGUSTA, 50 A 52

1879

2000/1/10

# HISTORIA

11



1878

THE ATHLETIC

1878



## INTRODUCCÃO

Em dous grandes cyclos pôde naturalmente dividir-se a historia portugueza; cada um dos quaes abrange algumas epochas mais ou menos importantes; no primeiro a nação constitue-se, desenvolve-se, fortifica-se, estende o seu poder pelas terras de Africa, senhoreia ignotos mares, dicta leis ao Oriente, ganha vastos e productivos terrenos na America; abre caminho ao engrandecimento dos outros povos da Europa; e a final decæe rapidamente até chegar á sepultura de 1580; no segundo resurge, reconquistando n'um dia a antiga independencia politica; e procurando depois reaver no decurso de seculos, não o pode-

rio de outras eras, mas os fóros de liberdade, e a robustez e firmeza, que são os meios mais poderosos com que as nações, assim como os individuos, podem lutar contra a adversidade e vencel-a.

Traçando este humilde esboço historico, quiz o auctor rememorar alguns factos e algumas phases do primeiro cyclo, que julga mais fecundo em lição e exemplos. Os instinctos imperiosos, definidos, efficazes dos primeiros tempos da monarchia, — os actos de abnegação, de perseverança, de intrepidez, de soffrimento, e ás vezes tambem os de violencia e ferocidade, que caracterisam aquellas rudes epochas, — as experiencias lentas e custosas com que a nação se educou para chegar de fragil infancia a virilidade robusta, — os ousados commettimentos, as heroicas temeridades, áquem e alem dos mares, que lhe deram poderio, opulencia, magestade e gloria, — os erros e abusos que a despenharam em abysmo de infortunios, — as varias scenas, emfim, d'es-

se longo drama de quasi cinco seculos, constituem o mais rico thesouro das nossas recordações historicas. Convem, pois, tel-o sempre presente, sobretudo na actual conjunctura. Quando, no meio das dissensões partidarias, dos erros politicos e das aberrações populares, nos fere os ouvidos a ameaça de que a nossa independencia não pôde durar muito, é justo e util buscar no estudo dos fastos nacionaes os titulos do nosso direito, a memoria do que fizemos, e porventura nobres estimulos para que os nossos progressos intellectuaes e moraes mostrem ao mundo que, se já não somos potencia maritima ou continental, pesando com decisiva força na balança dos acontecimentos politicos, queremos, todavia, e devemos ser respeitados pela sciencia, pelo trabalho, pela energia, pelo amor da liberdade, pela severidade dos costumes, unicas armas com que o espirito da nossa epocha ensina as nações civilisadas a combaterem em lucta generosa.

Possa esta tentativa não ser de todo frustrada, e servir ao menos de incentivo para que obreiros mais robustos levantem o monumento grandioso das tradições nacionaes.

# QUADROS

DE

## HISTORIA PORTUGUEZA

---

### I

#### FUNDAÇÃO DA MONARCHIA

**1097 a 1184**

Bem como a vida dos individuos a vida dos povos é dilatada ou curta. Assim muitas nações, que existiam robustas e altivas durante a idade média, annullaram-se ou desapareceram, absorvidas umas por estados mais poderosos, desmembradas outras pelas conveniencias politicas; e Portugal, aparentemente debil na origem, mas que por milagres de esforço e de perseverança chegou a constituir a nação mais forte e audaz da Europa, vive ainda, e encontrará a sua defensão em saberem seus filhos repellir, com energia, quaesquer suggestões traiçoeiras ou

tentativas violentas contra a terra que livres herdaram, e onde livres querem morrer.

Qual tem sido, porém, a causa d'essa longa vida, d'esse vigor da juventude e da idade viril, d'essa tenacidade que se conserva ainda no outono da existencia? É o que procuraremos descobrir, examinando rapidamente a historia dos seus primeiros annos.

Logo que o imperio wisigodo se desmoronou ao embate impetuoso do fanatismo dos arabes, a reacção christã e europêa começou immediatamente. Desde a batalha do Crysus até o recontro de Cangas de Onis medeiu um curto espaço, mas tanto bastou para que os mussulmanos gastassem nas dissensões intestinas o provado valor, e para que os godos, retemperados pelo infortunio, recuperassem a ousadia e firmeza, que são as mais seguras armas dos povos ameaçados na sua existencia. O poderio christão foi, pois, crescendo de novo e prosperando, lenta mas persistentemente, e já, meado o seculo XI, Affonso VI reinava sem resistencia nas Asturias, Galliza, Leão e Castella, e conquistava ou fazia tributarias as principaes cidades e provincias dos sarracenos da Peninsula.

Para as famosas batalhas d'aquelles tempos muitos cavalleiros francezes atravessaram os Pyrneos. Impellia-os a tendencia guerreira e aventureira da epocha; animava-os a idéa religiosa, que attrahia a pelear contra os infieis quantos homens de fé viva tinha a Europa; dava-lhes esforço, porventura, a esperanza de encontrarem fortuna n'um paiz onde, no tumultuar de incessantes combates, se offereciam frequentes conjuncturas para adquirir riqueza e gloria. Entre os estrangeiros mais notaveis vieram a Hespanha Raymundo, conde de Borgonha, e Henrique, seu primo co-irmão. Ao primeiro deu Affonso VI em casamento sua filha D. Urraca, havida da rainha Constancia, encarregando-o ao mesmo tempo do governo da Galliza e da terra portugalense; a Henrique concedeu D. Thereza, sua filha bastarda e da nobre dama Ximena Muniones, entregando-lhe com esta alliança o governo do districto de Braga, como condado dependente de seu primo. Em breve, porém, todo o territorio desde as margens do Minho até as raias da provincia conhecida entre os arabes pelo nome de Al-Gharb, foi destroncado definitivamente da Galliza, para

constituir um vasto senhorio, regido pelo conde Henrique, e sujeito apenas á supremacia da corôa leoneza.

O illustre cavalleiro francez applicou provavelmente então toda a actividade em prover as mais urgentes necessidades do seu districto, repellindo as invasões dos sarracenos, concedendo foraes a differentes povoações, e tomando, emfim, as disposições que a experiencia d'aquelles tempos ensinava para a defensão e segurança das fronteiras; e posto que a viagem que empreendeu á Syria nos primeiros mezes de 1103 devesse retardar a sua influencia e conquistas, é certo que já em 1106 havia concebido as idéas de engrandecimento e independencia, a que deveu acaso Portugal a sua existencia como nação. O pacto secreto celebrado entre elle e Raymundo para a repartição dos estados do sogro, alliança que a morte do conde de Galliza inutilisou; as solicitações perante Affonso VI moribundo; e finalmente o modo por que soube valer-se das discordias civis a que o fallecimento do rei de Leão deu origem, ligando-se ora com D. Urraca, ora com o monarcha de Aragão, e ainda com os fidalgos de Galliza, traduzem o exclu-



sivo intuito de converter o senhorio, que lhe fôra concedido para reger como simples consul, em nucleo de um estado robusto e poderoso. E no meio das tempestades politicas que varreram o solo ensanguentado da Peninsula durante o governo de D. Urraca, teria de certo satisfeito esses arrojados designios se a morte não viesse pôr termo á carreira das suas ambições.

Fallecido Henrique (1 de maio de 1114), e contando o infante Affonso Henriques apenas tres annos de idade, tomou D. Thereza o governo, e com elle o encargo de continuar o pensamento politico do marido. Apresentava-se ardua e arriscada a empreza, mas a filha de Affonso VI não desdizia das nobres tradições da sua raça. Cercada dos seus vassallos, identificada com certo instincto de nacionalidade, que já então animava todos, ambiciosa, astuta, energica e tenaz, luctou durante quatorze annos para manter a independencia da terra em que lhe chamavam rainha. Submettendo-se ao rigor das circumstancias, inclinou por vezes o collo á soberania da côrte leoneza; mas não hesitando em quebrar solemnes promessas, o que aliás era frequente

n'esses tempos de bruteza, e ainda hoje não é raro a despeito da civilização, recusou sempre a obediencia quando julgou possivel resistir. Seguindo, emfim, o caminho traçado pelo conde Henrique, alimentou habilmente rivalidades e rancores entre sua irmã D. Urraca e o cubiçoso e soberbo bispo de Compostella, e não obstante os damnos e calamidades provenientes das invasões de christãos e sarracenos, augmentou a extensão dos seus dominios ao oriente e ao norte, dando-lhes ao mesmo tempo incremento em população, em riquezas e em forças militares.

A affeição intima a Fernando Peres, um dos mais illustres ricos-homens da Galliza, quebrou-lhe nos ultimos annos a cadeia brilhante de uma vida aventureosa e feliz. Esquecida de que o terrivel neto de Roberto de Borgonha deixára no mundo um successor do seu genio, a formosa rainha entregára ao amante a administração dos districtos do Porto e Coimbra, e é de presumir que lhe outorgasse tambem a supremacia sobre os outros condes ou tenentes do paiz. Nenhum acto indica, talvez, que a intervenção de Fernando Peres fosse desleal ou funesta para a independencia da

provincia, que procurava desmembrar-se dos vastos estados leonezes; mas a fortuna do valido excitára desde o principio o descontentamento e ciúme dos barões portuguezes, e estes, aproveitando o enthusiasmo de nacionalidade já então radicado no povo, e a sêde de poder que devorava Affonso Henriques, lançaram entre a mãe e o filho o facho da discordia, e accenderam a guerra civil, que, conforme notaveis indícios, começou em 1127, para se decidir, decorrido um anno, na batalha do campo de S. Mamede, junto de Guimarães, onde o exercito de D. Thereza foi desbaratado, e ella ficou prisioneira.

Assumindo o poder que tanto ambicionára, o moço principe não se limitou a recusar obediencia ao rei de Leão, cujo dominio toda a Hespanha christã e ainda parte da França mais ou menos reconheciam; ousou invadir por vezes as provincias limitrophes, fundando-se, porventura, nas convenções feitas com seu pae, e sobretudo na posse que D. Thereza tivera dos districtos de Limia e Tuy. No meio de graves difficuldades, Affonso VII, que por morte de D. Urraca empunhára irrevocavelmente o sceptro de Leão e Castella,

não pôde a principio impedir essas correrias, nem procurar submeter seu primo; mas em breve, favorecido pela fortuna, aprestou um numeroso exercito, e dirigindo-se aos territorios de Galliza, avassallados pelos portuguezes, repelliu de toda a provincia os invasores. Entretanto, apesar das vantagens obtidas, não se atreveu a proseguir na aggressão, e Portugal, que n'aquelle tempo abrangia apenas metade do actual territorio, conservou sempre hasteado o pendão da independencia.

Assim duraram as cousas até que o anno de 1137 viu de novo rebentar a guerra. Seguindo a direcção do enthusiasmo popular e a do seu genio inquieto e bellicoso, Affonso Henriques alliou-se com os condes Gomes Nunes e Rodrigo Peres e com o monarcha de Navarra, e emquanto este, quebrando a especie de vassallagem que prestára, rompia as hostilidades contra Affonso VII, o principe portuguez caminhava de victoria em victoria, sujeitava os districtos meridionaes da Galliza, desbaratava os mais illustres capitães inimigos, e iria ávante em novas conquistas, se a tomada de Leiria pelos sarracenos e as

suas tragicas consequencias não lhe attrahissem a attenção para a defesa dos proprios estados.

Depois de asserenada a tempestade, que expunha parte das fronteiras ás irrupções dos arabes, Affonso Henriques voltou a Galliza, onde já estava tambem o rei de Leão; mas avistando-se em Tuy, os dous primos celebraram pazes, e como de accordo volveram os olhos para mais nobre empreza: — o proseguir n'essa longa, patriotica e tenaz cruzada da Peninsula contra os mussulmanos, lucta encetada havia mais de quatro seculos, e cujas probabilidades de completo triumpho já claramente se mostravam favoraveis áquelle dos dous contendores, que, combatendo pelo christianismo, tinha por si a força e o enthusiasmo, fructo de convicções profundas e da certeza moral do dever.

A guerra contra os infieis foi favoravel ao filho do conde Henrique. Penetrando até o coração do Al-Gharb, onde nunca desde a invasão dos arabes os christãos haviam chegado, ganhou a batalha de Ourique, e saldou assim com os sarracenos os ultimos danos recebidos. A tradição exaggerou a pouco e

pouco o facto, engrandecendo por uma parte, por outra attenuando o numero dos pelejadores, inventando aparições e milagres, e tecendo uma notavel lenda, que as regras da boa critica historica irrefutavelmente condemnam. Se as circumstancias, porém, são fabulosas, nem por isso foram pouco importantes os resultados moraes d'essa batalha, que, habituando os portuguezes a affrontar em campanha os agarenos, lhes deu animo e vigor para futuras conquistas.

Terminada esta empreza, volveu o intrepido principe á lucta com os leonezes. Apoz varios successos, em que a fortuna das armas ora pendeu para Affonso VII, ora para o infante de Portugal, o grosso dos dous exercitos avistou-se perto de Val-de-Vez; mas o captiveiro dos mais insignes fidalgos de Leão, que em recontros singulares foram vencidos, a conhecida ousadia dos cavalleiros e homens de armas portuguezes, e êmfim a vantajosa posição que estes occupavam, tudo isso e talvez algumas outras causas, que as memorias do tempo nos não dizem, constrangeram o orgulhoso filho de D. Urraca a solicitar a paz. Ajustaram-se então treguas, deu-se liberdade

aos prisioneiros, restituiram-se os castellos reciprocamente conquistados, e os dous principes abraçaram-se no campo de batalha.

Estes acontecimentos converteram a separação de Portugal em facto consummado e completo. Tomando o titulo de rei, que havia muitos annos recebia já dos seus subditos, Affonso Henriques realisou, emfim, o altivo pensamento concebido por seu pae, desenvolvido largamente por D. Thereza, e abraçado com ardor pelos barões portuguezes; e quando em 1143 os dous primos assentaram em Samora uma concordia definitiva, o imperador das Hespanhas ou de toda a Hespanha, como se intitulava nos seus diplomas Affonso VII, não pôde eximir-se de reconhecer a realza do principe que pozera magestoso remate no edificio da independencia portugueza.

Previendo, todavia, futuras disputas sobre a legitimidade d'esse facto, que aliás nem as armas nem os tratados tinham conseguido impedir, Affonso I resolveu collocar o throno á sombra do solio pontificio. N'aquelles rudes tempos, em que a exaltação das crenças se associava intimamente com a ferocidade e

soltura dos costumes, o poder dos papas tornára-se uma especie de dictadura, que todos os monarchas christãos directa ou indirectamente reconheciam; e a influencia da côrte de Roma era a espada suspensa por um fio sobre os thronos mais firmes, e ao mesmo tempo como que a columna de fogo, que dirigia as dynastias recentes na carreira das suas ambições. Aceitando as doutrinas theocraticas então por assim dizer incontestadas, e aproveitando-as para o intento quasi exclusivo a que se votára, o novo soberano fez homenagem do reino ao summo pontifice, promettendo obediencia a S. Pedro, sujeição nominal mais supportavel do que o preito ao imperador, e depois de longas evasivas e ambiguidades, vicio que já então caracterisava a politica da sé apostolica, alcançou a confirmação da dignidade real por bulla de Alexandre III de 23 de maio de 1179.

A esse tempo havia já o monarcha comprado o titulo por bem caro preço em quarenta annos de lides contra os infieis. Depois da larga campanha com o imperio leonez os portuguezes tinham escolhido para theatro das suas empezas os territorios sarracenos;



à lucta da desmembração succedêra a de assimilação; e as conquistas de Santarem, Lisboa, Cintra, Almada e Palmella em 1147, as de Alcacer do Sal e de Beja em 1158 e 1162, e finalmente as de Evora, Serpa, Moura e Aljustrel em 1166 haviam constituido a nacionalidade portugueza com a seiva e robustez bastantes para resistir ás procellas que agitavam a Peninsula.

Taes são os lineamentos capitaes da historia da fundação da monarchia. Julgando imparcialmente os homens e as cousas, não hesitâmos em affirmar, que o esforço dos portuguezes n'este longo periodo é uma das manifestações mais solemnes d'essa tenacidade assombrosa, que nem se inebria com o triumpho, nem desanima com os revezes: d'esse affecto generoso e altivo, que nos leva a requestar os perigos como delicias, a affrontar a miseria e a morte para defender a terra que cobre as cinzas de nossos paes; d'essa abnegação nobilissima, que no meio da rudeza da epocha constitue gloria pura e immarcessivel. Volvamos, pois, os olhos para as velhas glorias da patria. O trato dos que foram grandes e fortes livrar-nos-ha talvez do lethargo febril que nos

consome, revocar-nos-ha, porventura, á energia social e aos vividos affectos de nacionalidade. No meio da indiferença ou do terror, que cerca a geração actual, ouvem-se como que umas melodias suaves que vem consolar-nos dos males que nos affligem, e dar-nos animo e ousadia para arrostar as tempestades que se enxergam no futuro. É o cantico de recordações que nos legou o passado, recordações tanto mais fecundas, quanto nos alimentam a esperança de que este paiz tem ainda nobres destinos que cumprir antes de se envolver na bandeira do fundador da monarchia, e de ir, emfim, occupar no cemiterio da historia o largo jazigo das nações que morrem.

## II

### EMPREZA DE ALCACER

1217

Tomando sobre os hombros todos os encargos do penoso e arriseado officio de rei, D. Affonso II occupára os primeiros annos do seu governo em debellar as resistencias domesticas tendentes a restringir as prerogativas da corôa e os interesses do fisco, e sómente se lembrára das tradições guerreiras dos principes anteriores para enviar a Affonso IV de Castella tropas numerosas, que na memoravel batalha das Navas de Tolosa se distinguiram entre as mais esforçadas pela audacia com que se arremessavam á refrega, pela constancia com que resistiam ás fadigas,

pela tenacidade heroica com que aguardavam o embate dos adversários. Em Portugal, todavia, não se tinham commettido contra os sarracenos senão algumas inuteis correrias dos cavalleiros do Templo, de San-Thiago e do Hospital, ou dos concelhos mais proximos das fronteiras do Al-Gharb.

N'essas fronteiras Alcacer era como que a chave de toda a moirisma da Peninsula, e o principal foco de resistencia ao progresso das armas portuguezas. Governava esta praça Abu-Abdallah-Ibn-Wasir-Ach-Chelbi, o mesmo capitão, illustre nas victorias e nos revezes, que em tempo de D. Sancho I sustentára o longo assedio de Silves, e que acompanhára Iacub a reconquistal-a. Com tão ousado vizinho os spatharios e os outros homens de armas, que habitavam áquem do Sado, a custo podiam repellir as incessantes investidas, que transformavam aquellas immediações em vasto campo de batalha, onde no meio de torrentes de sangue se via fluctuar triumphante, ora o pendão de Mohammed, ora o estandarte de Christo. Para um golpe decisivo cumpria aos portuguezes empregar contra Alcacer forças importantes; mas nem as propensões pouco

bellicosas do monarcha, nem o estado dos negocios internos offereciam para tal empreza conjunctura adequada.

Tal era a situação das cousas quando entrou no Tejo uma poderosa armada que transportava para a Syria alguns cruzados do Rheno. Os bispos de Lisboa e de Evora, o abbade de Alcobaça, o commendador de Palmella, muitos cavalleiros illustres, e varios membros das ordens do Templo e do Hospital instaram com os cruzados para que se demorassem em Portugal, e combatessem ahi os ismaelitas contribuindo d'esta sorte para a gloria do christianismo, e alcançando ao mesmo tempo mais avultados despojos do que na devastada Palestina. Accederam muitos ao convite, continuaram outros a viagem, e a armada surta no Tejo ficou reduzida a cem navios. No entanto ao grito de guerra sancta alvoroçava-se todo Portugal, e os reis de Hespanha combinavam-se para romper a um tempo as treguas com os sarracenos.

Feitos os necessarios preparativos, os condes de Hollanda e de Withe, principaes capitães da frota estrangeira, fundearam no Sado, emquanto os dous prelados, o commendador

de Palmella, e varios ricos homens e infanções se dirigiam por terra sobre Alcacer. No dia 3 de agosto de 1217, reunidas todas as forças, tratou-se logo do assalto. Construida no cimo de um monte despenhado, tinha a antiga Salacia duas ordens de fortificações; e as grossas muralhas e torres que a circumdavam, as suas portas tecidas de ferro e carvalho, as tortuosas entradas, os fossos profundissimos, tudo a tornava uma das praças, que, em relação á tactica d'aquelles tempos, podia considerar-se quasi inexpugnavel. Todavia a crença no auxilio celeste e a emulação de esforço davam tal vigor de animo aos sitiadores, que a seus olhos desapareciam obstaculos e perigos. Marcharam, pois, á escala, entulharam as vallas, trabalharam com as machinas de guerra, abriram minas, levantaram tranqueiras, empregaram todo o genero de instrumentos para o assalto, e só depois de reñhidos combates se retiraram aos arrayaes.

Assim correram os dias entre as diversas phases de prolongado assedio, quando a 10 de setembro chegaram em soccorro de Alcacer os governadores das provincias de Badajoz e de Sevilha, os walis de Jaen e de Xerez,

e os cheiks de Sidonia, Ecija e Carmona, á frente de tropas escolhidas, as quaes se avaliavam em quinze mil homens de cavallaria e quarenta mil peões. Acampou o exercito sarraceno a uma legua de distancia dos sitiadores, que se dispozeram logo para a defenza, construindo estacadas e fossos em volta do arrayal. Entretanto o desbarato dos christãos seria inevitavel se durante a noite não chegasse Pedro Alvitiz com muitos cavalleiros do Templo e do Hospital, varios fidalgos de Portugal e de Leão, e numerosa infantaria, bem armada e aguerrida. Com este auxilio cobraram animo os cercadores, e apromptaram-se para a lucta, ainda assim desigualissima.

Na madrugada seguinte á vinda d'esses socorros os trezentos cavalleiros, que desde o começo tinham assistido ao cerco, sahiram a vigiar o campo e avizinham-se dos pagãos, epitheto com que na sua ingenua rudeza nossos avós designavam os mussulmanos. Descobriram estes os portuguezes, e correram a perseguil-os. Firmes como o cedro ameaçado do furacão, os valentes guerreiros não recusaram o combate, mas depois de porfiada bri-

ga tiveram que desistir e retirar-se, porque o numero dos inimigos era cem vezes maior. Lançando ás costas os escudos, onde as frechas e dardos dos sarracenos ciciavam como granizo espesso, vieram em vertiginosa corrida acolher-se ao acampamento. Entretanto os sitiadores, vendo approximar os infieis, dispozeram-se para encetar a batalha. Foi na vasta campina em face de Alcacer que sarracenos e christãos se encontraram. Deixando a gente dos cruzados em redor das muralhas para obstar a alguma sortida dos sitiados, o mestre do Templo, o commendador de Palmella, os freires das tres ordens militares ali reunidas, e os cavalleiros e homens de armas de Portugal e de Leão arremessaram-se denodados á multidão dos infieis. Estes pararam diante de tal audacia, mas logo que o primeiro assombro se desvaneceu apinharam-se cegos de furor, pretendendo envolver os temerarios, que tinham ousado affrontal-os. Aos portuguezes, porém, a febre dos combates deslumbrava os animos, e ao travar-se a peleja julgaram ver no ar um tropel de cavalleiros, que como os templarios traziam cruces vermelhas nos amplos e alvos mantos, e que com as espadas



percucientes prostravam os inimigos. A allucinação, dando-lhes a certeza da victoria, multiplicou-lhes as forças, e em breve as fileiras dos mussulmanos, já forçosamente desordenadas pela rapida carreira com que tinham acosado os exploradores, se dispersaram fugindo em completa derrota. Parte dos fugitivos precipitaram-se no Sado, e as aguas devoraram muitos que o ferro talvez pouparia. Tres dias durou a carnificina, perto de quinze mil cadaveres juncaram o campo, e innumeraveis prisioneiros constituiram o despojo d'esta famosa batalha.

Soberbos com o triumpho, os christãos tentaram de novo o assalto, mas a guarnição da praça, não obstante ter perdido todas as esperanças de soccorro, resistiu com tal energia que os assaltantes tiveram que recuar. Conhecendo a impossibilidade de escalar aquelles baluartes, os sitiadores estreitaram de novo o assedio, e assim gastaram ainda muitos dias entre combates e fadigas, até que Abu-Abdallah, vendo que todo o esforço dos seus não conseguiria manter por mais tempo os largos pannos de muros d'aquella arruinada fortaleza, propoz render-se. Aceitou-se a ca-

pitulação, mas foram duras as condições impostas. Os habitantes ficaram captivos, os ricos despojos do sacco dividiram-se entre os sitiadores, e a posse d'aquellá importantissima praça foi para Portugal o resultado d'esta gloriosa empreza, que retumbou na Africa e na Europa como terrivel resposta ás invasões de Iacub no reinado de D. Sancho.

### III

ULTIMOS ANNOS DE D. SANCHO II

1245 a 1247

Era devéras tumultuaria a situação do reino na epocha que pretendemos esboçar. Bandos de salteadores, para quem o viver era acaso e a morte espectáculo quotidiano, assolavam os campos, infestavam as povoações, e refugiando-se nos logares de asylo zombavam do castigo; os officiaes publicos, attentos principalmente a saciar a propria crueldade e cubiça, commettiam em nome do fisco toda a casta de prepotencias; e a propriedade, invadida e devastada, em vão pedia segurança e invocava as leis. Na cõrte o desbarate das rendas publicas tornava desastrado e teme-

roso o estado da fazenda, os ministros succediam-se rapidamente, e as luctas de valimento multiplicavam-se, não se astringindo á guerra de tenebrosos enredos, mas semeando crueltas discordias, que depois encontravam nos solares, nos mosteiros, nas municipalidades, nos herdamentos, nas maladias, nos páramos, terreno fertil para germinarem, crescerem e fructificarem. A anarchia, emfim, era por todo o paiz como os fogos de terreno vulcanico; ao passo que n'uma parte se extinguia o incendio, rebentavam em outras turbilhões de chammas.

Dotado de indole generosa, D. Sancho II procurára ao principio attrahir todos os animos turbulentos e ambiciosos para um pensamento unico, collocando-se á frente dos barões, dos cavalleiros nobres, dos homens d'armas, da cavallaria e bésteiros dos conceelhos para continuar a guerra de crença e de raça, no seio da qual a nação surgira, e que parecia ser para ella um dos primeiros elementos de vitalidade e robustez. Nos campos de batalha, sobresahindo entre os guerreiros mais esforçados, mostrára-se digno neto do fundador da monarchia, conquistára muitas

povoações mussulmanas de grande monta, taes como Elvas, Serpa, Juromenha, Aljustrel, Arronches, Mertola, Ayamonte e Tavira, e finalmente dera á auctoridade real o prestigio das victorias; mas as desordens do governo interno invalidaram em grande parte o resultado. das batalhas com que se dilatavam as fronteiras pelos dominios sarracenos. Depois o principe, que durante largo espaço quasi nunca descançára a espada de conquistador, e que ao mesmo tempo pretendêra pôr em practica as severas leis de seu pae com relação ao clero, deixára esmorecer o esplendor da gloria em annos de indolente repouso; e os prelados portuguezes aproveitando os descontentamentos e perturbações que enfraqueciam a acção da corôa, começaram a trabalhar com fundada esperanza n'essa longa têa de enredos, de corrupção e de hypocrisia, cujo remate tinha de ser a deposição do monarcha.

Varias circumstancias, dentro e fóra do paiz, auxiliavam mais ou menos os designios facciosos. Consistia a principal na situação em que estava o papa, cuja intervenção era indispensavel, não obstante já ter Roma per-

dido, pela dobrez e perfidia da sua politica, grande parte da força immensa que havia conseguido com as virtudes austeras dos primitivos padres. A Gregorio IX succedêra na thiara Innocencio IV, intelligencia elevada e energica, mas animo irascivel, ambicioso e indomito, que logo mostrára querer sustentar com vigor as antigas doutrinas de Gregorio VII e de Innocencio III. Era o novo papa affeiçãoado a Frederico II, imperador da Allemanha, mas este só viu no exito da eleição a perda de um amigo, e não teve esperança de que terminassem as luctas implacaveis e freneticas, que, accendendo a irritação em todos os animos, dividiam o sacerdocio e a realeza. De feito, depois de muitas negociações e tumultos, Innocencio, perseguido e expulso de Italia pelo imperador, e repellido de França por S. Luiz, de Hespanha pelo rei de Aragão, de Inglaterra por Henrique III, dirigiu-se a Lyão, e ahi tratou logo de reunir um concilio para depôr Frederico. No seu animo deviam, pois, causar profunda impressão as amargas queixas dos prelados portuguezes, e movel-o a desthronisar o principe que ousava resistir ao poder ecclesiastico, esquecendo-se não só

de que a sociedade civil era apenas imagem grosseira da sociedade catholica, mas até do signal de vassallagem, que outr'ora se offercêra á sé apostolica, e que tornava o paiz de certo modo tributario do solio pontificio.

As circumstancias internas favoreciam tambem a empreza. Os interesses oppostos, os ciumes do poder, os odios que resultavam da vehemencia das paixões, a cubiça, a depravação de costumes, o amor de licenciosa independencia, todas as desordens communs em tempos de ignorancia e fereza, achavam então ensejo favoravel para se patentearem com audacia; muitos fidalgos, alem dos que haviam seguido a França o conde de Bolonha, eram adversos a D. Sancho; e o povo, offendido pelo esforço brutal—com que os nobres exerciam impunes tanta oppressão, quanta lhe permittiam a extensão dos seus dominios e a fortaleza dos seus castellos, parecia indifferente á sorte do monarcha. Finalmente D. Sancho, impellido pela mais energica das paixões humanas, o amor contrariado e impetuoso, casára com a viuva de Alvaro Peres de Castro, D. Mecia Lopez, filha do senhor de Biscaya, Lopo Dias de Haro, e de

D. Urraca, bastarda de Affonso IX de Leão; e esse consorcio augmentára ainda a desorganisação interna do reino, pela desigualdade da alliança, e pelas emulações e despeitos que desde logo suscitára.

Em tal conjunctura só faltava aos conspiradores encontrar um chefe, capaz de substituir no throno o desditoso monarcha. D. Affonso, irmão de D. Sancho, e conde de Bolonha pelo seu casamento com a condessa Mathilde, foi o indigitado. Talento militar e politico, tinha sido elle um dos que mais se haviam distinguido na famosa batalha de Saintes, dada por S. Luiz a Henrique III de Inglaterra; ambição energica e tenaz, podia pela nobreza do nascimento, pela indole altiva e valorosa, e pela influencia dos fidalgos que de Portugal o tinham acompanhado, reunir em volta de si todos os interesses feridos, e ser efficaz instrumento do trabalho dos conjurados.

Julgando, portanto, o terreno preparado, e tendo a quasi certeza de realisar amplamente esperanças por muito tempo affagadas, partiram para Lyão os prelados do Porto e de Coimbra e outros descontentes a reunir-se com o arcebispo de Braga, e ahi se



queixaram ao pontifice, attribuindo a D. Sancho o estado lastimoso a que havia chegado o reino. Acolheu Innocencio de bom grado os prelados portuguezes, predisposto já em seu favor pelas negociações anteriores, expoz o assumpto ao concilio, e na semana immediata ao encerramento d'essa notavel assembléa, expediu aos barões, concelhos, cavalleiros e povo de Portugal uma bulla, declarando os varios delictos praticados por D. Sancho, e nomeando para a regencia do reino o conde de Bolonha.

Escudado com as comminações do pontifice, e depois de ter assignado as vergonhosas promessas de subserviencia ao poder absoluto, illimitado, omnimodo do clero, promessas que só esqueceu quando viu que o podia fazer sem perigo, partiu D. Affonso para Portugal, onde de feito chegou nos principios de 1246. Não alcançou, porém, immediatamente a realisação dos seus desejos. Muitas povoações importantes sustentaram seu preito ao monarcha, muitos cavalleiros-villãos e bés-teiros dos municipios resistiram á usurpação, e entre os proprios membros do clero encontrou D. Sancho quem não fraqueasse ante as

poderosas armas do conde de Bolonha, e o stygma espirital das censuras.

Teve, pois, o infante de recorrer, por um lado aos assedios e batalhas, por outro ás dadas, ás promessas, ás seducções de toda a especie; e se em muitos cavalleiros e alcaides de castellos os calculos interesseiros, as ligações de parentesco, a recordação de antigos agravos tomaram o passo sem escrupulo ás mais justas considerações, alguns houve tambem que pelo nobre procedimento constituem exemplos memoraveis de lealdade e energia. A defesa de Coimbra por Martim de Freitas, em que este teve de vencer a audacia e vantagem dos sitiadores, e o desalento e desespero da propria guarnição, abatida pelas fadigas, pela fome, pela sêde, e acaso pelos terrores que gerára o anathema pontificio, é d'aquelles grandes factos que symbolisam uma epocha; mas quando a tradição não referisse outros, ou quando a todos faltassem bons testemunhos historicos, a diuturnidade da contenda, em tempo que não existiam exercitos permanentes, provaria por si só o denodo e constancia dos fieis partidarios de D. Sancho.

Apesar de tudo, porém, a fortuna das armas pendeu para o lado do infante, e o infeliz monarcha, depois de se ter defendido com a coragem que sempre mostrára no fervor dos combates, teve, emfim, de socorrer-se á alliança com Castella. Um corpo de tropas castelhanas, capitaneado pelo valente conquistador de Murcia, o filho primogenito de Fernando III, e de que tambem fazia parte Diogo Lopez de Haro, irmão de D. Mecia, veio dar novo alimento á guerra, que se prótrahiu até os fins de 1247. Chegou já tarde, contudo, esse socorro. A ambição e astucia de D. Affonso, juntas a valor intrepido, tinham aproveitado todos os recursos para se firmar em bases solidas o novo poder, e os intuitos generosos, tanto da invasão, como das diligencias perante a curia romana, a que ainda recorreu o principe castelhanao, foram completamente mallogrados.

Vergado o animo pela desdita, D. Sancho preferiu o desterro a viver captivo na patria, debaixo do jugo do irmão, e escolheu Toledo para residir. O exilio veio então completar-lhe a escola do infortunio. O orgulho offendido, o desejo de vingança, a compaixão pelas

desgraças da patria, os remorsos dos erros commettidos, as vãs esperanças, emfim, que nunca abandonam o desgraçado, rebatiam-se, travavam-se, recuavam, succediam-se, consumindo-lhe o coração. As memorias saudosas da terra de que fôra senhor, gravadas como sêllo de amargura no intimo da alma, tornavam-lhe detestavel o presente pelo contraste do passado. Capitão victorioso em muitos combates, flagello e terror dos sarracenos, tinha-se engrandecido com gloriosos feitos de armas no conceito de amigos e de inimigos, de naturaes e de estranhos: depois conhecêra por dolorosa experiencia as intrigas da politica, as conspirações dos partidos, as ingratições e perfidias dos validos, o ciume e rancor dos despeitados; e a final via-se deshonrado por uma sentença calumniosa e infamante, desprezivel para o povo que só applaude o triumpho, e podendo a custo desafogar em actos de piedade e penitencia a dôr causada na sua alma pelos vicios, pelas torpezas, pelas traições, pelas negruras d'aquelles de quem mais devia esperar lealdade e verdadeiro affecto.

Na solidão irremediavel do desterro abre-

viou-se-lhe a existencia, a fronte curvou-se para a terra, e antes de passar um anno depois de foragido (janeiro de 1248) falleceu em Toledo, pedindo em testamento que o sepultassem no mosteiro de Alcobaca, onde jaziam as cinzas paternas. Nem essa ultima vontade, porém, lhe foi cumprida. Ha infortunios que perseguem o homem ainda alem da campa.



## IV

### CORTES NO TEMPO DE D. AFFONSO II

**1250 a 1273**

Desde a invasão dos visigodos existiram nas Hespanhas as juntas, curias solemnes, concilios ou parlamentos, que moderavam o poder do rei, e de alguma fôrma exerciam funções de soberania. Essas assembléas, porém, eram unicamente compostas dos preladados seculares e regulares, e dos proceres ou chefes da nobreza. O alto clero escorava o seu poder nos privilegios que lhe estavam vinculados, na opulencia dos proprios domínios, e na influencia dos interdictos e excommunhões, que, conforme o pensamento theo-

cratico dominante então na christandade, aterravam indistinctamente o throno e as multidões. A casta nobre estribava a sua força na linhagem, nas riquezas, nos feitos de armas, e sobretudo nas instituições e costumes, que, recordando a cada momento a auctoridade dos antigos capitães das hostes germanicas, davam immenso prestigio aos seus descendentes. Estas duas classes tinham commumidade de interesses; ambas possuíam castellos e senhorios; ambas se compunham de homens de guerra ou os dirigiam; ambas, digamos assim, se confederavam por esse imperioso instincto de vida, que se dá nos corpos collectivos da mesma sorte que nos individuos. Os burguezes, os homens de trabalho, os villãos nada pesavam na balança das graves questões do estado; repellidos de toda a escala nobiliaria, aptos apenas para as contribuições de sangue, dinheiro e serviços, não eram considerados como elemento politico. A mesma exclusão continuou depois da resurreição da monarchia gothica nas asperas serranias das Asturias, e da sua gradual expansão pelos territorios sujeitos ao dominio sarraceno, e só nos fins do seculo XII



é que no reino de Leão foram admittidos nas assembléas politicas os procuradores ou representantes das communas. Os phenomenos especiaes que distinguem a indole dos diversos estados da Peninsula reproduziram-se em Portugal, e o antigo uso wisigothico leonez de sómente se convocarem para a curia os membros da ordem ecclesiastica e da principal nobreza prevaleceu ainda nas côrtes congregadas em Coimbra, nos fins de 1228 ou principios de 1229.

A D. Affonso III coube a gloria de proseguir e desenvolver o systema dos reis seus antecessores a favor dos municipios, por meio de leis e providencias, na verdade grosseiras e incompletas, mas que, apesar da sua imperfeição, crearam seguros abrigos para as classes populares, e organisaram de modo duradouro a resistencia dos fóros de liberdade contra as violencias dos poderosos, resistencia que o direito publico dos nossos tempos tem confiado, nem sempre efficazmente, á ficção das garantias individuaes. D. Affonso obtivera a corôa das mãos do clero e da fidalguia, á custa de concessões e promessas onerosas e nocivas; os laços sociaes, assaz fra-

geis n'aquellas eras pela rudeza e desharmónia das instituições, haviam-se tornado ainda mais frouxos pelos acontecimentos dos ultimos annos; o paiz, empobrecido e devastado, continuára nas mesmas circumstancias que tinham dado origem ou pretexto á guerra civil no reinado antecedente; para contrabalançar, todavia, tantos perigos o ambicioso successor de D. Sancho II forcejou por mostrar-se digno do poder supremo, multiplicando o numero dos concelhos, outorgando-lhes privilegios e franquias, convertendo-os em fim, n'uma entidade politica, audaz, energica e poderosa. Esse pensamento que se revela em todos os actos do monarcha, faz com que desviemos os olhos da ausencia completa de escrupulos, que lhe macula o character, para admirarmos principalmente a ousada e fecunda iniciativa. O seu reinado foi epocha de verdadeiro progresso na agricultura, no commercio, no avultado incremento da riqueza, nas relações da vida civil, na organização da justiça, no melhoramento da fazenda publica; quando, porém, não offerecesse todas essas circumstancias importantes e grandiosas, mereceria ainda assim a attenção da historia

pelo modo por que então se fortaleceram os gremios municipaes.

Grande parte dos actos legislativos de D. Affonso III deriva das côrtes celebradas no seu reinado. São as primeiras as de Guimarães de 1250. Estas côrtes foram convocadas, a fim de remediar as largas feridas, que a guerra civil e estrangeira rasgára no corpo do paiz, dando terrivel incremento ás difficuldades politicas e economicas, ás rixas das linhagens e dos individuos, e aos habitos de ferocidade e rapina, vulgares por aquelle tempo até no seio da paz. A lucta constante em que viviam não só as classes privilegiadas, mas até as povoações do mesmo paiz e os habitantes da mesma povoação, espectáculo que ainda nos entristece, não obstante apparecer-nos atravez do nevoeiro de tantos seculos, — o desequilibrio entre os diversos elementos politicos, — a barbaria moral, que baralha e confunde muitas e grandes virtudes com a perversão e fereza dos costumes, — a ignorancia extrema, que lavrava por toda a parte, na nobreza por systema, no clero por negligencia, no povo por carencia absoluta de ensino, — tudo tornara necessaria e instante

a convocação de uma assembléa, onde se tratasse de contrapôr diques a essa torrente de calamidades. Dos assumptos ahi ventilados restam-nos os queixumes do arcebispo de Braga sobre os agravos feitos em geral ao clero; os artigos especiaes offercidos pelos bispos da Guarda, Porto e Coimbra; as respectivas respostas do monarcha; a lei de 24 de janeiro de 1251, que, como o indicam fortes probabilidades, contém as decisões tomadas sobre os agravamentos da nobreza; e acaso ainda outras leis d'esse reinado, ás quaes não se pôde designar data precisa. Infere-se d'esses documentos que, apesar de não serem adoptadas as providencias severas que as circumstancias porventura exigiam, se coarctaram ao menos, até onde foi possível, alguns abusos, e se cohibiram os roubos e assolações, que se praticavam (em virtude dos homizios entre solar e solar) contra os pacificos e indefesos agricultores das respectivas honras ou terras senhoriaes.

Na primavera de 1254 convocou D. Affonso III novas côrtes, que se reuniram em Leiria. Pouco tempo funcionaram ellas, mas esse curto praso empregou-se em satisfazer ás

queixas e petições dos povos, revalidar os privilegios e immunidades de alguns concehlos, confirmar doações, outorgar reparação aos aggravos de varios mosteiros, promover, emfim, a povoação do reino, especialmente no Alemtejo, fazendo renascer das suas cinzas as antigas villas e aldeias, creando outras novas, e attrahindo para aquelles centros familias que cultivassem os campos, e edificassem os burgos, os villares, os casaes, as habitações insuladas.

Das côrtes celebradas n'esse anno, e talvez das de 1250, data o serem chamados a intervir nos parlamentos nacionaes os procuradores ou deputados dos municipios. O povo, humilhado pela nobreza e pelo clero, porque os fragmentos de feudalismo, que penetraram em Portugal, trouxeram os males e oppressões d'aquelle systema, sem que trouxessem os seus beneficios, ergueu, a final, a voz, por meio dos seus representantes, ao lado dos bispos, dos mestres das ordens militares, dos opulentos abba-des, dos poderosos vassallos da corôa; invocou os direitos, que lhe competiam; affirmou a sua importancia e valor; e ao mesmo tempo transformou de algum modo o conflicto de interes-

ses locais em unidade e harmonia de interesses communs. No meio da sua humildade, sob o peso, até, de toda a casta de extorsões, os gremios populares tinham-se robustecido lenta mas incessantemente; com a protecção do rei e a ingerencia na resolução das questões politicas constituiram desde logo entidades moraes, fortes e activas; e se a sua influencia no progresso social da nação não foi nem podia ser prevista até á derradeira consequencia, é certo, comtudo, que immediatamente se patenteou como elemento importante contra as violencias dos poderosos. Para esta alliança do soberano com os concelhos, alliança que começára no berço da monarchia, e que se tornou estreita e intima no reinado a que nos referimos, existiram solidos motivos. Não resultariam elles de uma convicção profunda e permanente, de um raciocinio logico e preciso, mas provieram ao menos de uma especie de instincto, que as resistencias dos barões e dos prelados naturalmente suscitaram nos monarchas. D. Afonso III, ligando-se, pois, com os municipios, para resgatar o throno das mãos da aristocracia, fortalecer e organizar a socie-

dade, deu um grande passo para a tremenda lucta, que, partindo em pedaços a escala immensa do privilegio, só terminou, decorridos dous seculos, pela ruina da nobreza no reinado de D. João II.

Em 1261 levantaram-se geraes clamores, pedindo a convocação de côrtes, a fim de n'ellas se ventilar o direito que a corôa se arrogava de britar moeda, direito que consistia em alterar o valor nominal da antiga, ou em refundir a prata e devovel-a á circulação com augmento de liga. Já em 1254 D. Affonso III tentára lançar mão d'esse ruinoso systema, que em toda a Europa os principes tinham adoptado para satisfazerem as necessidades do fisco ou accumularem thesouros; fôra, porém, constringido a ceder diante das resistencias da fidalguia e do clero, e promettêra conservar por sete annos a moeda antiga sem quebra ou mudança alguma. Findo este praso, procurou de novo recorrer ao mesmo expediente, mas as reclamações dos subditos obrigaram-n'o a convocar as côrtes para Coimbra, onde de feito ellas se reuniram nos principios de abril d'esse anno de 1261. Depois de larga discussão em

•

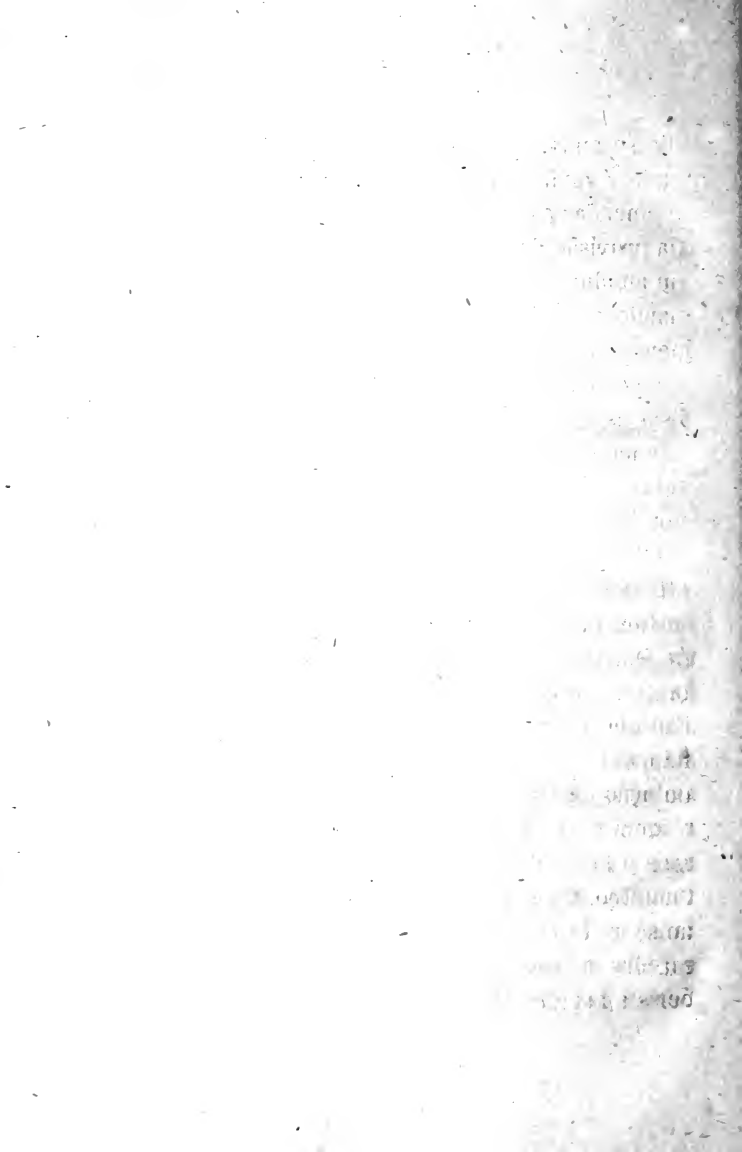
que por uma parte se pretendeu legitimar o facto de quebrar moeda, allegando-se o direito consuetudinario dos reis de Portugal e Castella, e em que por outro lado se ponderaram energicamente os damnos e gravames, que nas transacções e em todas as outras phases da economia particular e publica produziam aquellas fluctuações do valor monetario, convencionou-se que ás moedas antigas fosse restituído o primitivo preço, que nunca mais n'ellas se fizesse alteraçãc, e que as novas moedas já cunhadas valessem com referencia áquellas na proporção de quatro para tres. Para compensar o desfalque que essas resoluções iriam de certo causar nos cofres do erario, empobrecido pelas largas doações feitas á nobreza, a qual já absorvéra em grande parte os bens da corôa, estabeleceu-se um imposto sobre a propriedade, que one-rou exclusivamente a classe popular, mas que esta ainda assim acceitou de boa vontade, como unico meio de evitar os deploraveis effeitos da viciação da moeda.

As ultimas côrtes d'este reinado foram celebradas em Santarem pelos fins de 1273. D'ellas nos restam a lei de 18 de dezembro



d'esse anno, constituindo uma especie de alcada, á qual se deram poderes para correger e emendar os males do reino; e a revalidação da provisão de 1265, exceptuando das aduas ou anúduvas certa classe de pessoas, e ordenando que ninguem estivesse sujeito a esse penoso tributo de serviço pessoal senão em tempo de guerra ou de extrema necessidade. Esta assembléa, convocada para protrahir o momento de tomar uma resolução definitiva sobre as queixas do clero e as exigencias do pontifice Gregorio X, não deu origem a outros actos legislativos, que possam com certeza attribuir-se-lhe.

Taes foram as côrtes celebradas em tempo de D. Affonso III, assembléas devéras importantes, que marcam uma epocha notavel na historia das nossas instituições politicas. Tal foi o primeiro symbolo e o mais antigo ensaio do nosso governo representativo. Tal foi a origem d'esse terceiro estado, a que se chamou o Braço do Povo, elemento humilde mas energico, que, crescendo e fortalecendo-se ao sôpro das procellas e atravez das transformações sociaes, produziu no fim de seis seculos a arvore robusta da liberdade.



## V

### INSTITUIÇÃO DA ORDEM DE CHRISTO

1319

A idéa de conquistar e defender os logares sanctos, idéa generosa e entusiastica, que seria fecunda em beneficos resultados, se nas formulas que a traduziram não houvesse sido por vezes desviada do seu alvo, tinha arrojado para a Syria muitos guerreiros de ambição ou de fé ardente, que iam buscar n'aquellas remotas regiões melhor fortuna ou mais segura salvação. No seio d'essa multidão tumultuosa formaram-se as ordens jerosolimitanas do Templo, do Hospital e do Sepulchro, e d'ellas sahiram em grande parte os famosos heroes das guerras da Palestina. Guiando nas

batalhas as forças dos cruzados, gente collecticia, infrene, e desunida entre si por diferenças de lingua, de patria, de principes, de leis, de memorias, usos e costumes, os monges cavalleiros arremessavam-se, serenos e impavidos, no meio dos esquadrões inimigos, e quando não alcançavam a victoria sabiam perecer nobremente. Entre esses homeis, porém, cujo ardimento jamais affrouxava, e que pelejavam sem descanso contra os sectarios do islamismo, sobresahiam os templarios pelo esforço indomavel, pela severa disciplina, pela experiencia da guerra, e pelas solemnidades mysteriosas e symbolicas, que os cercavam, digamos assim, de uma auréola de terror.

Essa ordem, todavia, era altiva, irascivel e insoffrida de todo o jugo. Em quanto se pelejou na Asia, a soberba e a ousadia utilisaram-se na lucta contra os infieis, povos numerosos e aguerridos, ligados pelos estreitos laços de crença e patria communs; depois, quando as repetidas lições da desgraça foram amortecendo a confiança nas fagueiras illusões que por tantos annos tinham animado as cruzadas, essa milicia resgatou gloriosamente as

suas culpas, defendendo a palmo e palmo a terra sancta; ao refluirem, porém, para a Europa, perdido definitivamente o reino christão da Palestina, os cavalleiros do Templo lançaram a perturbação e a desordem em muitos dos estados em que entraram.

Poderosos, ricos e privilegiados, destros nas armas e unidos na vontade, os templarios pesaram logo com toda a sua força na balança dos acontecimentos politicos, e aproveitando os interesses oppostos, as rivalidades dos barões feudaes, os odios de familia, a cubiça dos monarchas, a miseria dos povos, alcançaram quasi sem resistencia incontrastavel predominio. Os erros, todavia, as paixões, os vicios contrahidos na Syria eram outras tantas arvores venenosas, cujos fructos juncavam a terra; e essa mesma illimitada influencia devia irritar os povos e os principes, e dar azo a profundas collisões. Foi o que pouco tardou a realisar-se. Como os vulcões que só depois de successivos abalos rebentam em violenta erupção, expellindo aos turbilhões a lava e o fumo por todo o ambito da negra cratera, assim as diversas causas de aversão contra os templarios lavraram a passo e passo nos ani-

mos até chegarem a manifestar-se em scenas de atrocidade. Accusações de actos sacrilegos, occultamente praticados, levantaram-se por toda a parte, e as calumnias mais absurdas foram por isso mesmo as que mais credito mereceram ao vulgo, o qual prefere quasi sempre o maravilhoso ao verdadeiro. Então Philippe, o *Bello*, rei de França, empolgando o ensejo, e esquecendo-se de que no domicilio da ordem encontrára protecção e amparo nos dias da adversidade, mandou inesperadamente prender todos os freires do Templo, residentes no reino, tomando as necessarias cautelas para que não podessem fugir. Diante da vontade do monarcha, n'esse ponto em perfeito accordo com o rancor popular, era impossivel ouvirem-se os brados da rasão e da justiça; e as infamias e iniquidades do processo, os tormentos e supplicios adoptados completaram um systema de perséguição digno dos pagãos, quando procuravam afogar em sangue o christianismo nascente. Irritou-se o papa Clemente V com o procedimento de Philippe, mas depois de porfiosa insistencia a cubiça venceu os escrupulos. A final uma bulla, proclamando a abolição da ordem do

Templo, estendeu a todos os estados da christandade a politica de exterminio, circumscripta no principio aos dominios do rei de França.

Reinava D. Diniz em Portugal quando a nova do terrivel successo retumbou de um ao outro extremo da Europa. Em todos os reinos christãos da Peninsula tinham os templarios prestado valiosissimos serviços, e levado grande vantagem aos outros homens de armas, entre os quaes muitas vezes falhava a força que resulta sempre da unidade de pensamento e simultaneidade de acção. Em Portugal, porém, haviam elles, com a lança n'uma das mãos e a enxada na outra, concorrido em grande parte para a expulsão dos sarracenos, desbravado charnecas inhospitas, povoado montões de ruinas, dando ao mesmo tempo provas constantes de fidelidade exemplar, e não offerecendo sequer o inconveniente de estarem as suas preceptorias ou commendas sujeitas de facto a vassallos de soberanos estrangeiros. N'estas circumstancias o monarcha portuguez, em vez de aproveitar a condemnação dos templarios para os espoliar das avultadas riquezas que possuíam,

imitando assim o exemplo de outros soberanos, e satisfazendo as naturaes propensões de avareza, que transsudam aliás dos actos capitaes da sua vida, resolveu oppôr diques a essa torrente de implacavel perseguição. Na impossibilidade de negar absolutamente obediencia ao pontifice sobre assumpto em que, segundo as idéas do tempo, toda a legitimidade e poder dos principes só derivava da egreja, dissolveu a ordem, mas não consentiu que fossem presos os templarios, e guardou como em deposito os bens que lhes pertenciam.

Todavia o animo justiceiro de D. Diniz conheceu que este procedimento, embora desinteressado, era insufficiente homenagem ao passado glorioso d'esses guerreiros do christianismo, que, derribando o estandarte de islam nos roqueiros castellos do Al-Gharb, tinham firmado e robustecido a independencia de Portugal. Meditou, portanto, no modo de conciliar com os deveres á sancta sé o affecto á ordem do Templo, cuja existencia era ainda de summa importancia para o reino. A sagacidade natural e o conhecimento dos negocios suggeriram-lhe o pensamento de trans-



fundir os templarios para o seio de uma ordem creada de novo, resuscitando, por assim dizer, o Templo debaixo de epitheto diverso. Proseguindo logo no empenho de realizar esse projecto, escreveu ao papa João XXII, que succedêra na thiara a Clemente V, pedindo-lhe a necessaria confirmação. Anuiu o summo pastor ás supplicas do principe portuguez, e aos 14 de março de 1319 expediu de Avinhão, onde por esse tempo residia, a bulla que instituia em Portugal uma nova corporação monastico-militar, denominada a ordem de Christo. Tinha esta milicia, com mais efficazes auspicios de duração, a mesma regra que a dos templarios, dominavam-n'a as mesmas idéas, conservava os mesmos senhorios, privilegios e isenções, entraram n'ella todos os antigos freires, e D. Diniz, quando lhe entregou os bens com que a dotava, deciarou expressamente que a ordem de Jesus Christo se fundára em substituição da do Templo.

Decorrido pouco mais de um seculo, um grão-mestre d'essa ordem, o infante D. Henrique, principe de espiritos altissimos, intentava só com os recursos da ordem, o descobrimento de aguas, ilhas e costas, que as vastas

solidões do oceano tinham até então escondido; e dava assim o primeiro passo no caminho que levou o imperio portuguez a todas as partes do mundo, transformando em reino poderosissimo um dos mais pequenos estados da Europa, e confederando os povos mais remotos com os vinculos fortissimos da industria, do commercio, da civilisação, do christianismo.

## VI

### BATALHA DO SALADO

1340

Reinava em Portugal D. Affonso IV, e em Castella seu genro Affonso XI. Protrahia-se com varia fortuna a guerra entre as duas nações, porque os vinculos de familia não tinham podido suffocar as discordias entre os principes, quando o rei de Fez, Aly-Abul-Hasan, preparando-se para invadir a Hespanha, reuniu um dos mais famosos exercitos, que atravessaram o Estreito emquanto o crescente dominou na Peninsula. Apparelhado tudo para a expedição, começou o embarque dos sarracenos, e no decurso de cinco mezes quasi não se passou um dia, sem que as galés mus-

lemicas viessem despejar nos portos de Gibraltar e Algeiras novos esquadrões de soldados. Reuniram-se a estes as tropas do rei de Granada, Jusef-ben-Ismail, e sitiou-se logo Tarifa, povoação importante e excellente ponto strategico para proseguir a invasão e conquista.

Defendia-se energicamente a guarnição da fortaleza. A presença da armada christã, que fundeára proximo á cidade, impedia de algum modo o transporte de viveres e munições para o campo dos mussulmanos; e dava ao mesmo tempo aos cercados a esperança de soccorro ou de refugio. Em breve, porém, uma terrivel borrasca destruiu-a completamente, e tudo então pareceu annunciar que ia bater a derradeira hora do dominio da cruz n'aquellas terras, regadas já com o sangue de tantos martyres.

Em presença do perigo, o orgulhoso Affonso XI tratou de celebrar pazes com o sogro, e de lhe solicitar a alliança, a fim de resistir á procella que ameaçava rebentar sobre os seus estados. Cedendo á força das circumstancias, e humilhando-se perante aquella que tanto offendêra e ainda odiava, enviou sua mulher

a el-rei de Portugal, rogando-lhe prompto e poderoso auxilio; e depois veiu elle proprio pedil-o, ponderando a multidão dos barbaros, o aperto do sitio em que estava Tarifa, o risco com que se defendiam os cercados e o muito que importava a brevidade de soccorro, da qual dependia talvez a sorte de toda a Hespanha. Satisfez D. Affonso IV a instante supplica, e dentro de breve tempo partiu para Sevilha, á frente de lustrosa companhia de gente escolhida, posto que pouco numerosa, adiantando-se ao grosso do exercito, que tinha de marchar mais lentamente por causa dos petrechos de guerra e providimentos.

Juntos os dous monarchas, convocaram-se os prelados, os barões, os mestres das ordens militares, os ricos homens, e entre todos se disputou a conveniencia de soccorrer Tarifa. O susto fez ahi seu officio, e muitos aconselharam se entregasse a praça aos mouros como condição de paz, evitando-se uma lucta, que n'aquella conjunctura só por milagre não seria funesta. Venceu, porém, o voto contrario, que foi o do rei portuguez e o dos seus vassallos, e depressa o enthusiasmo sub-

stituiu pela confiança o temor. Achavam-se ali reunidos os principaes cavalleiros das duas nações rivaes; tinham de ser avaliados uns pelos outros onde mais arriscada fosse a lucta; e tanto bastou para que a emulação de esforço se accendesse em todas as veias, exaltasse todos os animos, dominasse todas as vontades. Resolvida, pois, a guerra, dirigiram-se sobre Tarifa os dous monarchas, fazendo pequenas jornadas por esperarem as tropas que de instante a instante engrossavam o exercito; e no dia 27 de outubro, ao cahir da tarde, avistaram, emfim, a multidão dos infieis, cujas tendas, derramadas pelas raizes dos montes e pelos cimos dos outeiros, formavam como que uma cidade vastissima, cercada por selva de lanças.

Logo que nas asperas cumiadas de *Peña del Ciervo* fluctuaram os pendões de Castella e de Portugal, juntos ao estandarte da cruzada, as tropas mussulmanas, que se calculavam em sessenta mil homens de cavallaria e quatrocentos mil infantes, unindo-se com a rapidez do relampago e deixando o recinto das tendas, arrojavam-se para as margens do Salado, e ahi aguardaram firmes o accommetti-

mento dos inimigos. A noite, porém, approximára-se, e os principes christãos não quizeram no meio das trevas começar a terrivel batalha, em que a fortuna das armas tinha de resolver se os filhos da Peninsula deviam de novo curvar-se ao jugo dos africanos.

No dia seguinte já o sol ia alto, quando o som das trombetas, dos tambores, das charamelas, dos anafis, dos atabales deu o signal de combate. O exercito portuguez, entoando o psalmo *Exurgat Deus*, arremeça-se pela planicie, transpõe o rio por entre milhares de frechas, que ferem os ares como sarai-va espessa, e encontrando-se com a hoste do rei de Granada trava uma lucta implacavel, frenetica, vertiginosa. No meio da ebriedade do sangue baralham-se amigos e inimigos; as espadas relampejam nas espadas; as lanças, topando em cheio nos escudos, nos capacetes, nos arnezes, dão um som profundo, que se mistura com o crepitar d'aquellas que voam despedaçadas; muitos ginetes correm á solta, nitrindo de espanto e de terror; muitos cavalleiros pelejam a pé; e os elmos e cervilheiras rodam pelo chão fendidos e amolgados. A final os mussulmanos vacillam, e as

suas fileiras, vergadas em semicirculos, recuam ante a gente portugueza, ondeam, espalham-se e abandonam o campo, procurando na fuga a salvação. Por outro lado as tropas castelhanas, capitaneadas pelo principe de Vilhena, D. João Manuel, dirigem-se contra o exercito de Abul-Hassan, e depois de renhida peleja conseguem romper aquellas grossas muralhas de homens, afoutos e impavidos no primeiro conflicto, mas incapazes de resistir tenazmente ao embate incessante dos cavalleiros christãos, que, poucos mas bem armados, investem como leões onde mais acceso vae o travar da batalha. Não ignoram elles que da sua audacia depende n'essa hora talvez a sorte e a gloria da patria. Emfim a guarnição de Tarifa, sahindo da fortaleza, apodera-se dos arrayaes mouriscos; fere, mata, vence quasi sem combate os que encontra; e derrama assim a ruina entre os inimigos, que, no meio de completa anarchia, chegam a pelear uns contra os outros, ou expiram, sem defesa nem gloria, debaixo dos pés dos cavallo e dos troços de infantaria.

Então o terror consumma o desbarató; e, pela volta da tarde, apenas do brilhante exer-



cito dos mouros de Africa e de Hespanha alguns milhares de fugitivos, acompanhando os reis de Fez e de Granada, correm desalentados diante dos cavalleiros christãos, que os perseguem incançaveis até perto de Algezi-ras.

Grande numero de mussulmanos ficaram captivos, e foi immenso o despojo em ouro, prata, armas e preciosidades de toda a casta. Convidado a escolher d'entre essas riquezas a parte que lhe aprouvesse, D. Affonso IV acceitou sómente alguns alfanges e bandeiras, e um clarim que pertencêra ao rei de Granada. Os despojos, porém, d'aquella famosa batalha constituíam o preço de menos valia para o monarcha portuguez. Mais graves eram, sem duvida, os resultados de ordem moral. Sahindo victorioso da empreza em que nobremente se empenhára, D. Affonso IV cingira-se ás tradições, por tanto tempo esquecidas das instituições wisigothicas, que consideravam como dever impreterivel do principe estar sempre á frente dos seus subditos, na hora dos grandes perigos e das grandes glorias; renovára o brado de guerra contra os infieis, que parecia ter de todo emmudecido

desde a conquista do Algarve ; patenteára ao rei de Castella qual era ainda a ousadia dos cavalleiros e homens de armas portuguezes ; e sobretudo livrára a Peninsula da invasão dos africanos, e dera a estes uma aspera demonstração de que não era empreza facil, nem talvez possivel, subjugar de novo a Hespanha e o christianismo.

## VII

### MORTE DE D. MARIA TELLES

1377

Parece que a providencia omnipotente destinou a mulher para nos servir de guia e amparo nos trabalhos e alegrias da vida. O gesto, a voz, os meneios, o volver de olhos, a suavidade do sorriso, o perfume e brilhantismo dos cabellos, tudo tem encanto indecifrável, que domina as vontades mais isentas; mas no coração principalmente é que ha thesouros inexauriveis de generosidade e de innocencia, e uma suave melancolia, de que não se enxerga a causa, e que só é por ventura a saudade inconsciente da sua origem divina. No meio das tempestades da existencia acalma-

nos as aspirações temerarias, as paixões fervidas, as esperanças mesquinhas e insensatas, e consegue salvar-nos de nós mesmos, esquecendo resignada as próprias dores, e exaltando-nos pela ternura e pela constancia às regiões ideaes e bem-aventuradas do puro sentimento. Às vezes, porém, anjo despenhado, a mulher arrasta-nos consigo; devora-nos, entre fingidas lagrimas e sedutoras caricias, os annos, a energia, os nobres affectos, os sentimentos honestos, as noções da verdade e do dever; suscita-nos, desenvolve-nos, completa-nos as más paixões e os ruins instinctos, e faz com que aquelle, a quem louco amor fascina, desça ao infimo grau da abjecção. Uma d'essas mulheres, excepções que infelizmente não são raras, foi decerto Leonor Telles, de cuja terrivel historia, longa iliada de crimes, procuraremos narrar um episodio.

A afeição cega de D. Fernando havia já annos que tinha satisfeito as ambições da mulher de João Lourenço da Cunha, alma soberba e ousada, cubiçosa e perfida, que não se contentára de vêr a seus pés, desvairado pela paixão, o moço e generoso monarcha.

A corôa real, por tantas vezes divisada em sonhos, sentia-a, enfim, segura na formosa frente: os ultrages que recebêra durante a lucta, lavára-os largamente com o sangúe dos homens que mais odiava; e perante o seu olhar, sublime de altivez e de energia, não havia cabeça que se não curvasse, nem coração que não estremecesse.

Fôra-lhe para isso preciso supplantar considerações sagradas; vencer obstaculos poderosos; derramar pelo reino a devastação e a miseria; aviltar o homem que tudo lhe sacrificára, riquezas, poderio, gloria, a honra própria e a do nome herdado; mas que importam desgraças alheias a um animo profundamente egoista? As balizas, que separam a iniquidade e a justiça, o crime e a virtude, a abominação e a sanctidade, desapparecem aos olhos do espirito reconcentrado n'um pensamento unico, e contra uma vontade assim inabalavel pôde haver difficuldades, mas não ha impossiveis. Um processo de divorcio, julgado por juizes subornados, livrára-a de seu primeiro marido, que aterrado fugira da patria. O repudio da infante de Castella, cujo casamento fôra contractado em celebração de

pazes, annullára o outro obstaculo. A alliança com o duque de Lencastre, tractado impolitico e perfido, que só pôde desculpar-se por ser obra de animo turbado por suggestões estranhas, fizera com que D. Henrique, entrando de repente em Portugal, tomasse Almeida, Pínhel, Linhares, Celorico e Vizeu, atravessasse a Beira, offerecesse proximo a Santarem batalha a el-rei D. Fernando, que não ousou acceptal-a, e destruisse em grande parte a capital do reino, realisando assim os calculos de fria e paciente vingança, que o instincto de tigre ensinára a D. Leonor pelas affrontas ahí recebidas. Finalmente a influencia irresistivel da rainha no espirito fraco do soberano conservára na còrte só aquelles d'entre os nobres, que por sympathia, por gratidão, por temor, por intuitos interesseiros ou por ligações de parentesco se mostravam inclinados á nova ordem de cousas, e substituíra á severidade dos antigos tempos o brilho e a devassidão de uma còrte voluptuaria.

Apesar de tudo, porém, essa mulher, ora hypocrita e vil, ora insolente e orgulhosa, receiava a cada instante ver derrubado o edificio da sua fortuna. Quando a vida lhe sorria

sómente esperanças e venturas, como que descortinava no horisonte a victoria definitiva dos adversarios, e acaso se lembraria de que semeára odios na terra, e de que ainda não colhêra o fructo.

Entre os nobres que mais temia contavam-se os filhos de D. Ignez de Castro. D. Diniz, o filho predilecto do rei justiceiro, achava-se em Castella, e era odiado pelo povo que aos seus conselhos attribuia a invasão de D. Henrique em Portugal. D. João, todavia, era geralmente bem quisto, e no caso de fallecer o monarcha, podia ser um emulo que contrastasse de modo irresistivel os suppositos direitos da filha de D. Leonor. Demais, levado por amor que reputava sincero, e que talvez então o fosse, o infante casára clandestinamente com D. Maria Telles, a qual, apesar de não ter já o viço da primavera da vida, conservava ainda a flor e a graça de uma formosura rica de seiva, pura nas fórmas, e dotada do enlevo que mais prende e mais seduz, o de uma alma cheia de bondade e affecto.

Irmã da rainha e viuva de Alvaro Dias de Sousa, fidalgo illustre e de linhagem real,

D. Maria era respeitada pela severa virtude do seu character, e querida pelas mercês que fazia, para as quaes lhe subministravam fartos meios as rendas das suas muitas propriedades, e as do mestrado de Christo, que lhe fôra dado para o filho, e que em grande parte usufruia. Vendo-a, e accendendo-se-lhe a imaginação com os mil encantos concedidos pela natureza ao sexo fragil, para que não haja alma que se lhe não franqueie, ousára o infante confessar-lhe o seu amor; e como a bella viuva, entre indignada e piedosa, lhe respondesse que de reis tambem vinha ella, e que não era dama que se sacrificasse aos devaneios ephemeros de um capricho, crescêra com os rigores o affecto, e D. João recebêra-a por mulher, celebrando um d'esses casamentos clandestinos, vulgares na epocha que tentâmos descrever, epocha em que a hypocrisia estava já longe de ser tão rara como geralmente se cuida, posto que as paixões ainda se mostrassem muitas vezes grosseiras, impetuosas, indomitas.

Chegada a noticia ao conhecimento da rainha, esta em vez de se lisongear com tal consorcio, que lhe podia servir de esteio na si-



tuação a que se tinha elevado, julgou-o contrario aos planos que formára para collocar na cabeça da filha a corôa de D. Fernando, e desde logo a morte da irmã foi resolvida. N'aquelle peito de marmore só existia um sentimento sancto e suave, o amor materno; e esse mesmo affecto apenas lhe inspirou o desenho de novos crimes. Como conseguir, porém, sacrificar a irmã, e desfazer ao mesmo tempo o favor popular de que D. João já gozava pelo genio aventureiro e esforçado? Soprando na alma d'este as duas paixões mais feroces do coração humano, a ambição e o ciúme.

N'uma conferencia com o infante communicou-lhe João Affonso Tello, irmão da rainha e inteiramente dedicado aos seus interesses, que esta desejára a sua alliança com a princeza Beatriz, e que se o casamento d'elle infante não tivesse vindo destruir designios e projectos de longo tempo affagados, a preferiria muito á do duque de Benavente, principe de origem castelhana, odiosa por em quanto aos portuguezes, em cuja memoria não se tinham desvanecido antigas inimisades, e cruentos e recentes aggravos.

A perfida insinuação produziu o desejado

exito. Dominado pela cubiça de succeder no throno depois da morte do irmão, o filho de D. Ignez de Castro só pensou nos meios de se livrar da que havia escolhido por mulher, mais n'um impeto de amor brutal e ephemero, do que por esse affecto intenso e intimo, que se dilata com sereno contentamento até os extremos horisontes da vida. Aceitando como verdadeiras accusações injustissimas, ou, o que por ventura está mais proximo da verdade, creando elle proprio essas calumnias, partiu logo para Coimbra, onde então estava D. Maria Telles, e dirigindo-se a furto ás casas que esta habitava, mandou arrombar as portas. Acordada de subito, a irmã de D. Leonor levantou-se assustada e afflicta, e envolvendo-se n'uma colcha que lhe cobria o leito, perguntou ao infante a causa d'aquelle procedimento que tanto a offendia. Na voz, no gesto, nas lagrimas da desditosa mulher traduzia-se a innocencia e a candura; no arrebatamento de pudor e de colera, que lhe abrasava as faces, havia um energico protesto contra a suspeita infame; mas D. João tornára-se inacessivel á justiça e á piedade. Accusando-a em altas vozes de divulgar o segredo do seu

casamento e de trahir a fé conjugal, arrancou-lhe a unica vestidura que lhe velava a formosa nudez, e com um bulhão, com que nas vesperas o presenteára o conde de Barcellos como que indicando-lhe o destino, a feriu no seio e no ventre. Um grito indizivel de angustia partiu dos labios da pobre victima, que, cerrando para sempre os olhos enxutos, porque n'elles a afflicção estancára as lagrimas, teve apenas tempo para invocar com o ultimo suspiro a misericordia de Deus.

Então em todos os rostos se viu pintado o espanto e o terror; a triste noticia percorreu logo a cidade, e no povo a irritação dos animos depressa chegou ao seu auge, mas o infante já havia sahido de Coimbra, e dentro de pouco tempo, tendo alcançado o perdão d'el-rei, era acolhido na côrte, como se não tivesse sido o assassino feroz de sua mulher. Entretanto só para arrependimento lhe serviu o crime commettido. Lançado o cadaver da irmã sobre a estrada por onde suppunha que a filha subiria ao throno, D. Leonor Telles nem tratou de disfarçar quanto se inclinava de preferencia ao casamento de Beatriz com um principe castelhano; e o infante, perdida de

todo a fé no amparo e protecção da côrte, fugiu para as provincias do norte, e d'ahi para Castella, onde acabou a vida no meio da saudade e dos remorsos, justa punição que se tornou ainda mais dura, quando depois da morte de D. Fernando conheceu que tinha destruido toda a possibilidade de succeder no throno, ao qual de certo o elevaria o povo se não fôra o seu crime.

Nos livros dos chronistas e nos contos populares se perpetuou esta triste historia; e ainda hoje no antigo castello dos templarios, theatro do tragico successo, se mostra o quarto onde foi assassinada a boa e desditosa irmã da nossa Lucrecia Borgia.

## VIII

### TOMADA DE CEUTA

1415

Rica mais do que nenhuma em homens e feitos grandiosos é a historia da gente portugueza. Quem, lançando os olhos para um mappa da Europa, divisa ao occidente da Peninsula este paiz, encerrado na estreiteza de breves limites, imperceptivel quasi no meio dos grandes imperios da terra; e considera que ahi existe ha sete seculos uma nação independente, e que chegou a estender o seu dominio por uma parte da Asia, da Africa, da America, e até ás regiões encantadas e indefinitas do Oceano Austral, antevê logo n'esse povo grandes virtudes politicas e guerreiras,

e nos seus fastos uma excellente escola de enthusiasmo e heroicidade. E se depois d'isso volta o pensamento para as recordações formosas e puras, para os trophéus e monumentos honrosissimos d'esta mimosa e abençoada região, que não deixou parte alguma no mundo onde não chegasse um echo das suas glorias de todo o genero, o resultado d'esse estudo é a confirmação incontrastavel das primeiras impressões.

Pequeno e fraco na origem, Portugal é apenas um condado, que ameaçam ao mesmo tempo o já então vastissimo imperio de Leão e Castella, e o poder ainda formidavel dos bellicosos sarracenos, e todavia não só lhes resiste com intrepidez e constancia, mas até ousa invadir o territorio dos seus temiveis inimigos, conservando sempre hasteado o pendão da nacionalidade. Depois, logo no começo da monarchia, os portuguezes, movidos pelo amor da patria, affecto que amadurecêra e se radicára nos animos de modo indestructivel, conquistam grande parte da Hespanha mussulmana, terra abundante de população, enriquecida pela industria, cheia de villas e cidades importantissimas, forti-

ficada por todos os meios que a experiencia d'aquelles tempos ensinava, e defendida por homens naturalmente esforçados, e aos quaes o aferro á terra natal e o fervor religioso ainda, como é de crer, multiplicavam os brios. Depois estabelecem-se em larga escala os concelhos; promove-se a vinda de colonos; povoam-se granjas e aldeias; arroteam-se charnecas e matos; repairam-se e abastecem-se castellos; organisa-se a milícia, a administração, a magistratura judicial, a fazenda publica; consolidam-se intimas allianças com algumas das maiores nações, e dá-se sufficiente vigor ao espirito municipal, que em parte alguma talvez, durante a edade média, teve mais viva influencia no progresso da civilisação. Em seguida, apenas Portugal se vê collocado vantajosamente com relação aos varios povos da Peninsula, já não lhe basta a certeza da sua inviolabilidade, e confiado nas proprias forças e destinos, eil-o que se apressa em ir pagar ao islamismo, no solo abrasado de Africa, a divida da invasão e os trances do jugo estranho.

Reinava então em Portugal D. João I. Ao monarcha inconstante e frivolo, cujos defei-

tos como homem bastam para escurecer os actos do legislador, succedêra o principe mais popular que se encontra nas nossas dynastias de imperantes; a um rei hereditario um rei eleito. Ganha a victoria de Aljubarrota; recuperadas a uma e uma as praças de guerra, de que o soberano estrangeiro se havia assenhoreado; firmada, emfim, a paz com Castella depois de longos annos de lucta frenetica, começaram os infantes a instar com D. João I para que emprehesse conquistar Ceuta, a formosa cidade que desde o tempo dos romanos até ao fim do reinado de Witiza fora dependencia de Hespanha; conquista que lhes daria ensejo de alcançarem com honra o grau de cavalleiros, e que dilataria ao mesmo tempo os limites do imperio e os da fé. Folgou com a idéa o monarcha, a quem os annos não haviam amortecido o pensamento fixo de gloria, a que devem attribuir-se quasi todos os actos da sua vida, mas não quiz resolver-se sem pesar cuidadosamente os perigos e vantagens do commettimento, que não se restringia ao assalto de uma praça, aliás bem defendida e guardada, mas que era de feito um repto aos infieis, que, inflammados



em brios nacionaes e em fanatismo ardente, formariam cem exercitos poderosos e intrepidos contra os temerarios invasores.

Reflectiu, pois, em todas essas circumstancias; ponderou o voto dos guerreiros illustres, a censura dos conselheiros leaes, as preoccupações populares; avaliou com exactão a importancia dos esforços e a escacez dos recursos; viu que ia travar uma lucta em que todo o odio e valor da raça inimiga haviam de empenhar o ultimo alento; mas lembrou-se de que era preciso não deixar esquecer aos seus soldados o duro mister da guerra, de que o unico systema consequente e legitimo de engrandecimento para o reino era alargar-lhe os limites pelas fronteiras costas africanas, de que celebraria assim com um feito memoravel o occaso da sua venturosa carreira, e decidiu-se por fim á expedição mais determinado, mais perseverante, mais entusiasta do que os proprios filhos. Conciliando, todavia, a confiança na sua fortuna com as admoestações da prudencia, tratou dos apercebimentos adequados á magnitude da empreza, e para evitar suspeitas que de certo trariam raiz de taes preparativos,

resolveu que se aproveitasse o pretexto da pirataria com que os holandeses infestavam as nossas costas, e se reclamasse satisfação do conde de Hollanda com ameaças de guerra. Fernão Fogaça, veador do príncipe, homem astuto, cauteloso e atrevido, foi enviado a Hollanda para proclamar em embaixada publica os agravos e exigencias do soberano portuguez, e revelar secretamente ao conde a verdadeira causa da sua vinda. Prestou-se este ao disfarce, lisonjeado pela demonstração de confiança, ou por ventura aterrado com a lembrança de que as ameaças podessem ainda traduzir-se em factos, e o artificio produziu o desejado effeito de socegar até certo ponto as populações de Hespanha e Africa, posto que não tanto que os reis de Castella, de Aragão e de Granada não mandassem immediatamente embaixadores a Portugal, renovando todas as garantias de paz e amizade.

Preparado tudo, levantou ancora do porto de Lisboa a poderosa armada aos 25 de julho de 1415, não obstante haver fallecido poucos dias antes D. Filippa de Lencastre, chamada pelo povo a boa rainha, e a cujas virtudes e

desvelos deveu acaso Portugal a mais generosa prole, que tem rodeado um throno. Partiu em demanda das praias sarracenas; em desaffronta dos gravames n'outro tempo padecidos; em nome da raça romano-gothica contra o islamismo que lhe lançára a luva; da supremacia da civilisação christã contra as caducas instituições politicas, estribadas nas doutrinas falsas ou incompletas do koran. Partiu, sem que nem um leve estremecimento pelo futuro quebrantasse o enthusiasmo dos que iam participar dos riscos da empreza; o excitamento religioso, o espirito aventureiro, a emulação de esforço, e em muitos ainda a cubiça, menos hypocrita que n'estes nossos tempos, erguiam com demasiada força aquelles animos para que lhes consentissem vacillar.

O mysterio da expedição, na qual tomavam parte os grandes, os nobres, os infantes, o herdeiro do throno e o proprio monarcha, assustou de novo toda a costa de Africa, e não menos a de Hespanha, que ainda occupavam mouros; mas sobre tudo as terras de Gibraltar, por se verem abertas e mal defensaveis. Em breve, porém, se dissiparam es-

ses receios, porque, consultados em Algezi-  
ras os principaes capitães, foi fixado o dia 12  
de agosto para se caminhar contra Ceuta.

Ahi de feito surgiu a frota no dia designa-  
do, mas depois de duas tentativas de desem-  
barque, que o temporal estorvou, foi con-  
strangida a voltar para Algeziaras. O contra-  
tempo desanimou alguns. Eram esses de voto  
que não se tentasse outra vez o desembar-  
que em Ceuta; que para gloria bastava já  
o arrojo da empreza; e que, se não deviam  
tornar ao reino sem tingir as mãos em sangue  
inimigo, se dirigisse a armada a Gibraltar,  
conquista utilissima e menos temeraria, que  
daria campo aos valentes para mostrarem es-  
forço, ao passo que satisfaria as ambições do  
povo e os interesses da patria. Nenhuma con-  
sideração, todavia, dissuadiu D. João I do in-  
tentado proposito. Perseverante como o ho-  
mem que, apontando fixamente ao alvo, não  
desvia nem por um momento a arma senão  
depois de acertar, desprezou os avisos cau-  
telosos, que aliás já não poderiam ser accei-  
tos sem desaire, e, como é facil de suppor,  
foi a vontade do monarcha que a final preva-  
leceu.

Entretanto os mouros, attribuindo a medo a demora dos portuguezes, trataram de despedir as tribus numidas que os tinham vindo auxiliar, soldadesca indisciplinada e feroz, que nem só entre os inimigos deixava largos vestigios de ruinas e estragos; mas ainda ellas mal tinham sahido, quando no dia 20, ao declinar da tarde, se dirigiu contra a cidade toda a armada christã. Confiados na fortuna, os habitantes de Ceuta pareciam desprezar a procella que de perto os ameaçava, e, quando a noite desceu com denso manto de trevas, illuminaram-se as casas em signal de torva alegria.

Com a primeira luz da manhã seguinte a gente da armada, mettendo-se nas fustas, dirigiu-se para a cidade, e os infantes D. Henrique e D. Duarte, saltando em terra com cento e cincoenta soldados, começaram a peleja com os mouros que fóra das portas os desafiavam, terçando lanças, arremeçando azagaias, e animando-se uns aos outros com pragas e insultos contra os invasores, intelligiveis para estes pelos gestos de rancor dos que as proferiam. N'aquelle primeiro impulso os alfanges sarracenos cruzaram as espadas

portuguezas com o estrepito do entusiasmo guerreiro, com o ardor do excitamento religioso, com o fogo de uma colera por muito tempo concentrada. Dir-se-hia, ao ver a furia do combate, que só adejaria a victoria sobre um dos campos quando tivesse cahido sobre o outro a total ruina. No entanto foram desembarcando mais soldados portuguezes, e havendo já na praia trezentos homens escolhidos, apertaram estes com os mouros, que, levados mais pelo temor que pelo perigo, voltaram costas, retirando-se para a cidade. Lembraram-se então os infantes de que n'aquelle mesmo dia poderiam talvez dar fim á empreza, evitando assim o trabalho e combate incessante de semanas e mezes, que naturalmente resultaria de um longo assedio, e os perigos a que se expunham n'uma terra calidissima, onde de certo recrudesceria a peste que de Lisboa os seguira. Decidiram, pois, entrar na cidade com os que fugiam, e, lançando mão do ensejo que o caso offerecia, perseguiram rijamente os mouros, arrancando-os de todas as posições, e fazendo-os apinhar sobre as portas.

Ahi foi terrivel o recontro e disputada te-

nazmente a victoria. O apertado revolver das armas formava uma selva de ferros, atravez da qual já quasi não era possivel abrir caminho sem galgar por cima dos cadayeres amontoados, que embargavam os passos dos vivos; nem os invasores desistiam nem os da cidade affrouxavam, e de um e outro lado os contendores haviam chegado áquelle paroxismo de furor, que faz desprezar a vida para só cuidar em produzir a morte. Por fim, não obstante o muito que os defensores trabalharam, não poderam cerrar as portas, nem tolher entrarem os nossos de envolta com elles. Os portuguezes dividiram-se então em dous bandos; D. Duarte, capitaneando um d'elles, foi subindo aos logares altos e fazendo-se senhor de todos até chegar á maior eminencia da cidade; D. Henrique tomou por outras ruas; e ambos encontraram porfiada resistencia, porque aos habitantes de Ceuta, reduzidos á defensiva, o affecto, que nos costuma prender ao lar domestico, redobrava alento e brios. A final, porém, essa mesma resistencia acabou; os vãos esforços da população mussulmana para salvar Ceuta foram os clarões derradeiros da lampada que se extinguia.

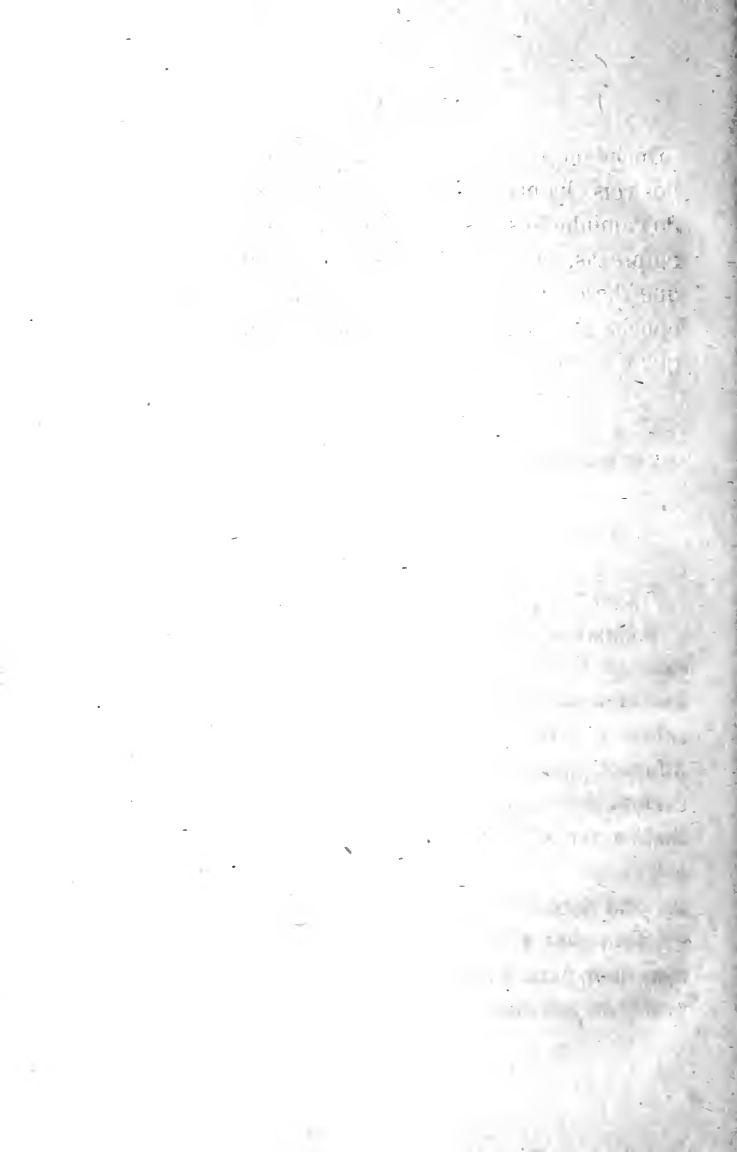
A audacia dos infantes e dos que os seguiam, a cobardia do chefe sarraceno, Salat-ben-Salat, que fugiu apenas soube ter sido entrada a cidade, e o habito da victoria, que desde a batalha das Navas de Tolosa, os proprios mahometanos consideravam como devendo tarde ou cedo pertencer definitivamente aos inimigos da sua crença, facilitaram a conquista de uma das povoações de Africa mais de receiar para os povos christãos do Mediterraneo.

El-rei, logo que soube estar a cidade de todo ganha, deliberou começar a combater o castello. Depois, impellido pelo entusiasmo religioso, entrou n'uma mesquita, e ahi de joelhos agradeceu a Deus esse feliz resultado de uma tentativa, que a muitos parecêra loucura. Recebendo então a noticia de que o castello estava sem defesa e despejado, mandou arvorar na mais alta torre o estandarte real; e os raios do sol que se escondia no occidente, já não encontraram a bandeira de islam, derribada n'esse dia para nunca mais se erguer sobre os muros da soberba Ceuta.

Assim por meio de uma victoria alcançada em poucas horas, dilatou D. João I as fronteiras da monarchia pelos territorios africanos,



principiando a realisar o grande pensamento dos reis chamados da primeira raça, e abrindo caminho aos vastos projectos, ás atrevidas emprezas, aos descobrimentos e conquistas, que deram a esta boa terra portugueza uma epocha de gloria e predominio, das maiores que o mundo tem visto.



## IX

### REGENCIA DO INFANTE D. PEDRO.—COMBATE DE ALFARROBEIRA

**1439 a 1449**

O cadaver do virtuoso D. Duarte havia des-  
cido ao sepulchro, onde, enfim, repousava  
das amarguras de tão curto como desditoso  
reinado. Para a menoridade de seu filho  
Affonso V, que então contava seis annos, ficára  
regente do reino a rainha D. Leonor. Esta, sen-  
tindo a necessidade de buscar na côrte seguro  
esteio contra a má vontade dos subditos, que  
lhe não perdoavam ser mulher e estrangeira,  
e sobretudo ter contribuido com solicitações e  
conselhos para a funesta empreza de Tanger,  
procurou associar ao imperio o infante D. Pe-

dro, duque de Coimbra, promettendo-lhe ao mesmo tempo o casamento do rei com sua filha D. Isabel, e julgando prendel-o assim pelo esplendor da invejada alliança. Em breve, porém, instigada pela cubiça do poder, que foi a paixão predominante dos ultimos annos da sua vida, ligou-se com o conde de Barcellos, filho natural de D. João I, e á frente dos seus parciaes, aproveitando todos os pretextos, tentou de dia em dia coarctar a auctoridade do infante.

Então o povo de Lisboa começou a alborotar-se, e depois de muitos tumultos e desordens proclamou regente e defensor do reino o duque de Coimbra. Suppondo que pouco duraria um poder, assente em tão movediço alicerce como é o favor da plebe, a rainha acolheu-se a Alemquer, onde se fez forte; mas as côrtes, reunindo-se immediatamente, confirmaram a nova regencia, e resolveram que a educação d'el-rei e de seu irmão fosse confiada a D. Pedro.

O estado da nação n'aquella epocha era, na verdade, lastimoso. Parecia que uma estrella aziaga tinha constantemente presidido aos destinos do fallecido monarcha. A peste

assolava o reino; a miseria publica tomava todos os aspectos; o infante D. Fernando, heroe e martyr, jazia captivo em Africa; as prophecias de mestre Guedelha, o astrologo judeu, realisavam-se fatalmente; e as gloriosas recordações de Aljubarrota e de Ceuta tornavam ainda mais duros os flagellos com que a fortuna, como que arrependida de ter sempre protegido D. João I, se vingára em crueldades sobre o seu successor. Por cumulo de infortunios o prior do Crato, o conde de Barcellos e outros fidalgos, poderosos em influencia e valor, julgaram opportuno o ensejo para realisarem projectos de ambição; e, proclamando a resistencia em nome da viuva de D. Duarte, constrangeram o regente a empunhar as armas para os conter. Apezar de tudo, porém, D. Pedro dirigiu com tal prudencia o leme do estado, que dentro em pouco tempo desvaneciam-se os fumos da discordia, e Portugal respirava á sombra das leis, dilatando as forças e engrossando as riquezas no seio de perfeita bonança.

Chegado el-rei aos quatorze annos, idade em que, segundo o fôro de Hespanha, qualquer principe devia haver inteiramente posse

do seu reino e senhorio, quiz o duque de Coimbra entregar-lhe o supremo poder, que D. Affonso, ainda não pervertido por suggestões calumniosas, recusou acceitar. A inveja, comtudo, não se enfreia, nem com as ligações de familia, nem com as obrigações de gratidão, simples vinculos moraes que a historia tem muitas vezes mostrado serem fracos para cohibir a violencia das paixões; e as intrigas do conde de Barcellos, já então elevado á dignidade de duque de Bragança por aquelle mesmo contra quem conspirava, fizeram com que o moço rei exigisse pouco depois ao infante os fios da administração, para os sujeitar ás influencias de uma nobreza aventureira, insoffrida de todo o jugo, mais habituada aos enredos da côrte que ás pesadas occupações do governo, e incapaz por isso de sustentar com lealdade, energia e destreza os interesses da monarchia.

Tornados d'este modo reis de facto na resolução das questões mais importantes, os conselheiros de D. Affonso V sentiram recrudescer ainda a aversão contra o principe, cujo character generoso e firme os havia confundido e humilhado. Ha almas impiedosas,

abyssmo de odios violentos e de paixões profundas, que, no momento em que se realisa a ventura por largo tempo sonhada, se deixam, todavia, subjugar por estranho sentimento de benevolencia; n'outras, porém, a perversidade é singular genero de fome que quanto mais damno causa mais appetece, é lodaçal que até entre formosas paizagens impregna a atmospherá de miasmas pestiferos. No regaço da fortuna continuaram, pois, esses homens a malquistar o infante com o monarcha, que apesar de ter já casado com sua prima D. Isabel, entrou a afastar o sogro e a dar-lhe claros signaes de que condescendia sem hesitar com as villezas d'aquelles, por quem mostrára sempre decisiva predilecção. Dotado de indole activa e pouco soffredora, lasso do serpeiar flexuoso dos cortezãos, D. Pedro, em vez de permanecer junto do sobrinho a fim de lhe expungir da mente as perfidas calumnias, retirou-se logo para Coimbra, deixando d'esse modo livre o campo aos adversarios para a seu salvo satisfazerem rancores, que o tempo cada vez mais exacerbára.

Debalde correu então á côrte a defender o irmão o infante D. Henrique, que já n'essa

quadra residia em Sagres; de balde o conde de Avranches, D. Alvaro Vaz de Almada, o mais illustre cavalleiro da Peninsula, alma grande, generosa, leal e intrepida, reptou os accusadores do duque de Coimbra, nenhum dos quaes se atreveu a levantar o guante; de balde interveiu a propria rainha, procurando entre lagrimas e caricias reconciliar o marido com o pae. Tudo foi inutil. Dominado pela contumacia dos validos e cego pelo orgulho dos verdes annos, D. Affonso V prohibiu ao sogro que voltasse á côrte, e como este se recusasse a entregar as armas que possuia em Coimbra, allegando que necessitava d'ellas para se defender dos seus inimigos, declarou-o rebelde e partiu contra elle á frente de um poderoso exercito.

Este procedimento do monarcha operou no animo de D. Pedro uma revolução moral, d'essas que só as grandes crises podem produzir; foi sobresalto, embate, transformação repentina de todas as suas idéas e sentimentos. Entretanto, aconselhando-se com aquelles em que principalmente confiava sobre o que havia de fazer, acceitou o aviso do conde de Avranches, e, partindo de Coimbra com dimi-



nuta hoste, determinou buscar o sobrinho e genro, pedir-lhe justiça contra os que o infamavam, e se a moderação e firmeza não bástassem, rota a última barreira, repellir a força com a força, arvorando o pendão negro da revolta.

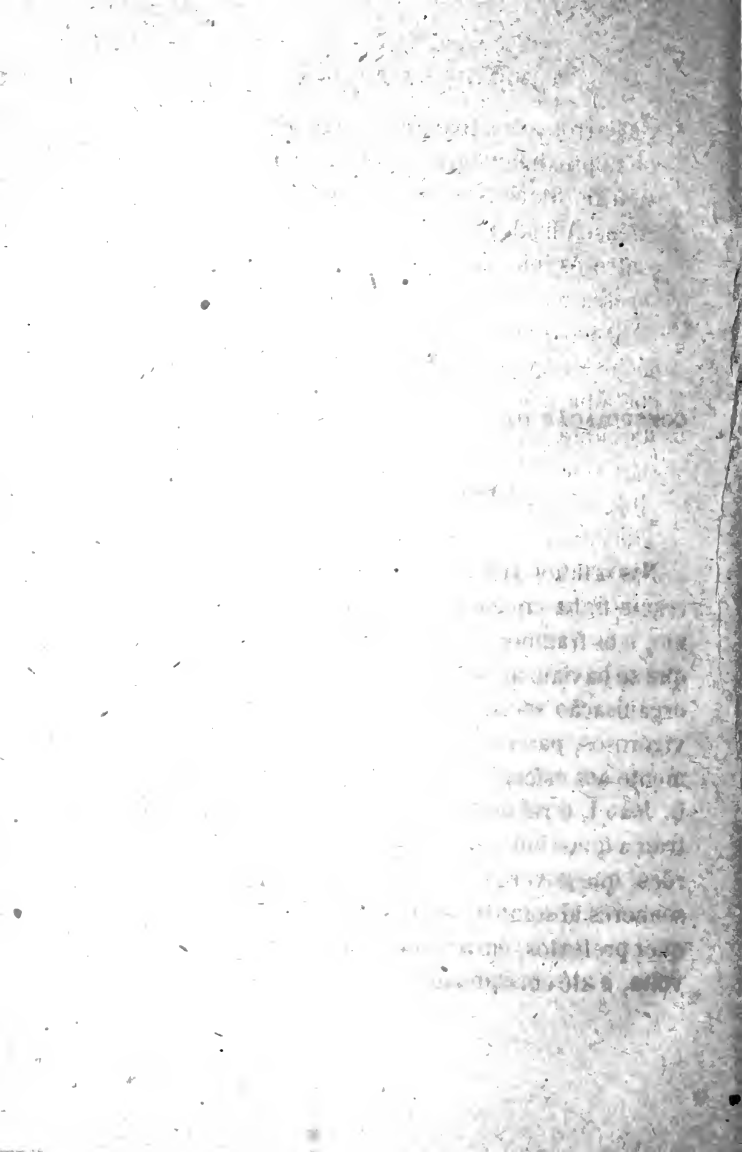
Chegando proximo a Alverca, assentou D. Pedro arrayal nos plainos de Alfarrobeira em sitio assás defensavel. Ahi o encontrou el-rei, e logo o cercou completamente, mandando ao mesmo tempo apregoar por seus arautos, que seriam tidos por traidores todos os que não desamparassem o infante. Essa intimação, todavia, não produziu o ambicionado exito, e pelo contrario alguns cavalleiros e soldados, movidos por nobre sentimento de generosidade, vieram unir-se áquelle que o soberano tratava como rebelde. Emquanto isto succedia, e talvez fosse possivel evitar o funesto conflicto dos dous bandos, um acontecimento fortuito apressou o desfecho do terrivel drama.

Os bésteiros e espíngardeiros do exercito real, abrigados uns pelo denso arvoredado que sombreava o ribeiro de Alfarrobeira, collocados outros no cimo de um outeiro que domi-

nava o acampamento, começaram a varejar com tiros o arrayal do infante. Vendo este os seus leaes companheiros immolados sem combate nem gloria, mandou 'disparar algumas bombardadas, uma das quaes acertou perto da tenda do rei. Então a briga empenhou-se decisivamente. De uma parte estava um troço de homens intrepididos, aos quaes a desesperança augmentava o esforço; da outra um exercito numeroso e aguerrido, contra cujo poder seria impossivel a resistencia. Como se não bastasse, porém, a desigualdade entre os dous contendores, o infante ferido por uma setta que lhe varou o corpo, tombou por terra logo ao principio da peleja, e com a sua morte feneceu em redor d'elle todo o esforço dos animos mais robustos. Sómente o conde de Avranches, que havia jurado não sobreviver a D. Pedro, luctou denodadamente contra os de el-rei, já senhores da victoria. Cegos de furor, cavalleiros e peões arrojavam-se e cahiam diante d'aquelle vulto, como os vagalhões de mar tempestuoso se arremeçam e desfazem em frente dos rochedos da costa. No meio de larga clareira, só, impavido e magestoso, o velho cavalleiro

da Garrotéa derribava a seus pés quantos d'elle se approximavam, e parecia, como o Campa-neu de Stacio, ameaçar os deuses e os homens. A final, perdidas as forças, baqueou por entre os inimigos, que a poder de golpes depressa o acabaram.

O sangue do infante, vertido n'esta carnificina, a que mal podemos dar o nome de batalha, não ficou inulto. Da filha do duque de Coimbra nasceu o principe que tomou sobre si a obra terrivel da expiação. O cadafalso de D. Fernando de Bragança vingou o assassinio do infante D. Pedro, e mais uma vez se realisou a terrivel sentença biblica, que ameaça punir nos filhos as iniquidades dos paes.



## X

### CONSPIRAÇÃO DA NOBREZA CONTRA D. JOÃO II

1481 a 1484

Nos ultimos annos de D. Affonso V a aristocracia tinha chegado ao apogeo do predomínio, e os fragmentos das instituições feudaes, que se haviam mesclado com a nossa primitiva organização social, achavam-se enraizados e vigorosos, parecendo poder resistir perpetuamente aos esforços do povo e do monarcha. Já D. João I, o rei de boa memoria, quizera destruir a quasi independencia dos orgulhosos barões, que governavam nos seus solares como senhores absolutos, não hesitando, sob quaesquer pretextos, em arvorar o estandarte da revolta, e até em combater contra a patria ; mas

os principes, que se lhe tinham seguido, haviam governado com tal frouxidão e timidez, que a nobreza retomára o antigo valimento, e preparára-se para defender a todo o custo os seus fóros e prerogativas. Foi então que subiu ao throno D. João II, alma energica, robusta e negra, que conseguiu debellar o poder dos fidalgos, apoiando-se no braço do povo, e enfraquecer o braço do povo, pesando depois sobre elle com toda a força e intensidade do poder da corôa.

Á falta absoluta de escrupulos juntava D. João II grande firmeza de genio, extraordinaria sagacidade e o retrahimento bastante para occultar, debaixo de um aspecto frio e de sorrir forçado, o ardor de violentas paixões. Os chronistas, que escreveram sob o patrocínio dos immediatos successores d'este soberano, chamaram-lhe o principe perfeito. Poucas vezes, porém, escriptores cortezãos e lisonjeiros têm respeitado menos a verdade dos factos. Retrato vivo do seu contemporaneo Luiz XI de França, manifestou sempre, quer nas leis geraes, quer nos actos proprios e espontaneos, a influencia de um pensamento capital, a que sujeitou todos os affectos e

considerações; e esse foi o de alluir de vez a preeminencia e immuniidade dos grandes vassallos da corôa. No seu reinado tem de ir tambem buscar o historiador a fixação das fórmãs politicas, que ressumbram em toda a legislação subsequente, e a que poderemos chamar a transfiguração do absolutismo em despotismo, como a estrutura social anterior se póde igualmente considerar um meio termo entre a monarchia e as instituições representativas.

Tal era o inimigo com que a nobreza tinha de combater para conservar a sua preponderancia nos negocios publicos, inimigo formidavel, não só pelo seu character, mas ainda pelo prestigio que o rodeava, e pelas circumstancias que favoreciam os planos da sua politica. O throno, affagando as sympathias democraticas do terceiro estado, que já começava a conhecer a sua força, lançava mão do instrumento mais seguro para assentar o poder em bases solidas. O resultado, pois, da lucta não podia ser duvidoso. Nos paizes governados pela vontade de um só homem, quando á pressão enorme d'essa vontade se associa a opinião popular, o pensamento que

vive no animo do principe e das multidões, quer justo quer iniquo, ha de triumphar infalivelmente, e a lucta dos que lhe resistem póde ser grande e nobre, mas é inutil esforço.

Logo que falleceu D. Affonso V, o primeiro acto de D. João II foi a convocação das côrtes em Evora, onde lhe prestaram homenagem os senhores, villas e cidades do reino. Ahi começaram os golpes profundos na propriedade, na jurisdicção e em toda a especie de regalias das classes privilegiadas; reformas cujo fim capital era abater a nobreza e em parte o clero, invalidando-lhes duas poderosas armas, a que dá a riqueza e a que provém da opinião. Exigiu-se, pois, dos alcaides e donatarios nova fórma de menagem, chamaram-se a exame as cartas de mercês e doações, cerceou-se muito a jurisdicção criminal, que os fidalgos exerciam em suas terras quasi sem peias nem termo, e ampliou-se o direito de appellação para as justiças reaes.

Os nobres não souberam encobrir o descontentamento. Educados na guerra e na côrte de D. Affonso V, habituados a illimitado poder dentro dos seus coutos e honras, unidos, emfim, pela commuidade de interesses



e de perigos, de boa e de má fortuna, offenderam-se de que o rei ousasse tomar-lhes contas das violencias de um valimento, ao qual a impunidade de largos annos quasi dera fundamento legitimo. D. Fernando, duque de Bragança e de Guimarães, marquez de Villa Viçosa, conde de Ourem, de Barcellos, de Arrayolos, de Neiva e de Penafiel, senhor de trinta villas, e por nobreza e possessões o principe mais illustre das Hespanhas, foi escolhido como chefe dos descontentes, e isto bastou para o seu tragico fim. As expressões arrogantes dos fidalgos contra a quebra dos seus fóros, os alvitres suggeridos a alguns procuradores do povo, as vãs ameaças, os secretos conluios, e até os actos inoffensivos e indifferentes, tudo foi traduzido, decifrado, envenenado e exposto com as côres necessarias para que D. João II podesse, de um só lance, satisfazer os aggravos de rei e as vinganças de homem. Prevenido a tempo dos riscos que o cercavam, o duque de Bragança não soube ou não quiz evital-os; e em vez de se refugiar em Castella, asylo fiel contra a colera do monarcha, dirigiu-se á côrte, que então estanciava em Evora, e ahi foi recebido com

taes demonstrações de contentamento e affecto, que chegou a julgar-se tão seguro ao lado do seu implacavel inimigo, como no palacio de Villa Viçosa no gremio dos seus parciaes.

Não tardou, todavia, que a confiança se lhe convertesse em arrependimento, e que, ao bater a hora da desgraça, conhecesse, por dolorosa experiencia, que um coração como o do monarcha, abysmo insondavel de perversidade e hypocrisia, podia disfarçar odios, mas não sabia esquecel-os. Indo n'um dia, ao cahir da tarde, despedir-se de D. João II para voltar ás suas terras, conduziu-o este a uma casa apartada, onde, certo de que não vibraria já em vão o golpe, lhe disse que convinha ficasse preso até se averiguarem as suspeitas do crime de rebellião que lhe imputavam. Vendo o perigo que corria o duque, muitos fidalgos offereceram dar a el-rei suas alcaldarias em refens pelo nobre vassallo; e porque, ao tempo em que essas propostas foram feitas, ainda D. João II receiava as consequencias do terrivel lance que tentára, quasi conveiu em acceital-as. Apenas soube, porém, que as comarcas, villas e fortalezas que mandára cobrar tinham sido entregues, e que de Castella

não havia a temer clamores importunos, mandou logo que o caso se visse e determinasse por justiça. Assim se exprimem os dous panyristas do principe perfeito, Rui de Pina e Garcia de Resende, pobres homens cujo espirito cortezão nem sempre soube esconder a tenebrosa astucia e a suprema perversão moral do heroe dos seus fastos.

A justiça fez-se vingança, e a execução significou sómente um assassinio judicial, fria e solemnemente resolvido. Accusado por testemunhas vis e por inimigos inexoraveis, julgado tumultuariamente por juizes não seus pares, aos quaes a presença do rei coagia alem d'isso o voto, o amigo e conselheiro de D. Affonso V foi condemnado sem o ouvirem, e entregou a vida ao cutello do algoz, no meio dos brados e doestos de uma multidão sem piedade nem pudor, que de toda a parte corrêra frenetica para assistir ao cruento espectáculo. N'esse mesmo dia (20 de junho de 1483), e depois de ter ficado exposto o cadaver por espaço de uma hora, os conegos da sé de Evora sepultaram no mosteiro de S. Domingos os restos do homem, que fôra por muito tempo talvez o arbitro do reino.

À conjuração, por ventura chimerica, succedeu outra verdadeira. O desgosto dos grandes, durante algum tempo sopeado pelo temor ou pela esperança, convertêra-se em odio profundo. Decididos a vingarem a morte do duque de Bragança, e a restabelecerem os fóros e immunidades da nobreza, accordaram que o meio mais adequado aos seus intentos era assassinar o monarcha. O duque de Vizeu, o bispo de Evora, seu irmão D. Fernando de Menezes, Fernão da Silveira, D. Guterres Coutinho, D. Alvaro e D. Pedro de Athaide, o conde de Penamacor e Pedro de Albuquerque eram os cabeças da insurreição; o bispo de Evora, porém, é que, como a aranha no centro da têa, urdia e combinava os planos. D'ahi lhes proveio a ruina, porque o incauto prelado não soube prever a traição, e foi justamente essa falta que destruiu todos os seus calculos. Fiado na apparente amisade de Diogo Tinoco, cuja irmã seduzira, revelou tudo a esse homem, não se lembrando de que lhe dava assim ensejo de vingar offensas, que podia não ter esquecido; e o aviltado cavalleiro preveniu logo Antão de Faria, camareiro do rei e seu privado, e encontrando-se depois

com o proprio D. João II no convento de S. Francisco em Setubal, relatou-lhe circumstanciadamente os projectos dos conspiradores.

Agradecendo a Tinoco com dadivas e promessas o serviço que prestára, o rei recomendou-lhe inviolavel segredo, e continuou, como se tudo ignorasse, abalançando-se indefenso no meio dos conjurados; oppondo dissimulação a dissimulação, e enganando com fingido affecto aquelles de quem mais se temia. Era a calmaria que antecede a procella. No seio das trevas o filho de D. Affonso V ia aperfeiçãoando os planos de vingança, e por isso aguardava sem impaciencia o dia propicio em que podesse colher no fojo os seus mortaes inimigos.

Este finalmente chegou. Depois de terem por vezes tentado em vão assassinar o rei, os fidalgos assentaram esperal-o em Setubal, ao desembarcar vindo de Alcacer, e realisarem então o seu intento. D. João II, porém, que lhes presentia os movimentos; fez o caminho da Landeira por terra, bem acompanhado pelos ginetes de Fernão Martins, e pelos bés-teiros e espingardeiros da guarda; e chegan-

do a Setubal no dia 22 de agosto de 1484, mandou logo na manhã seguinte chamar o duque de Vizeu, que pousava em Palmella. Resolvêra, emfim, tirar a mascara, e a explosão devia ser tanto mais terrivel, quanto fôra duradoura e profunda a necessidade de conservar latente, debaixo de superficie de gelo, o ardor de odio intenso e concentrado.

Entrando o duque no palacio ao anoitecer, chamou-o el-rei ao aposento que lhe servia de guarda roupa, e ahi, accusando-o de traição, o matou ás punhaladas, na presença de alguns cavalleiros, que para assistirem a esse acto tinham sido convocados. Na manhã seguinte via-se sobre um estrado, no centro da igreja matriz da villa, o cadaver do duque de Vizeu, com o rosto descoberto e dez feridas de punhal. D'ahi a poucos dias o bispo de Evora, preso na camara da rainha, morria envenenado no castello de Palmella; D. Fernando de Menezes, D. Pedro de Athaide e Pedro de Albuquerque eram degolados na praça publica; e D. Gutterres Coutinho expirava ás mãos do carrasco no fundo de um calabouço. Emfim, passados cinco annos, Fernão da Silveira, a quem a nobre dedicação de um amigo salvára

do patibulo, cahia assassinado em França por mandado do rei de Portugal.

A negrura de semelhante proceder é evidente; e se as cousas da terra podessem despertar o profundo somno dos mortos, os cadaveres d'esses homens deveriam muitas vezes apparecer á consciencia de D. João II, tornando ainda mais penosas as desgraças, que lhe enlutaram o coração durante os restantes annos do seu curto reinado.

1871  
The following is a list of  
the names of the persons  
who were present at the  
meeting of the Board of  
Directors of the  
City of New York  
on the 1st day of  
January, 1871.



## XI

### PRIMEIRA VIAGEM DE VASCO DA GAMA À INDIA

1497 a 1499

Julgam profundos historiadores que os descobrimentos além do cabo Bojador, posto que encetassem para o reino uma grande epocha de gloria e prosperidade, foram talvez a causa capital da rapida e angustiosa decadencia a que chegámos nos fins do seculo xvi. Entretanto não seremos nós que condemnemos esse espirito aventureoso e intrepido, que levou os nossos marinheiros e soldados a praticarem tantos feitos assombrosos de ousadia, de abnegação, de patriotismo. Das victorias que alcançaram já nem existem trophéus, das na-

ções que se prostraram ao seu esforço indomável são outros hoje os senhores, do respeito e temor em que os tinha o mundo apenas resta a lembrança, e todavia a maravilhosa narração das façanhas d'aquellas eras, das homericas batalhas de poucos homens contra exercitos, das expedições e conquistas que ergueram uma nação pequena e pobre ao fastigio da soberania e da opulencia, ainda nos alvoroça o coração de entusiasmo e amor patrio, não obstante as preocupações prosaicas e calculadoras do seculo em que vivemos.

O descobrimento do caminho maritimo para a India é, sobretudo, um d'aquelles factos extraordinarios, de que o espirito mais penetrante mal pôde medir a extensão. Não falando já dos paizes e regiões incognitas que acrescentámos á communhão europea, do aperfeiçoamento da navegação e do commercio, do novo e immenso mercado que abrimos a todas as industrias, do ascendente da classe média que efficazmente fomentámos, basta dizer-se que ás victorias dos portuguezes na India deve talvez a Europa não ter succumbido ao jugo mahometano. Ao passo que nós e os castelhanos nos preparavamos para di-

lutar os ambitos do mundo conhecido, haster por toda a parte a cruz, e estabelecer em redor d'ella uma transformação social; ao passo que as outras nações christãs, agitadas por muitas e diversas causas, se entretinham em luctas feudaes de castello com castello, e de paiz com paiz; os mussulmanos iam crescendo em poder, as suas dynastias radicavam-se desde o Indostão até ao Mediterraneo, os seus navios sulcavam todos os mares, o monopolio do commercio asiatico constituia os povos em vassallagem dos seus mercados, e os seus exercitos, animados pelo amor da guerra e pelo fanatismo da crença, ameaçavam de nova invasão os estados da christandade. Veneza, a rainha do Adriatico, ousava a custo contrastar em parte a influencia de Constantinopla; mas esse obstaculo depressa desapareceria se as conquistas dos portuguezes não viessem produzir no mundo completa metamorphose mercantil e politica. Malaca e Ormuz, os dous principaes emporios das producções indianas, abriram seus portos sómente aos novos dominadores; as armadas turcas, e as do Achem e Jaoa (Sumatra e Java), os exercitos de Cambaya e Ca-

nanor, as forças do Samorim, dos reis de Dekan, do Hidal-Khan e do soldão do Egypto não conseguiram arrancar das nossas mãos o imperio da Asia; e as nações mussulmanas, perdido o principal elemento da sua força, foram-se desmembrando, fundindo, esvae-cendo, e eil-as as que restam, fracas e decre-pitas, alongando humildemente os olhos para o occidente, na esperança de que os filhos do christianismo estendam um braço que ampare os representantes e sectarios do propheta.

Foi essa a epocha da nossa gloria mais es-plendida. Quem examinasse então um mappa cosmographico, desde a linha que distingue a Europa e a Africa até ao cabo da Boa Espe-rança, quasi não encontraria ilha, promonto-rio, costa, golpho ou enseada, onde a fama do nome portuguez não guardasse por si só a conquista; e montando o cabo veria tremular o pendão das quinas nos pontos mais impor-tantes do Oriente, e ainda nos remotos archi-pelagos que depois se deviam chamar a Ocea-nia. Antes d'essa epocha, porém, houve uma lucta, que durou perto de um seculo, e que votou ás paginas da historia universal e ao applauso da posteridade a memoria d'esses

homens valorosos, que alteraram os destinos do mundo em proveito do christianismo, da civilisação e da politica. Os descobrimentos de Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, de Gil Annes, de Nuno Tristão, de Gonçalo de Cintra, de Lançarote, de Gonçalo Velho, de Antonio de Nolle, de João de Santarem, de Pedro de Escobar, de Diogo da Azambuja, de Diogo Cão, de Bartholomeu Dias e João Infante foram como que os preliminares dos grandes commettimentos. D. Manuel, subindo ao throno no anno de 1495, resolveu continuar a empreza de seus antecessores, porfia magnanima que tantos sacrificios tinha já custado. Ao infante D. Henrique haviam-se devido os primeiros trabalhos e tentativas que prepararam o descobrimento da India; D. João II fundára na Africa o imperio portuguez, e deixára ao seu successor abundantes materiaes para o estabelecer na Asia; ao monarcha venturoso estava destinada a missão de traduzir n'um facto estupendo este vasto projecto.

Vigorosa foi, cõmtudo, a resistencia que D. Manuel encontrou nos seus conselheiros. Reprovavam estes o descobrimento como origem infallivel de ruina, lembrando os riscos

de mar e terra, o acanhamento do reino e de seus recursos, a vastidão e difficuldade da conquista, e propondo que a vida energica da metropole se applicasse exclusivamente a explorar as possessões adquiridas, o que aliás era já difficil encargo para um povo pouco numeroso. Mas nem duvidas nem suggestões abalaram a vontade do monarcha, que, na febre do enthusiasmo que o incitava á tentativa, como que antevia a aurora do triumpho. Encarregou, pois, de executar a empreza a Vasco da Gama, filho do alcaide mór da villa de Sines, Estevão da Gama, e, entregando-lhe em acto publico a bandeira, determinou a partida.

Prestes a armada, que se compunha de duas naus, *S. Gabriel* e *S. Raphael*, da caravela *Berrio* e de um navio de mantimentos, embarcaram-se em Restello todos os que deviam ir na expedição, e que seriam cento e sessenta homens entre marinheiros e soldados. Magestoso espectaculo offereceram então aquellas praias. Era o dia 8 de julho de 1497. O sol esplendido banhava de luz o Tejo, as suas margens e a pobre ermida da Senhora da Invocação de Belem, ermida que o infan-

te D. Henrique mandára construir para animar a devoção dos marítimos, e que depois tinha de converter-se no grandioso templo dos Jeronymos. D'ahi sahia uma procissão, guiada pelos freires da ordem de Christo, e seguida de grande concurso de povo, que consternado tinha vindo despedir-se dos audazes navegadores. O fito que attrahia a multidão provinha do enlevo que excitam sempre as tentativas arrojadas, e esse sentimento achava-se ahí concentrado como no seu grande fóco, ancioso pelas contingencias da viagem, afflicto pela probabilidade das catastrophes, engrandecido pela communicacão rapida, electrica, fascinadora, irresistivel de tantos espectadores. Tristes estavam todos, excepto os que partiam, porque a esses animava o fervor e o alvoroço da empreza, não obstante irem cruzar mares nunca navegados, dobrar promontorios, evitar restingas, resistir a tempestades e correntes, domar barbaros de Africa, combater os mouros, procurar, emfim, o desconhecido com todos os seus encantos e esperanças, mas com todos os seus assombros e perigos.

Desfraldadas as vélas partiram-se de foz

em fóra, aportaram a Cabo Verde, entraram na bahia de Sancta Helena, e depois de montarem o cabo da Boa Esperança com menos tormentas e riscos do que os marinheiros temiam, e de passarem pela aguada de S. Braz, pela costa do Natal, pelo rio dos Bons Signaes, chegaram, no fim de quasi oito mezes de viagem, a Moçambique, d'onde logo desaferraram algumas barcas, ahi chamadas zambucos, que vieram abicar ás naus. Guarneciam-n'as muitos indigenas, e entre elles alguns brancos, que pelos trajos e linguagem se conheceu serem mouros. Por um d'elles, natural de Fez, mandou Vasco da Gama ao xeque d'aquella terra, dizendo que se dirigia á India, e que para esse fim lhe pedia um piloto. Prometteu o xeque satisfazer o pedido, e veiu visitar os navegantes, porque, a despeito das informações obtidas, cuidava ainda que seriam turcos; conhecendo, porém, que eram christãos, determinou destruil-os, e quando, desfeitos os varios ardis que para a traição empregára, se viu constrangido a entregar um piloto, instruiu-o para que em vez de guiar os navios procurasse perdê-los. A fortuna, todavia, que no meio dos seus caprichos se inclina a pro-



teger os que muito ousam, salvou os portugueses, que no dia 7 de abril de 1498 chegaram a Mombaça, cidade importante e para esses tempos civilizada, onde também escaparam a graves perigos. Em Melinde, emfim, o rei, não obstante o antagonismo de crenças e de raça, entendeu que devia socorrer os estrangeiros, e com esse intuito acolheu-os sem perfidia e deu-lhes um habil piloto que os levasse á India.

Vinte e tres dias depois de terem partido de Melinde suppozeram os marinheiros ver terra. Já por vezes, em dias anteriores, se lhes tinha afigurado o mesmo, e haviam estremecido de contentamento e esperança; mas o tempo mostrára sempre que taes imagens eram apenas allucinação, e a alegria se lhes transformára em profunda tristeza, porque cousa alguma abate mais os animos do que essas alternativas de illusões e desenganos, que são como os sarcasmos do destino. Desalentados, pois, e fitos sombriamente os olhos no horisonte, os mesmos homens que, escasos de recursos e estando ainda na infancia a arte nautica, se haviam afoutado aos abysmos com desassombrada resolução, trepida-

vam agora, e quasi que sentiam as angustias do desespero. D'esta vez, porém, apresentava-se a realidade incontestavel, e não tardou muito que distinctamente se conhecesse a proximidade de um continente vastissimo. Apareciam a final essas praias da India, que eram já para os atrevidos navegadores, o sonho, o enlevo, a paixão que a todos avassallava, paixão que fôra crescendo com os obstaculos até constituir a idéa fixa, o pensamento constante d'aquellas almas energicas.

Chegada a noite tornou-se necessario virar de bordo, porque fôra perigoso no meio das trevas entestar com a terra, mas no dia seguinte, ao romper da manhã, corria a armada ao longo da costa com vento bonançoso. Uma cadeia de montanhas, tendo por corôa as nuvens, sobresahia em distancia; por entre florestas de palmeiras divisavam-se soberbos edificios; o Oriente, emfim, o recesso dos mysterios, a região dos prodigios, cujas fabulas nebulosas eram ainda inferiores ás maravilhas que já se presentiam, patenteava-se com toda a magestade da sua vegetação opulenta. Avisinhavam-se n'aquella costa tres povoações: Calecut, Capocate e Panda-

rane. Os marinheiros, tomando a segunda pela primeira, por engano de Canacá, o piloto indiano, dirigiram as naus a Capocate, pobre aldeia de pescadores; mas, sabendo ahi qual das povoações era Calecut, foram lançar ferro na enseada da cidade.

Considerava-se n'esse tempo Calecut uma das mais importantes escalas commerciaes da India, e era sem duvida a mais poderosa de todas as terras do Malabar. Viam-se girar no seu commercio os diamantes e pedras preciosas das ricas minas de Narsinga e do Pegú, as perolas de Kalckar, o ouro de Sumatra, o ambar das Maldivas, o marfim, a porcelana, as sedas e damascos da China, o sandalo de Timor, o algodão, o anil, o assucar, as especiarias mais apreciadas, tudo, emfim, quanto póde contribuir para o uso e delicias da vida. Capital do reino do mesmo nome, constituia Calecut a séde do sacerdocio e do imperio; tinha, alem de innumeraveis casas, feitas de madeira e cobertas de palma, muitos palacios, templos, arcos e torres soberbas; e estendia-se por largo espaço, contendo, segundo o computo dos naturaes, cerca de duzentos mil habitantes. Fundada com pouco poder, havia

ganho dentro de breve tempo aquelle grande esplendor, e o seu rei, a que chamavam o Samorim, era o mais respeitado e temido entre os monarchas do Indostão.

Annunciada a vinda dos portuguezes, recebeu-os o principe com affago, deu audiencia a Vasco da Gama, e declarou aceitar a alliança do rei de Portugal, promettendo que na frota lhe enviaria embaixadores: Os mouros, porém, costumados de longo tempo aos lucros commerciaes d'aquella terra riquissima, e receiando que a influencia dos portuguezes não lhes consentisse de futuro, nem protecção, nem accordo, nem treguas, nem misericordia, começaram a urdir traições, tentando persuadir o Samorim de que os navegantes eram piratas infames, que levariam o terror do seu nome aos confins do imperio, como já em Moçambique e Mombaça tinham deixado vestigios de crueldade e perfidia; e de que ainda quando fossem subditos de monarcha poderoso, eram de certo homens orgulhosos e ávidos, que só pretendiam, sob as apparencias de paz e amisade, a conquista e posse exclusiva do solo descoberto. Convenceu-se facilmente o principe indiano,

e desde logo se lhe transformou a boa vontade, dissimulando apenas o seu odio para encontrar ensejo favoravel de colher ás mãos os estrangeiros.

Debellados, todavia, os tramas pela intrepidez e astucia de Vasco da Gama, levantaram ancora as naus, e depois de quasi tres mezes de demora n'esse paiz inimigo, seguiram viagem para Portugal, tendo que vencer de novo graves perigos, e perdendo tantos a vida com as febres, que dos cento e sessenta homens que partiram, poucos mais de sessenta regressaram á patria.

Em Portugal a noticia do descobrimento da India encheu de enthusiasmo todo o reino. Estavam depositos os temores, patente o caminho, encetada, em summa, a nova cruzada de religião, de guerra, de industria e de gloria, que ia devassar as barreiras da antiga civilisação oriental. Justificára-se o firme proposito que vencêra as apprehensões anteriores, e D. Manuel, depois de premiar Vasco da Gama e os famosos companheiros, acrescentou aos titulos do seu dictado os de senhor da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.

O soberbo mosteiro dos Jeronymos foi o padrão erguido á grandeza do empreendimento, á fortuna do resultado, ao favor da providencia; a torre de S. Vicente de Belem, edificada quasi no mesmo periodo, tornou-se a testemunha gloriosa do immenso poder que depois alcançámos, e que ao passo que avassallava o imperio da Asia, vencia na Berberia as bellicosas turbas agarenas, cravava marcos de posse em quasi tres mil leguas da costa oriental da Africa, e dava á Europa a primazia entre as outras partes do mundo, abrindo caminho á grande revolução intellectual, moral, politica, mercantil e guerreira, que, arremessando-se com as obras para alem do acanhado horisonte da experiencia, tornou o seculo xvi talvez a epocha mais maravilhosa da historia da civilisação.

## XII

### DESCOBRIMENTO DO BRAZIL.

1500

No anno seguinte ao da volta de Vasco da Gama encarregou D. Manuel a Pedro Alvares Cabral, senhor de Belmonte, e alcaide mór de Azurara, o mando de uma armada de treze vélas, que devia na sua derrota correr a costa de Sofala, visitar o rei de Melinde, chegar a Calecut, e proseguir na empreza, a um tempo mercantil e guerreira, iniciada com tanta fortuna pelo primeiro descobridor. Era a frota magnifica e poderosa, e tinha como capitães entre outros, alem de Pedro Alvares Cabral, Nicolau Coelho, que fôra na anterior expedição, e Bartholomeu Dias, o primeiro

\*

que ousára dobrar o cabo da Boa Esperança, e que no seio das suas tormentas ia encontrar d'esta vez o perpetuo somno da morte.

Preparado tudo para a partida, levantaram-se ancoras, desfraldaram-se vélas, e cortando as águas sahiu a armada de mar em fóra no dia 9 de março, e seguiu viagem prospera até ás alturas de Cabo Verde, onde um temporal desfeito de tal modo agitou os mares, que os navios, envolvidos entre serras de ondas, ora eram alçados no cume das vagas como se ellas os quizessem expellir de si, ora quasi se submergiam na concavidade do abysmo. Acalmada a procella, juntou-se toda a frota, á excepção de um navio que depois arribou a Lisboa, e continuaram os doze restantes pelo oceano, afastando-se das costas de Africa, ou para evitarem as calmarias da Guiné, como já o praticára Vasco da Gama, ou porque para o proseguimento de tal rumo influisse de algum modo o espirito aventureoso e obstinado d'esses homens energicos, que tudo arrostavam e a tudo se atreviam com o ardor que só deriva do verdadeiro enthusiasmo.

As plantas maritimas encontradas no dia 21 de abril, as aves redemoinhando nos ares



ou pousando sobre as aguas, um halito perfumado impregnando a atmospherá annunciaram aos navegantes a proximidade de regiões desconhecidas; e por isso, na manhã seguinte, apinhavam-se todos nos chapitéus da proa, fixa a vista no extremo dos mares, onde já se divisava como que um ponto escuro que gradualmente ia crescendo. A final a voz do gageiro da nau capitanea bradou no cesto da gavia — *terra!*—, e durante minutos só esse grito de contentamento indizível ressoou em todos os navios. A ligeira nevoa avultára no horisonte, a frota surdia sempre ávante, e por fim já distintamente se observava um monte de fórma arredondada, largas serranias para o sul, e ao longe uma extensa planicie, vestida de sombrios arvoredos. Aproaram então as naus á terra, que pela ignorancia d'aquellas eras julgaram os pilotos que só podia ser uma grande ilha, como alguma dos Açores ou das Antilhas, ancoraram perto da costa, e na manhã seguinte sulcavam as aguas em direcção á praia.

Grupos de homens, de mulheres e de creanças appareciam por entre as arvores, e ora se adiantavam a medo, ora se retrahiam,

testemunhando nos gestos o espanto que lhes causavam as embarcações, as vélas, as vergas, os mastros, cousas como que animadas e sobrenaturaes, que pareciam obedecer ao impulso de uma vontade unica. Não tinha essa gente os caracteres physicos das raças africanas ou europeas, e apenas se semelhava com as da India na côr baça e no cabello comprido e corredio. Os corpos eram altos e robustos, as feições regulares, a physionomia franca e benevola; e apesar das armas que traziam mostravam-se de indole pacifica, ditosos com seus costumes singelos, e satisfeitos com o que o solo espontaneamente lhes offerecia.

Não podendo desembarcar ahi, porque o mar quebrava então muito na costa, seguiram os portuguezes na volta do norte, buscando á feição do vento algum porto seguro onde surgissem; e de feito tendo navegado cerca de dez leguas, encontraram no dia 24 de abril uma enseada, onde logo entraram os navios menores, ficando ao principio as naus fóra dos recifes, por não se conhecer se havia dentro sufficiente fundo. Entretanto alguns marinheiros approximaram-se em bateis á praia, e con-

seguiram tomar de sobresalto dous indigenas, que andavam n'uma jangada ou almadia, formada a seu modo de tres traves unidas, e que nem tentaram resistir, não obstante trazer um d'elles arco e frechas, e poderem ser facilmente soccorridos. Levados á presença de Pedro Alvares Cabral, procurou este de alguma fórma interrogal-os, deu-lhes o que indicaram desejar, enviou-os no dia seguinte para terra, a fim de evitar suspeitas ou receios, e estabeleceu assim as primeiras relações com os habitantes d'essa parte do novo mundo, que o acaso nos sujeitava, como o acaso entregára a Colombo as costas occidentaes da America.

Não tentaremos descrever as varias scenas de curiosidade e de innocencia por parte dos indigenas, de contentamento, de entusiasmo e de nobreza por parte dos descobridores, que tiveram como theatro essas praias emquanto ahi se demorou a armada. O quadro que apresentassemos seria apenas um esboço desenhado a largos traços, que mal conseguiria trasladar a narração synchrona de Pero Vaz de Caminha, onde miudamente se representam os factos e circumstancias, e como que resurgem os proprios protogonistas. Cin-

gir-nos-hemos, pois, a dizer que, tendo o capitão mandado reconhecer o paiz, e sabendo que era fertil, retalhado de rios caudaes, coberto de arvores fructiferas, e povoado por gentio docil, com o qual se mostrava facil a entrada, resolveu tomar solememente posse d'essa região, oceano de soberbas e virginaes florestas em que parecia reproduzir-se o eden dos livros santos.

Designado para aquelle acto o primeiro dia de maio, assistiram á missa em terra os navegantes, ataviados das melhores telas e de luscidas armas; e debaixo d'aquelle céu puro, n'aquella atmospherá balsamica, perante aquelles horisontes esplendidos, um profundo sentimento de confiança em Deus devia animar esses homens ajoelhados em frente do mesmo altar, esquecidos dos perigos e fadigas, e enlaçados pelas recordações, pelas crenças, pelos trabalhos e pelo pensamento de gloria, que mais ou menos se erguia em todas aquellas almas de bronze. Em seguida, no meio do resoar das charamelas e tambores, das acclamações da marinhagem e dos gritos festivos dos indigenas, levantou-se perto da praia uma grande cruz, feita com madeira d'aquellas

selvas, padrão glorioso da nobre empreza, que nenhum acto de crueldade deshonrara.

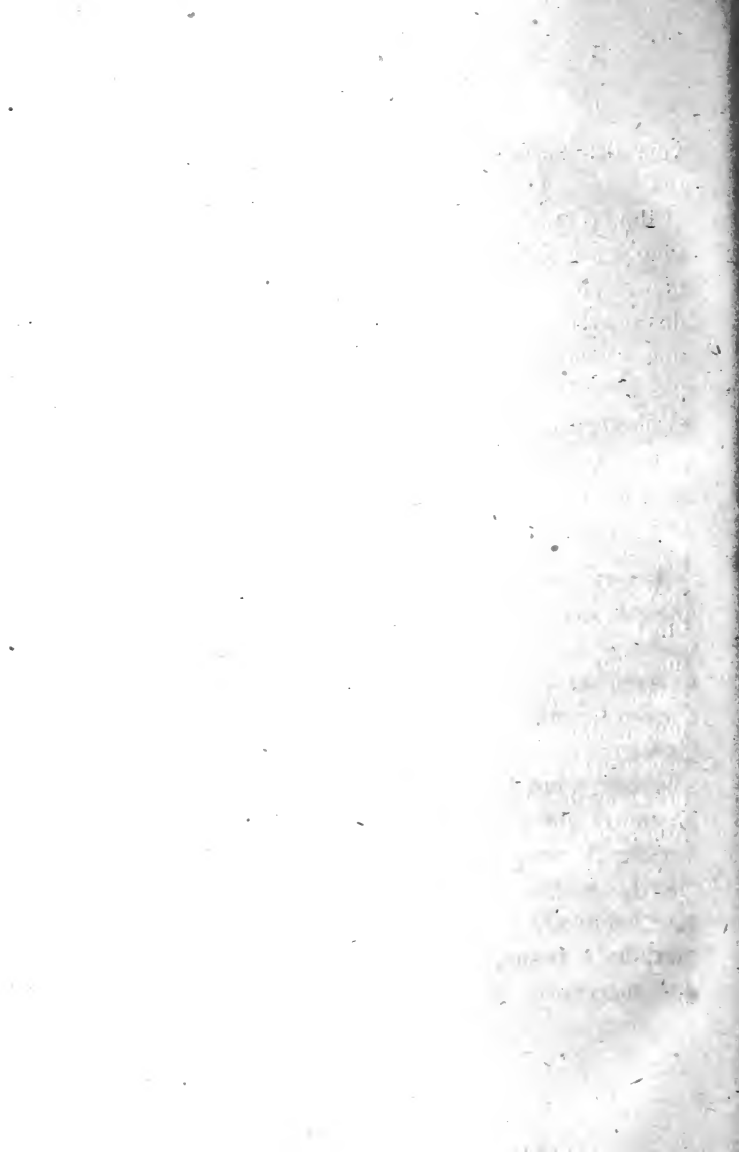
Não quiz Pedro Alvares Cabral demorar noticia tão extraordinaria, e expediu Gaspar de Lemos para a transmittir a el-rei, partindo elle proprio d'aquellas praias no dia 3 de maio, e deixando em terra dous degredados, vivo testemunho de posse incontestada. A fortuna, porém, que até então lhe fôra propicia, depressa o desamparou. Assaltada a frota, por uma tempestade horrorosa proximo ao cabo da Boa Esperança, abysmaram-se no oceano, com a gente que levavam, quatro dos onze navios que se dirigiam á India.

Passados mezes Gaspar de Lemos transpõe de novo a foz do Tejo, e vem annunciar a Lisboa, ao reino, ao mundo o novo descobrimento. A febre do enthusiasmo exaltou então todos os animos, dando-lhes a energia e confiança que até essa conjunctura faltára a muitos. O pendão das quinas, que tremulava na Europa e na Africa, nas ilhas do Atlantico e nos mares da India, ia alongar-se pelo occidente, e Portugal podia dizer com legitimo orgulho que tomara o primeiro lugar entre as nações.

Durante muito tempo, todavia, pouco se cuidou da nova possessão, e D. Manuel, deslumbrado pelo magico esplendor do sumptuoso Oriente, não se lembrou de a mandar explorar como convinha, nem acrescentou aos titulos do seu dictado um que significasse o senhorio n'aquella immensa região. A especiaria e os diamantes, o marfim e o oiro das conquistas asiaticas captivavam exclusivamente as vontades; a vassallagem de muitas nações florescentes, as páreas de monarchas dos ultimos confins da terra ensoberbeciam a afortunada metropole; a desmedida amplidão de um terreno inculto, e ou ermo ou povoado de selvagens, pouco attrahia a ambição dos que viam a seus pés os povos desde as cidades de Africa fronteiras até o seio persico e o mar da China. Só com o rodear dos annos se conheceu a importancia do vasto continente que a ventura nos offerecêra. Errado foi o systema de colonisação que se adoptou, funestos os resultados que d'elle derivaram, mas a riqueza do solo e a bondade do clima resistiram á ineptidão dos homens e á barbaria das leis, e a terra de Santa Cruz tornou-se dentro de um seculo o fito da cubiça e in-

veja das nações marítimas e commerciantes.

Hoje o Brazil é dilatado imperio, energico, vigoroso e livre. Emancipado da metropole, não só por acontecimentos em parte calculados e predispostos, e em parte imprevistos, mas ainda pela logica natural do progresso das sociedades, está destinado, pela sua posição geographica, pela excellencia do clima, pelas riquezas que possui, pelo denodo e esplendor das suas armas, e pelo patriotismo dos seus habitantes a desempenhar uma grande missão civilisadora na historia do novo mundo. Possa o povo infante, filho e em tudo descendente de uma nação pequena mas heroica, viver e prosperar por muitos seculos, dando exemplos de sabedoria e de humanidade ás velhas monarchias da Europa, e conservando com gloria a supremacia que nobremente alcançou nas amplas regiões da America meridional.





## XIII

### VICTORIAS DE DUARTE PACHECO

1504

As armadas do grande Affonso de Albuquerque e de seu primo Francisco de Albuquerque, tendo-se demorado durante mezes na India, haviam partido para Portugal, deixando em Cochim Duarte Pacheco Pereira com cento e cincoenta portuguezes, entre marinheiros e soldados, a fim de auxiliar o fiel Trimumpára na guerra que o Samorim não tardaria a mover-lhe. No vigor da idade, povoado o espirito dos sonhos doirados da ambição de gloria, habituado ao fervor das refregas, ao marulho e resaca dos perigos, ao remoinho dos successos, ao alvoroço das victorias,

Duarte Pacheco, cujo nome apparece na historia do imperio asiatico como o do ultimo semideus que combate na terra, tinha a força de animo que vae até á immolação e consumma prodigios. Ameaçado por quasi todos os rajhás do Malabar, os quaes se haviam alliado com o Samorim, resistiu ás solicitações de Trimumpára para que fugisse á infallivel ruina e se recolhesse ás costas da Arabia, como fizera Vicente Sodré; levou o terror da sua fama ao seio dos adversarios, entrando pelas terras de Repelim, talando os campos, assolando as povoações, e conseguindo desde logo importantes despojos; preparou se, emfim, para a resistencia, resolvendo suster o impeto dos inimigos no passo de Cambalam, soberbas Thermopylas, onde, mais feliz que Leonidas, havia de derrotar o immenso poder do novo Xerxes.

Nunca até então se offerecêra na India aos portuguezes mais opportuno ensejo de vencer com honra ou de perecer nobremente. Deixando pois no seu navio vinte e cinco homens, sob o mando de Diogo Pereira, e na tranqueira de Cochim trinta e cinco, capitaneados pelo feitor Diogo Fernandes Correia,

formou Duarte Pacheco a sua frota com uma das caravellas que lhe tinham ficado, e dous bateis devidamente artilhados; tomou para transportes algumas terradas dos indios, especie de barcos como os nossos do Tejo, que chamâmos de agua-acima; e assim partiu para o vau de Cambalam, á frente de pouco mais de setenta portuguezes, e acompanhado por quinhentos nayres de Cochim, dos quaes mais temia traição do que esperava soccorró.

Chegado ao vau no dia 17 de março, antes do romper da alva, rechaçou uns oitocentos soldados de Calecut, que se haviam adiantado ao grosso do exercito, e que com frechas e arremessos tentavam impedir o desembarque, e fundeou immediatamente, mandando ligar com cadeias a caravella aos bateis. Occorrêra-lhe obstruir d'esta sorte o passo, e neutralisar, quanto possivel, a superioridade dos adversarios que, apertados n'aquella estreita garganta, mal poderiam revolver-se e ordenar-se. Feito isto, dispoz-se para o temeroso recontro com a experiencia adquirida no meio dos perigos da guerra, e a stoica indiferença que a nenhum lance succumbe.

No dia seguinte, designado pelos agourei-

ros como feliz e decisivo, determinou o Samorim encetar o combate. Unidos com o poderoso monarcha, sob o pendão de guerra, estavam os reis seus tributarios e alliados. Cento e sessenta navios de remo — paráos, captures e almadias —, com perto de quatro mil homens de peleja, capitaneados por Naubeadarim, sobrinho e herdeiro do rei de Calecut, e pelo caimal ou senhor de Repelim, occupavam o rio. Milhares de soldados estendiam-se, como densa seara de lanças, pelo lado da terra. Tudo, emfim, parecia indicar que o esforço dos companheiros de Pacheco não poderia de modo algum resistir ao estoirar da procella, que de uma e outra parte os ameaçava.

Vinte paráos encadeados, formando uma larga e solida jangada, defendida com arrombadas, e bem guarnecida e artilhada, iniciaram a batalha, tentando romper a passagem com a força do impulso, ou aferrar com arpeos a caravella para depois a destruir facilmente. Estavam, todavia, os portuguezes bem providos de bombardas, de arcabuzes, de pelouros, de panellas de polvora, e de quantos artificios pyrotechnicos se conheciam já n'es-

ses tempos, e depois de vivo fogo dispersaram as embarcações, mettendo algumas a pique, e cedendo assim ás aguas as primicias do despojo. O caimal de Repelim avançou então com todas as suas forças, ao passo que o exercito de terra, levantando o clamor de combate, se arremessou sobre o vau, a fim de que a victoria fosse indubitavel e absoluta.

Aos primeiros tiros os nayres de Cochim, lançando fóra as armas para ficarem mais desembaraçados, precipitaram-se em desvairada fuga sem terem sequer pelejado. Os poucos portuguezes, que rodeavam Pacheco, expostos á chuva das frechas arrojadas dos bateis, e aos dardos e pelouros do exercito de terra, viram-se no extremo risco. Para elles, porém, não havia recuar, e a desesperada resistencia que offereceram venceu o alvoroçado embate dos adversarios, que não obstante a vantagem do numero cederam os postos de que já se tinham apossado, e voltaram aos arrayaes em tumultuosa retirada.

O exito d'este primeiro combate excedeu todas as previsões. As perdas haviam sido assombrosamente desiguaes; enormes por parte dos contrarios, diminutissimas do nosso lado;

mas os fructos de maior valia para Duarte Pacheco foram os de ordem moral. O grande capitão mostrára aos indios, assim alliados como inimigos, quanto valia a constancia e disciplina dos portuguezes, e redobrára n'estes a audacia, predispondo-os para futuras victorias.

D'ahi a dias o Samorim, havendo recebido importantes reforços, ordenou nova investida. Presumindo, porém, que o capital estorvo provinha do valor pessoal de Duarte Pacheco, a quem já as proezas tinham cercado de uma aureola de terror supersticioso, procurou distrahir-lhe a attenção, enviando parte da frota saltar o navio que ficára em frente de Cochim. O arдил produziu até certo ponto o ambicionado effeito, porque o capitão portuguez correu logo n'um dos bateis a soccorrer o navio, que aliás mal se poderia defender se elle tardára; mas a parte principal da frota de Calecut encontrou nos portuguezes que ficaram em Cambalam a mesma resistencia tenaz que já havia experimentado, resistencia que levára os indios a suporem que os nossos se ligavam com juramento, como os amoucos de Malaça e de Java, para supplantar quantos os affron-

tassem, não temendo nunca a morte, comtanto que sobre os seus cadaveres se hasteasse victorioso o estandarte da vingança.

Assim decorreram largos dias entre combates e fadigas. A desanimação começou então a lavrar no exercito de Calecut, e muitos dos principaes caudilhos fallaram de levantar o campo. O Samorim chegou a hesitar, e só ás instancias dos brachmanes e de alguns mercadores mussulmanos que o acompanhavam se deveu a resolução de proseguir a empreza. Tratou-se de commetter a entrada, aproveitando alguns vaus, onde as duas caravellas, de que os portuguezes já por essa occasião dispunham, não podessem chegar. Advertido a tempo das novas traças de guerra, Duarte Pacheco mandou fortificar os sitios designados, ouriçando-os de estacaria, e encarregou da sua defesa os nayres de Cochim, aos quaes as victorias dos portuguezes parecia terem despertado o amortecido espirito guerreiro. Depois collocando as caravellas de sorte que podessem rebater a investida da frota inimiga, e dispondo os bateis para que opportunamente soccorressem qualquer ponto ameaçado, aguardou com animo seguro a ter-

rivel lucta de cujo resultado dependia a vida dos seus companheiros, e porventura a conservação do nosso dominio na India.

Ao approximarem-se os indios choveram sobre elles, como denso granizo, os tiros de mosquetes e bombardas; mas os nayres encarregados de defender a estacaria, arrastados pelo terror ou resolvidos à traição, desampararam os postos, e os de Calecut, adquirindo com isto nova energia e audacia, precipitaram-se, como torrente impetuosa, atravez do rio nos pontos em que a baixa-mar o tornava vadeavel. A lancha em que estava Duarte Pacheco encontrou-se então em grande risco. Cercada por todos os lados era quasi inevitavel cahir em poder dos inimigos, que já com as mãos prendiam os remos. Não afrouxou com isso o animo dos portuguezes, mas como que se exaltou o entusiasmo ardente, esforço sobrehumano que não só arrosta sem receio os perigos, mas quasi encara a morte sem lhe attentar o horror. Suppondo infallivel a perda, dispunham-se a vender caro as vidas, quando a maré começou a crescer, e ao passo que os portuguezes poderam então manobrar mais facilmente, os indios sentiram-se



constrangidos a retroceder. Frustrada esta tentativa, as tropas de Calecut recolheram-se ao acampamento.

Convencido por dolorosa experiencia de que os seus recursos militares não eram sufficientes para submeter aquella raça indomavel, que ao principio julgára facil debellar de um só golpe, cuidou o Samorim em acabar com ella recorrendo á traição. Com este fim tentou mandar assassinar Duarte Pacheco, e envenenar a agua e mantimentos de que os nossos se podiam servir. Mallogradas, porém, essas ciladas, e vendo que o flagello da peste devastava no acampamento os seus subditos, o rei de Calecut enviou mensageiros secretos com propostas de paz, que Duarte Pacheco recusou, persuadido de que por esse meio pretendia sómente o astuto indiano aguardar circumstancias futuras que lhe facilitassem a desforra.

A altivez da recusa augmentou o terror dos gentios. De feito o Samorim procurára com as suas fingidas promessas obter apenas tre-goas mais ou menos dilatadas, na esperanza de reparar os ultimos desastres, e de buscar depois pretextos ou de encontrar motivos para

romper as estipulações. Collocado, todavia, na necessidade de continuar immediatamente a guerra, resolveu arriscar n'um ultimo e decisivo recontro a sorte da empreza.

N'essa batalha, empenharam-se, pois, de um e outro lado todas as forças. A frota de Calecut abriu o combate, lançando pela corrente balsas accesas, cheias de lenha, breu e azeite, que deviam ir ao encontro dos navios portuguezes, como um rio de fogo. Prevendo, porém, esse stratagem, contra o qual de nada valeria o esforço, Duarte Pacheco tinha mandado collocar em frente das caravellas um pontão chapeado de ferro, e defronte d'esse obstaculo cousumiram-se em vão as balsas inflammadas, ao mesmo tempo que a armada de Calecut permaneceu exposta ao fogo da artilheria portugueza, cujo maior alcance foi n'esta occasião de incontrastavel vantagem. Extincto o incendio aproximaram-se da frota christã muitos paráos, sobre os quaes os gentios tinham levantado oito castellos de madeira, forrados de chapas de ferro, ou, como hoje se diria, couraçados; mas debaixo de nuvens de balas, frechas e alcanzias os nossos não desanimaram, e ao sexto ou setimo

tiro de um camello, nome que então se dava a certas bombardas de grosso calibre, os castellos foram derrubados. Entretanto pelo lado de terra o Samorim não era mais feliz, e dentro de poucas horas o destroço dos indios tornou-se geral e completo.

Este prelio de todos os dias, estes vãos esforços de tropas numerosas para triumphar de um punhado de homens deviam ter um termo. Depois de mais alguns saltos e escaramuças sem resultado importante, o Samorim levantou o campo, e no meio de profunda melancholia recolheu-se a uma especie de cenobios, asylos para o desamparo da fortuna, onde os brachmanes consomem a vida em penitencia. Duarte Pacheco, voltando a Cochim, foi acolhido pelo rei com a immensa gratidão de quem via n'elle o esteio do seu throno.

A lucta heroica que tentámos esboçar deve afigurar-se aos homens de hoje uma d'essas fabulas brilhantes mas absurdas, com que a tradição costuma ás vezes exagerar os acontecimentos. Desapparece, porém, o maravilhoso desde que se contemple a situação dos dous antagonistas. Os portuguezes tinham por seu lado o denodo e enthusiasmo, que mal

podem de certo ser avaliados n'estes nossos tempos de frio desdem, de sordido individualismo, de incredulidade gangrenosa; tinham a vantagem da posição e das armas, a escola das guerras de Africa, o despreendimento da vida, a severa disciplina que lhes multiplicava as forças, e a auctoridade de um grande capitão, que contribuia para a victoria com a rapidez das idéas, com a fecundidade das concepções, com a robustez da vontade, com o exemplo do valor. Os indios, naturalmente fleugmaticos e timidos, não sentiam no animo esses nobres impetos que accende o amor da patria, affecto confuso e indefinivel, mas profundo e energico, que leva os homens aos riscos gloriosos, ás resistencias temerarias, aos sublimes commettimentos. Demais a obstinação com que o Samorim, logo ao principio da guerra, tinha querido, como touro furioso, romper de frente o vau de Cambalam, ponto strategico excellentemente defensavel, que os nossos haviam por isso aproveitado, sujeitára a taes revezes os soldados de Calcut, que estes, não obstante a enorme superioridade do numero, vacillaram e tremeram sempre ao offerecer-se-lhes combate. Duarte

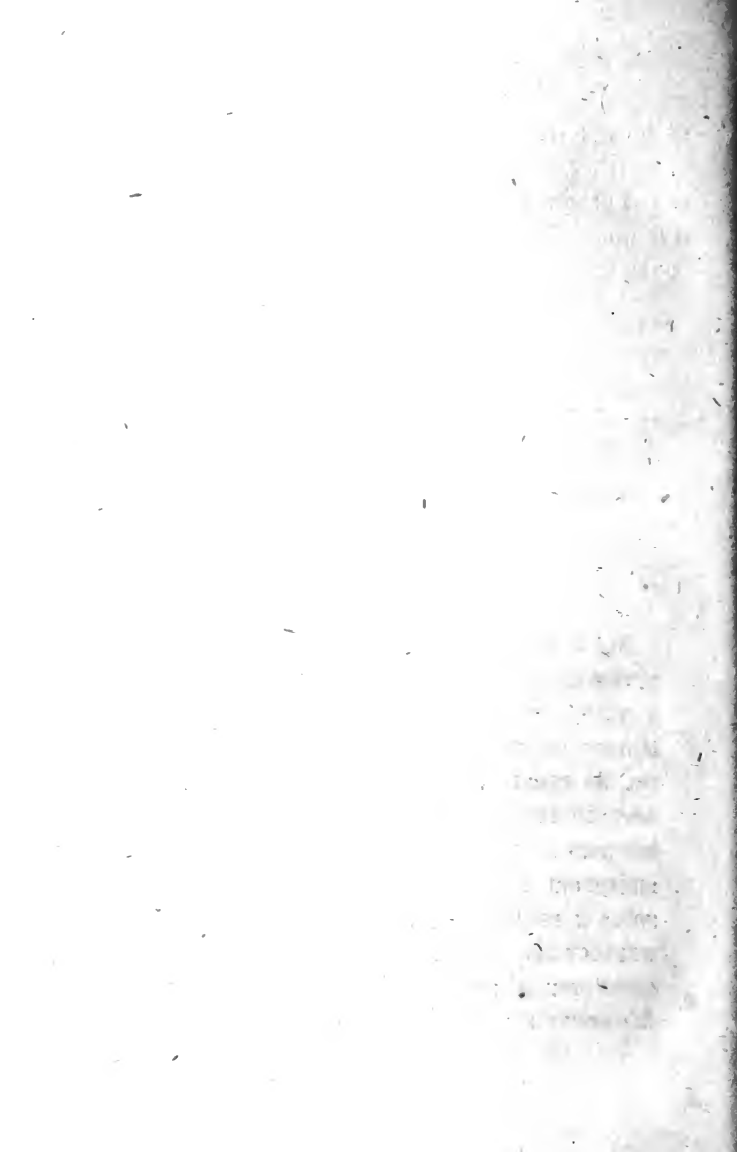
Pacheco alcançou, pois, repousar sobre os louros da victoria. A profunda confiança na fortuna, e o esforço e constancia dos compa-  
nheiros poderam, emfim, consummar um dos  
mais extraordinarios feitos que o mundo tem  
visto.

Chegando a Lisboa na armada de Lopo  
Soares, Duarte Pacheco fôï recebido em trium-  
pho por el-rei D. Manuel. Em todas as cidades  
e villas de Portugal celebraram-se as proezas  
do vencedor das Indias, e o monarcha afortu-  
nado congratulou-se com o summo pontifice  
e com todos os soberanos da christandade pe-  
las glorias obtidas na Asia. Feito isto, não se  
cuidou de Duarte Pacheco durou longo tempo.  
Nas côrtes quem pretende medrar precisa  
quasi sempre descer á genuflexão requerente;  
desconcertar ou prevenir suspeitas de rivaes  
e de validos; lisonjear as vaidades inquietas  
de todas as supremacias e eminencias; ar-  
rastar, emfim, cadeias de aviltamento e de  
vergonha, como se passeasse livremente com  
a serena alegria que só deveras se encontra  
na consciencia da propria dignidade. Tem de  
ser lodo; e ao nobre coração de Duarte Pa-  
checo repugnava profundamente tudo quanto

era baixo e abjecto. Ninguem, pois, quiz lembrar-se d'aquelle homem que cimentára com prodigios de valor o dominio portuguez na India; e por isso só passados muitos annos foi nomeado para o governo de S. Jorge da Mina. Pouco, todavia, lhe durou a fortuna. Perseguido pelos invejosos, aos quaes qualquer fama que se levanta faz logo enfiar de susto, accusado em segredo por testemunhas vis, julgado e condemnado sem o ouvirem, voltou carregado de ferros para o reino. Ahi reconhecida a sua innocencia, recobrou a liberdade, mas não escapou á pobreza e ao vilipendio. Desde então foi-lhe a vida martyrio insupportavel. A final, esmagado pela ingratição do monarcha, ralado pelas largas horas de intima agonia, esquecido ou desprezado por todos, porque nas sociedades corruptas até a virtude é egoista, morreu no seio da miseria.

Tal é quasi sempre a sorte d'esses homens que pela nobre ambição de gloria conseguem perpetuar o seu nome. Entrando no desterro da vida com sympathia sincera por tudo quanto os rodeia, são logo flagellados pelas paixões ignobéis dos que os não podem comprehender.

A fortuna, ciosa da natureza, desampara-os;  
a patria humilha-os quando os não engeita;  
e só encontram o repouso e a paz no momento  
em que a alma, cançada de soffrimento, cede  
ao peso das desventuras.





## XIV

### MATANÇA NOS CHRISTÃOS NOVOS DE LISBOA

1506

Até o principio do seculo xvi os hebreus portuguezes eram considerados como nação á parte, com magistrados, leis, usos e até bairros separados; mas á força de intelligencia, de estudo, de actividade, de astucia, de perseverança e de união, e a despeito das leis mais ou menos oppressivas a que sempre estiveram sujeitos, haviam conquistado no reino irresistivel preponderancia. Essa preponderancia, de que, como é natural, frequentemente abusavam, desafiára o rancor das multidões, que não podiam ver sem inve-

ja homens desamparados de Deus possuirem grandes riquezas, e exercerem por toda a parte uma especie de senhorio. Depois de executada a fatal lei, que expulsou de Portugal os judeus não convertidos, o furor popular conservára-se por algum tempo latente. Era o vulcão que socegava depois de violenta erupção, mas cuja chamma inextinguivel se escondia debaixo das cinzas, para se alçar de subito com mais força n'uma explosão tremenda. Aquelles, portanto, que, vencidos e não convencidos, enervados pelo medo, sedentos de ouro, detidos pela execução de algum grande plano, ou presos pelos laços do amor patrio e das affeições de familia, tinham trahido as suas opiniões, e renegado a crença de seus avós sómente para se conservarem na terra natal, não alcançaram em paga de tantos sacrificios senão uma tranquillidade equivoca e pouco duradoura. Detestados pelos christãos, posto que na apparencia membros da mesma Igreja, desprezados como apostatas pelos instigadores da sua apostasia, envilecidos a seus proprios olhos pela vergonha de uma falsa conversão, tragando humilhações e aleives, sujeitando-se a toda a especie de

gravames, receiando a cada hora perder a fortuna e a vida, e como que suffocados com a mascara da hypocrisia, é provavel que esses homens acolhessem na sua alma, como direito imprescriptivel, um odio profundo contra os seus tyrannos, e que não perdessem occasião alguma de o satisfazer, ou por via da usura, vicio aliás commum da raça hebraica, ou até por meios violentos, quando podessem ser empregados sem imminente risco. Essas vinganças, porém, exacerbavam ainda a irritação dos animos, e tudo denotava que a colera popular, agitada pelo fanatismo, ia em breve rebentar impetuosa e feroz.

Era na primavera de 1506. A peste assolava Lisboa, tornando ainda mais dura a triste condição dos seus habitantes, muitos dos quaes, no meio de sobresaltos, de desalentos e de agonias, já a custo resistiam ao flagello da fome. Faziam-se preces publicas, e no dia 19 de abril, domingo de Paschoela, ao celebrarem-se os officios divinos na egreja de S. Domingos, houve quem visse ou suppozesse ver uma luz extraordinaria, que illuminava a imagem do Redemptor na capella chamada de Jesus. Realisára-se o milagre em dias an-

teriores; muitos dos circumstantes, porém, mostravam-se incredulos, e entre elles um christão novo, ao qual escaparam sobre o caso algumas palavras imprudentes. Tanto bastou para alborotar o povo, porque á devoção associára-se o terror; e o desditoso blasphemo foi arrojado para o adro, onde o assassinaram e queimaram, ao passo que dous frades dominicanos, erguendo nas mãos impias um crucifixo, clamavam contra a heresia. Accendeu-se mais com este estímulo a furia da plebe, e crescendo o numero dos amotinados com a marinhagem de muitas naus estrangeiras ancoradas no porto, cresceu em todos a ousadia. Os conversos, que andavam desprevenidos pelas ruas, eram mortos ou mal feridos, e arrastados indistinctamente para as fogueiras, que se haviam preparado no Rocio e na Ribeira. A côrte e a nobreza estavam fóra da cidade, e os poucos officiaes publicos que não se tinham retirado, e que tentaram apaziguar a revolta, apedrejados e perseguidos, só escaparam com a fuga ao impeto irresistivel das turbas.

Com as trevas aggravou-se a desordem. Na segunda feira as scenas da vespera repetiram-

se com maior crueza. Já não apparecia nas ruas nenhum christão novo, mas aquelle tropel de cannibaes não estava satisfeito de matança. Foram acommettidas as casas suspeitas, das quaes, depois de saquearem tudo, traziam para fóra os habitantes, e vivos ou mortos os lançavam nas fogueiras. Mulheres, velhos e creanças eram postos a tormento para confessarem onde havia que roubar; os templos, os altares, as imagens dos sanctos, os sacra-rios não livravam da morte os que á sombra d'elles se acolhiam; e muitos christãos velhos, sacrificados á cubiça ou á vingança, cahiam promiscuamente com os neophytos ás mãos dos assassinos.

A noite veio cobrir com o seu véu aquelle longo drama de exterminio, que se renovou no dia seguinte, porém mais frouxamente, porque já faltavam as victimas. O numero dos mortos n'esses tres dias orçava por dous mil; um silencio sepulchral abrangia a vasta área da cidade; e apenas a intervallos o rugido já cançado dos algozes reboava por entre os gritos afflictivos das victimas. Emfim, pela tarde, o regedor da justiça, Ayres da Silva, e o governador da casa do civel, D. Alvaro de Cas-

tro, entraram em Lisboa acompanhados de guardas; os estrangeiros acolheram-se aos navios; e o socego restabeleceu-se.

D. Manuel estava em Aviz quando lhe deram a execravel noticia. Indignado pelas atrocidades commettidas, mandou logo o prior do Crato e o barão de Alvito com largos poderes para inquirirem dos crimes e castigarem os culpados. Presos os mais notaveis e julgados summariamente, foram muitos condemnados á morte, e entre elles os dous frades, que haviam promovido e patrocinado aquella festa de sangue. Os outros dominicanos de Lisboa foram expulsos do convento e inhibidos de tornarem á capital; as auctoridades, que por negligencia ou temor não tinham buscado oppôr diques á torrente da anarchia, perderam os officios e os bens; e os moradores da cidade, que de algum modo haviam favorecido os sediciosos, tiveram por pena o confisco. Finalmente um decreto, expedido a 22 de maio, extinguiu a casa dos vinte e quatro, e condemnou Lisboa a perder grande parte dos antigos privilegios. Debalde a camara supplicou a el-rei misericordia para a capital. D. Manuel respondeu que era preciso dar ao mun-

do aquelle exemplo de rigor, por um lado  
contra os que tinham commettido, por outro  
contra os que tinham tolerado a infame car-  
nificina.





## XV

### CONQUISTA DE GOA

1510

«A cidade de Goa, diz Barros, está situada em a terra a que os portuguezes chamam Canará, em uma ilha por nome Tiçuary, que quer dizer trinta aldéas, porque tantas havia n'ella quando os mouros a conquistaram, e tantas lhe pagavam direitos da novidade que colhiam.» Os geographos môdernos consideram-n'a a mais importante possessão das que ainda temos na Asia, e todavia apenas conserva um pallido reflexo da grandeza antiga. Ruínas sobre ruínas, marcadas com o cunho solemne da historia, e um resto de actividade commercial que os desvarios dos gover-

nos não tem podido destruir, eis quasi só o que existe da que foi capital das Indias, quando ensinámos aos demais povos da Europa o caminho do poderio e da gloria.

Era Goa, ao tempo em que os portuguezes a commetteram, excellente ponto maritimo, e a principal entrada dos reinos de Narsinga e Dekan. A segurança do porto, a brandura do clima, a fertilidade do territorio adjacente, e a altura das muralhas, assentadas á beira do rio, tornavam-n'a um dos mais ricos emporios do commercio asiatico, e talvez o logar mais adequado para se estabelecer a metropole das nossas conquistas no Oriente. Accrescia ter sido, havia pouco, avassallada pelos mouros, e não estarem os indigenas ainda de todo submissos ao jugo dos vencedores.

Com estas circumstancias é natural que Affonso de Albuquerque, logo que tomou posse do governo da India, resolvesse no seu animo apoderar-se de Goa; outros cuidados, porém, e porventura a consciencia das poucas forças de que dispunha, far-lhe-iam esparçar a tentativa para occasião favoravel. Esta em breve se offereceu, e accommodada

maravilhosamente aos seus designios. Partido de Cochim com vinte e tres velas e pouco mais de mil combatentes, e encaminhando-se a destruir a grossa armada, que o sultão do Cairo apparelhava em Suez, encontrou-se proximo a Onor com Timoja, antigo corsario d'aquella costa, e já então nosso alliado, que o dissuadiu de expedição tão longinqua, quando tinha perto a ilha e cidade de Goa, que n'aquella conjunctura podia invadir com vantagem, por estar o Hidal-Khan muito desviado d'esses sitios, detido a conter o fogo da rebelião, que lavrava nos seus subditos, e ameaçava devorar-lhe o throno. Aproveitando um aviso tão conforme aos seus desejos, Albuquerque não quiz, comtudo, decidir por si só a opportunidade da empreza, ou porque receiasse a má vontade de alguns dos seus companheiros, ou por outros quaesquer motivos ignorados hoje; e convocando a conselho os principaes capitães, ahi assentou com elles o dirigirem-se a Goa, onde de feito surgiu a frota no dia 27 de fevereiro de 1510.

O resultado foi feliz como o previra Timoja. Tanto que os habitantes e governadores da cidade viram aquella floresta de navios

ancorar no seu porto, prepararam-se para a defesa, não obstante o sobresalto do nome portuguez; mas a audacia com que os invasores arremettiam ás muralhas, ou pelejavam no campo peito a peito, depressa os desanimou, agigantando-se-lhes o perigo á força de o temerem. Era gente collecticia, a maior parte sem aquelle desprezo da vida que nasce do exercicio da guerra, e por isso não admira que logo aos primeiros revezes desesperassem da victoria. Resolveram, pois, capitular com o partido das vidas e fazendas, e propozeram n'este sentido as condições da entrega. Incitado pelos generosos impulsos da sua alma, Affonso de Albuquerque accedeu á proposta, querendo antes recusar aos seus soldados o promettido despojo do que protrahir inutilmente os horrores da guerra; e no dia seguinte entrou em Goa, no meio das acclamações festivas dos indigenas, que lhe entregaram as chaves da cidade, como homens que já não se julgavam inimigos, mas só vassallos do rei de Portugal.

Entretanto o conservar este dominio não era cousa tão facil como tinha sido adquiril-o. Os indios, naturalmente pacificos e já de

certo modo afeitos ao despotismo estranho, contentaram-se quasi todos com a segurança e amparo que lhes afiançou o vencedor; mas os mouros, nossos implacaveis adversarios por odios de crença e de raça, e por emulação de conquista, conspiraram desde logo contra o poder das quinas com a actividade incançavel, com a perseverança e talento de quem não attenta nos obstaculos senão para completamente os vencer. Por outro lado o Hidal-Khan, apenas soube a fatal nova, celebrou pazes com muitos reis seus inimigos, os quaes determinaram logo auxiliá-lo; mandou tropas numerosas, a fim de reconquistar Goa a todo o custo; e elle proprio se preparou para as seguir, resolvido a dar aos intrusos uma pesada demonstração de que pagava com usura as offensas recebidas.

Ao principio resistiram os portuguezes com alguma vantagem, repellindo constantemente os successivos assaltos, e fazendo grande estrago no exercito dos mouros; mas quando chegou o Hidal-Khan com sessenta mil soldados, e entre elles cinco mil cavalleiros, conheceram os mais valentes como a situação era impossivel, e instaram com Albuquerque

para que, abandonada por enquanto a empreza, tentasse a fortuna por outro meio; temerario muito embora, mas não de tal sorte imprudente, que o resultado só podesse ser funesto. De mau grado annuiu a isto o animo de ferro do heroe da India; faltando-lhe, porém, os soccorros que mandára vir de Cochim, vendo-se rodeado de traições, e conhecendo que os cercadores pretendiam queimar-lhe as naus, unico refugio com que contava no caso de extremo perigo, mandou embarcar a gente e recolheu-se á frota por entre os tiros dos inimigos, que, ao retirarem-se os portuguezes, os saltaram de improviso, furiosos pela inopinada resolução, que lhes frustrava, acaso para sempre, os planos de vingança.

Seguiu-se durante alguns mezes um combate incessante e terrivel, cujas diversas phases deixaremos de memorar por não valerem para o nosso principal intuito. Baste saber-se que nos principios de agosto sahiu a frota da barra de Goa, e que aos 22 de novembro ahi surgiu outra vez, trazendo cêrca de dous mil homens entre portuguezes e malabares.

Com esta gente determinou Affonso de Al-

buquerque rehver Goa ou acabar na contenda. Reconhecendo, todavia, a insufficiencia dos seus recursos militares para tomar á escala vista uma cidade tão fortificada e guardada de defensores, meditou n'um ardil, que equilibrasse até certo ponto a desigualdade de forças. O engenho natural e a experiencia da guerra depressa lh'o suggeriram; e o logar tenente de D. Manuel, que via realisarem-se uns apoz outros quasi todos os seus planos, contou de antemão com a victoria, não esquecendo, todavia, nem as mais leves precauções para o bom exito do commettimento. Era isto, era a audacia nos projectos junta á prudencia nas combinações que tornavam invencivel o insigne capitão. Quanto, pois, o systema offensivo dos assedios em taes casos recommendava, quanto os petrechos e provimentos de que dispunha podiam subministrar, tudo foi por elle empregado para que a tentativa, que parecia desatino, tivesse por termo a desaffronta e a gloria.

No entanto os soldados, convictos do proprio esforço, pediam com enthusiasmo o combate. Não tardou elle muito. Fixado para o assalto o dia 25, e reunidos na vespera os

capitães da armada, decidiu Albuquerque que se investisse a cidade pelo lado da ribeira, em quanto alguns bateis com gente e artilheria simulavam o ataque por diferentes partes, e distrahiam d'esse modo a attenção dos sitiados. A empresa assustou os nossos, não por si, mas pelo general que declarou querer expôr-se ao balanço da aventura. Supplicaram-lhe, por isso, que deixasse a elles sós o risco, e aguardasse o resultado, para que, se cahissem, houvesse quem os vingasse, e não se perdesse de todo o que se possuía na India. Resistindo, porém, Albuquerque ás reiteradas instancias, e conhecendo-lhe todos o character inflexivel, prepararam-se para aquelle feito, que já então seria indecoroso deixar de levar a cabo.

A fortuna favoreceu mais uma vez a audacia dos conquistadores. Os mouros, ao sentirem o rumor dos bateis que vogavam ao longo da praia, correram á frontaria da cidade, suppondo que por alli queriam os cercadores tomar terra; e só reconheceram o engano, de que já não era possivel resguardarem-se, quando, ao romper d'alva, ouviram o som dos instrumentos bellicos na ribeira e pela costa



acima. Entretanto não desanimaram com isto, mas comparando o seu numero com o diminuto dos sitiadores, e a vantajosa posição com a de quem, apesar de tudo, só debaixo dos pés os poderia investir, offereceram resistencia desesperada, e tanto mais terrivel, quanto o rancor entre os dous exercitos se accumulára por largos dias sem poder resfolegar. Por outra parte os portuguezes, trepando pelas tranqueiras, não obstante choverem sobre elles milhares de tiros e arremecos, pelejando braço a braço com os cercados, luctando e rolando de pedra em pedra para de novo subirem, e cada vez com mais denodo, conseguiram a final arrombar uma das portas, por onde se arrojaram destemidos, como homens aos quaes a febre dos combates exaltára até o delirio.

Despedaçado o dique, começou na apertada senda um fluxo e refluxo dos dous bandos contendores, combate indeciso e acerrimo que apenas durou instantes. Era denso o enxame dos que vedavam a entrada, mas aquelles mesmos, que ao principio tinham mostrado impetuoso esforço, tomaram-se de repente susto ao experimentarem de perto

a tempera das espadas inimigas, e desamparando tumultuariamente os postos, acolheram-se ao interior da cidade, onde os invasores, cegos de ira, se entranharam apoz elles. Travou-se então nas ruas e praças de Goa a maior força da refrega, porque os mouros eram dez vezes mais numerosos, e pelejavam enraivecidos por terem cedido o passo a tão poucos; mas isto não impediu que os soldados de Albuquerque, soccorridos a cada instante pelos companheiros que chegavam, constrangessem, emfim, os defensores da cidade a deixal-a para sempre.

Se os mouros levavam, fugindo, perda e desar, a victoria não sahira incruenta aos portuguezes; poucos havia que não estivessem feridos, e Albuquerque, abraçando um d'elles, exclamou: «Filhos, que não sei que vos faça senão que romperei as vestiduras diante de el-rei, porque vos faça mercê, que vos honrastes a vós e a mim». Assim sabia o varão extraordinario, que a Providencia parecia ter creado para perpetuar nas nossas mãos o imperio da Asia, adquirir a affeição dos seus soldados, aos quaes com o exemplo infundia esforço, com as revelações lumino-

sas do genio uma confiança sem limites, com a severidade, talvez excessiva, o respeito e a obediencia.

Albuquerque, porém, não era sómente guerreiro. O homem que fundou e firmou o imperio portuguez do Oriente, subjugando Ormuz, Goa e Malaca; que planeou a ruina completa do poder mussulmano com o desviar o curso do Nilo e destruir a casa de Meca; que deixou, emfim, tal memoria entre os vencidos, que elles vinham depois diante do seu tumulo invocal-o, pedindo-lhe justiça, era uma d'essas intelligencias eminentes, que abraçam por inspirações subitas e fecundas todos os ramos do saber humano; era um d'esses nobres espiritos, que, perseguidos pela incredulidade, pela inveja, pelo terror, pelo odio, pelas paixões mesquinhas ou infames dos que os não podem ou não querem entender, conseguem, todavia, elevar-se radiantes acima de tudo quanto os cerca. Profundo conhecedor das boas doutrinas politicas, não quiz confiar á sorte das batalhas o empreendimento de novas conquistas antes de assentar o dominio de Goa em bases seguras e duradouras, começando assim a realisar o pro-

gramma pacificador, que devia pôr magesoso remate á nossa grandeza na Asia. Admittiu pois vassallagem aos indigenas; prometeu segurança e protecção aos mercadores estrangeiros; recebeu embaixadas e homenagens da maior parte dos soberanos indiaticos; mandou cunhar moeda em nomé de D. Manuel; melhorou e refez as fortificações; promoveu com dadivas e promessas casamentos entre os portuguezes e as mulheres da ilha; dirigiu de tal modo as cousas, que dentro de pouco tempo esta povoação importantissima parecia que desde muitos annos estava sujeita ao imperio portuguez; e só depois de lançar á terra essas sementes de grandeza e de prosperidade é que continuou a cadeia de feitos de armas, que lhe mereceu dos adversarios o nome de leão dos mares, e que o eleva, no conceito dos historiadores, com Cesar e Bonaparte, á altura d'esses gigantes de acção, a que chamâmos heroes.

## XVI

### EMBAIXADA AO PAPA LEÃO X

1514

Era pela volta da tarde de um d'aquelles formosos dias de março, que na Italia antecedem a primavera. O ar estava puro e sereno, e o sol brilhava magestoso no chão azul dos céos. Nos campos reverdeciam os salgueiraes, enfloravam-se os comoros silvestres, arrelvavam-se de violetas as planicies, e embalsamava-se a atmospherá com as madre-silvas e as rosas bravias que se enredavam pelos vallados. A natureza mostrava-se radiosa, e no meio d'esse immenso concerto de sorrisos, a capital dos povos catholicos parecia resurgir, juvenescer, alegrar-se, trasbor-

dar de vida e de ruido, volver, emfim, aos saudosos tempos das suas glorias e triumphos.

Desde o romper de alva os habitantes dos diferentes bairros da cidade, e ainda os das visinhas aldeias agitavam-se, remoinhavam, surdiam de todos os lados, enfileiravam-se pelas ruas, guarneciam os balcões e varandas, trepavam ás ruinas, apinhavam-se nos terraços, offereciam a quem de longe os avistasse um kaleidoscopo variadissimo e magnifico.

O espectaculo, que assim alvorocava a cidade eterna, era o de uma cerimonia magestosa, em que Portugal, levantado ao fastigio da dominação e da opulencia, apresentava á Italia de Leão X o resultado dos esforços pertinazes e assombrosamente felizes dos navegadores e guerreiros, que haviam dilatado a fé e o imperio até os extremos recessos do Oriente. Rodeado de sua côrte esplendida de grandes artistas, de poetas notaveis, de sabios illustres, de cardeaes, de monges, de clerigos e de cavalleiros, o faustoso pontifice ia receber a homenagem das nossas conquistas asiaticas; e n'essa Roma, que por muitos seculos como que absorvêra e resumira

na sua historia a vida da humanidade, iam passar entre as preciosas reliquias do mundo antigo as riquezas não menos admiraveis de um mundo até então quasi desconhecido.

Nos fins de 1513, quando na Índia já possuíamos Goa e Malaca; quando tínhamos fortalezas em Cochim, Calecut, Socotorá, Angediva, Cananor, Coulão, Columbo, Chaul, Pacem, Ternate e Sofala; quando eram nossos alliados ou tributarios os reis de Cochim, de Ormuz, de Tidore, de Ceilão, das Maldivas, de Coulão, de Melinde, de Zanzibar, de Quilôa, de Baticalá e de Pacem; quando por toda a parte abriamos novos caminhos e largos horisontes á sciencia, á politica, á civilisação, ao christianismo, quiz el-rei D. Manuel, n'uma embaixada solemne, tributar as primicias d'esses dominios ao chefe da christandade, aproveitando ao mesmo tempo o ensejo para reclamar que se emprendesse guerra contra os turcos, que proseguisse e se concluísse o concilio de Trento, que se definissem, emfim, como era instante, as prerogativas e immunidades da igreja portugueza.

Partiu com esta mensagem Tristão da Cunha, levando por accessores os doutos magis-

trados Diogo Pacheco e João de Faria, e por secretario o velho pagem da escrevaninhã de D. João II, Garcia de Rezende. Iam tambem por gentis-homens da embaixada muitos fidalgos e cavalleiros, e entre elles Nuno da Cunha, que depois foi veador da fazenda de D. João III e governador da India.

No dia 12 de março de 1514 entrava em Roma o prestito solemne, precedido pelos archeiros suissos e besteiros da guarda pontificia. Seguiam-se os charamelleiros da embaixada portugueza; os trombetas e atabales do papa; trezentas azemolas cobertas de ricos reposteiros, levadas de redeas por outros tantos azemeis; um cavallo persa, que o rei de Ormuz offertára a D. Manuel, e que, montado por um indio, trazia sobre as ancas uma formosa onça domesticada; e logo um soberbo elephante de Ceilão, que despertava sobretudo a attenção dos espectadores, e que conduzia n'um cofre valiosissimo o mais rico presente que o rei de Portugal offerecia a Leão X, um ornamento pontifical completo, todo de chaparia e figuras de ouro e pedraria preciosa, primor de arte que alguns então avaliaram em quinhentos mil cruzados.



Fechavam aquelle extenso sequito os embaixadores de Portugal, os da Allemanha, de França, de Inglaterra, da Polonia, de Veneza, de Milão e de Bolonha, o governador de Roma, arcebispos, bispos, clerigos, frades de todas as communidades monasticas, os gentis-homens das côrtes estrangeiras, e muitos cavalleiros portuguezes, trajando todos esplendidas telas e brocados, chapéus orlados de perolas e aljofar, e longas cadeias de ouro a tiracolo, esmaltadas com diamantes e rubins.

Foi tal, emfim, a pompa da embaixada, que assombrou os que haviam visitado as mais celebres capitaes da Europa; e só poude ser comparada com o apparato e magestade dos antigos triumphos. Até n'isso, até nas maravilhas do esplendor e do luxo, era grande a estatura moral dos homens d'aquelle tempo.



## XVII

### PRIMEIRO CERCO DE DIU

1538

O assassinio de Badhur, rei de Cambaya, tinha inflammado contra os portuguezes o odio dos povos indianos. Uma voz terrivel de vingança, um clamor phrenetico de guerra reboára por todos os angulos da Asia. Cresciam de dia para dia os inimigos do nosso dominio, e agitavam-se como mares revoltos por violenta tempestade. O Samorim apromptára uma poderosa frota, cuja capitanea dava ao corsario, a que os nossos chronistas chamam Pate-macar; Soleyman, páchá do Cairo, dirigia-se á India com uma armada de setenta e seis

galés, na qual trazia, além dos marinheiros e escravos, sete mil d'esses janisaros, que tinham, havia pouco, assenhoreado o Egypto, homens aguerridos e indomaveis, cuja fama enchia de terror as nações da Europa; os reis do Achem e de Jaoa sobresaltavam o senhorio de Malaca, e o commercio e navegação no oceano indico; Khodja-Safar, emfim, arrancando a mascara com que por algum tempo se fingira affeioado aos portuguezes, collocava-se á frente dos exercitos de Cambaya, debaixo das ordens de Lur-Khan, e rompia as hostilidades acommettendo Diu.

Esta ilha, hoje habitada apenas por dez mil visinhos, dos quaes a maior parte são naturaes do paiz, era então uma das mais importantes escalas commerciaes do Oriente. D. Nuno da Cunha, partindo para Goa, d'onde mais largamente podia prover aos cuidados do governo, deixára a defensão da cidade, e em ultimo aperto a da fortaleza, a Antonio da Silveira de Menezes; e este, que já se havia assignalado pelos feitos practicados na enseada de Cambaya, tratou de se preparar para a lucta com o proposito de valor tranquillo, com o pensamento de resistencia tenaz, que

durante seculos exaltaram o prestigio do nome portuguez.

No dia 26 de junho appareceu de subito na villa dos Rumes, proximo á ilha de Diu, Khodja-Safar, á testa de quatro mil homens, salteando o baluarte de Francisco Pacheco. Quatorze eram apenas os defensores d'esse posto avançado e perigoso, mas tantos bastaram para atalhar o impeto do assalto, dando tempo a que maior numero de soldados viesse soccorrel-os. Retrahidos os inimigos, Antonio da Silveira fortificou os passos do rio, como a urgencia das circumstancias permittia, mandou encher de agua a espaçosa cisterna da fortaleza, cohibiu as sedições, que na cidade os mouros suscitavam, e dividiu pelas differentes estancias os seus soldados. Logo que chegaram, porém, os doze mil homens capitaneados por Lur-Khan, reconheceu o capitão portuguez que não era para a pouca gente de que dispunha o contrastar em campo aberto a torrente dos adversarios, e determinou concentrar todas as forças no castello ou alcova, abandonando a cidade.

Bastantes dias eram passados desde que a fortaleza começára a debater-se com as tro-

pas guzarates, quando as galés dos turcos, as naus, as caravellas, os navios redondos, as galeaças, as fustas, os patamarins e terradas fundearam no porto de Diu. Então as alas do exercito de Cambaya, derramado por toda a ilha, vieram entestar com os mussulmanos, cujas embarcações do lado do rio fecharam o cerco, tolhendo aos sitiadores toda a esperança de soccorros. Khodja-Safar, mais receioso dos alliados do que talvez dos inimigos, ponderou a Soleyman que eram sufficientes para a empreza os recursos que possuia, e que a armada poderia por isso dirigir-se a Goa ou a Cochim, para ahi proseguir a guerra contra os portuguezes com resultados mais importantes e permanentes. A sêde de rapina, ou, o que não é menos provavel, a natural fereza, levou o astuto janisaro a perfilhar o dictame contrario. A final concordaram todos n'este voto, e estreitou-se desde logo o assedio.

O primeiro ponto fixado para o assalto foi o baluarte da villa dos Rumes, onde então estavam com Francisco Pacheco setenta homens de peleja. Para facilitar o commettimento mandára Soleyman construir uma torre de madeira, á similhaça das usadas pelos ro-

manos e godos, que, egualando a altura das muralhas, arrojasse dentro d'ellas enxames de homens armados. Ao cabo de poucos dias aprestou-se a agigantada machina, mas por um d'aquelles lances de ousadia, de que a fortuna costuma ás vezes namorar-se, conseguiram alguns portuguezes incendial-a, não obstante choverem sobre elles os tiros dos soldados que a guardavam. Não desistiram com isso os cercadores. Aluida pelo vaivem dos engenhos e pelos pelouros da artilheria, uma porção de muralha oscillou, fendeu-se, cahiu despedaçada, e logo muitos dos inimigos, trepando sobre as ruinas, tentaram escalar o baluarte. Então foi solemne o espectaculo que todos presencearam. No cimo d'essas ruinas appareceram dous homens a suster o embate dos assaltantes, e ora com panellas de polvora, ora com pesados golpes expediram uma tempestade de ferro e fogo, diante da qual não valia força nem denodo. Onde tinham desaparecido as muralhas esses homens conseguiram suppril-as. O espaço que defendiam era estreito, e os turcos não podiam aproveitar a enorme superioridade do numero, senão para renovarem os combatentes, que, despe-

nhados pelos portuguezes, rolavam de pedra em pedra até aos fossos. Assim se conservou durante um dia inteiro o baluarte da villa dos Rumes, como penhasco em meio de temporal, atormentado pelas tumultuosas ondas dos assaltantes, até que estes desistiram a final da empreza, deixando o campo juncado de cadaveres.

Mas a constancia dos defensores do baluarte, o esforço supremo d'esses valentes estavam perto do seu termo. Renderem-se ou serem suffocados pela multidão que os comprimia com estreito cinto de ferro, era a alternativa que lhes restava. Tratou-se da rendição. No dia seguinte franquearam-se aos turcos as portas do baluarte, mas ainda então alguns portuguezes, exaltados por nobre sentimento de patriotismo, mais amoucos que soldados, mais temerarios que valorosos, preferiram morrer defendendo o pendão da cruz a vê-lo abatido pelo estandarte muslemico. De um só d'esses loucos sublimes nos conserva a historia o honrado nome. Chamava-se João Pires o pobre velho que, cahindo, venceu em gloria os vencedores.

Obtida não sem grande estrago esta pri-



meira vantagem, propoz Soleyman a Antonio da Silveira, que entregasse a fortaleza, offerecendo a todos os seus defensores a vida, a liberdade e os meios necessarios para se dirigirem a Goa ou onde lhes aprouvesse. Desprezou o capitão a proposta, e desde logo assestaram os turcos a sua formidavel artilheria em seis estancias, que Khodja-Safar indicou como seguros pontos estrategicos para derrocar as ameias, inutilisar os instrumentos de defensa, e impedir os trabalhos e reparos a que os nossos tivessem de recorrer. «A somma de artilheria, ordenada para bater a muralha, diz Barros, eram nove basiliscos de desacostumada grandeza, dos quaes cada um deitava pelouro de noventa até cem arrateis de ferro coado; cinco espalhafatos que lançavam pedra de cinco e seis e sete palmos em roda: quinze leões e aguias; quatro colubrinhas; e alguns canhões de bater, que eram para espedaçar uma rocha massiça. Da outra artilheria havia oitenta peças entre esperas, selvagens, meias esperas e falcões». Dispostas assim as cousas, esbombardearam os turcos a fortaleza por espaço de quasi um mez, erguendo ao mesmo tempo trincheiras,

abrindo minas, levantando bastidas, empregando catapultas e escadas, tentando, emfim, por varias partes o assalto, e sendo sempre gallardamente repellidos.

N'esta lucta de todas as horas as refregas e sortidas diminuiam o numero dos cercados, a fome já espalhava nos rostos a pallidez, a peste ameaçava devorar os que escapavam á morte dos combates, os tres flagellos que Deus vibra contra os homens no dia da sua colera opprimiam os intrepidos defensores da fortaleza. Parece, porém, que a Providencia lhes concedia igualmente forças sobrenaturaes para vencerem taes angustias. De todos os moradores da cidadella nenhum deixou de contribuir para o amparo commum. Aquelles, a quem a fraqueza do sexo ou da idade impedia o uso das armas, corriam a juntar os materiaes de guerra, amontoar pedras para reparo dos muros, collocar em redor dos soldados tudo quanto podia ser força e servir como elemento de resistencia. Para os homens de guerra a defesa não era só trabalho incessante e acerrimo, era lucta furiosa peito a peito, ora sobre os adarves despidos de ameias, ora no campo em repentinas sortidas, ora n'essas

estradas subterraneas que os cercadores abriam para entrarem dentro da fortaleza, e onde no meio da escuridão ou á luz incerta e avermelhada dos fachos os cercados iam procural-os. Os capitães adoptavam como modelo a serena constancia, a inabalavel intrepidez de Antonio da Silveira, que apparecia em toda a parte, exhortando uns, ajudando outros, vigiando sempre, acudindo a tempo a qualquer ponto ameaçado, multiplicando com a sua presença os animos e as esperanças. Diante dos baluartes, que já quasi não eram senão ruinas, repetiam-se com tenacidade os assaltos, e os portuguezes só obtinham breves intervallos de descanso, enchendo de materias inflammaveis as cavas ou fossos, e entretendo em frente das muralhas um cardume de labaredas, que, zunindo, crescendo, ennovelando-se, respirando um bafo ardente, estorvavam por algumas horas a approximação dos sitiadores. Dos seiscentos soldados que existiam na fortaleza ao começar o assedio, e dos cincoenta, que, vindo de Goa em quatro catures, tinham conseguido pela calada da noite escoar-se a remo surdo por entre a armada dos turcos, e entrar a sal-

vo em Diu, havia apenas nos fins de outubro, por occasião dos ultimos assaltos, duzentos e setenta homens capazes de menear as armas. N'estes homens, porém, em vez do egoismo cego e brutal, que no meio de males sem remedio como que petrifica os corações, existiam a dedicação e o enthusiasmo, que só o amor da patria pôde gerar, virtudes nobilissimas a que se devem, a que se deveram sempre, esses arrojões da natureza para além de si mesma, a que chamâmos maravilhas.

Baldados foram, pois, todos os commettimentos. O ardil encontrou sempre a vigilancia, a superioridade do numero nunca pôde vencer a pertinaz resistencia. O desalento apoderou-se então dos sitiadores. Perdida a esperanza de reduzir á viva força os torvos muros da fortaleza, Soleyman e Khodja-Safar resolveram levantar o cerco. No dia 5 de novembro sahiram os turcos do porto de Diu e o exercito guzarate retirou-se para Cambaya. N'esse mesmo dia abocaram a barra duas fustas capitaneadas por D. Luiz de Athaide e D. Martinho de Sousa, pertencentes á frota de Antonio da Silva Menezes, que formava a dianteira da armada de D. Garcia de Noronha.

Este, que succedêra no governo da India a Nuno da Cunha, mas que estava longe de o egualar na honradez e patriotismo, enviava, emfim, o soccorro que teria chegado tarde, se a intrepidez e perseverança dos defensores de Diu o não houvessem felizmente escusado.

A fama d'esta resistencia heroica, d'este memoravel exemplo de energia e audacia, augmentou ainda o prestigio do nome portuguez. A milicia dos ottomanos, d'esses incansaveis ceifadores de cidades e reinos, d'esses valentes que tinham nos ultimos tempos conquistado Rhodes aos hospitalarios, arrancado a Grecia aos venezianos, e derrotado Luiz o Grande da Hungria e a flor dos seus cavalleiros, essa milicia aguerrida de que só a ferocidade deslustrava o valor, e á qual o habito de triumpho parecia tornar invencivel, vira, a final, a sua soberba abatida diante de um punhado de homens, e dos pannos rôtos de muros de uma fortaleza arruinada. Por isso o rei de França, Francisco I, quiz ter o retrato de Antonio da Silveira na sua galeria de varões illustres; por isso a narração das façanhas practicadas em Diu foi escutada entre as nações christãs com admiração e enthusiasmo;

por isso os mais poderosos principes do Oriente apressaram-se em pedir a paz ou solicitar a alliança d'esses homens extraordinarios, que, morrendo ou triumphando, saldavam com o islamismo e com a Asia os ultrages e aggravos que a cruz e a Europa tinham recebido desde que a perda de Constantinopla consummára fatalmente os desastres dos cruzados nas terras da Palestina.

## XVIII

### DEFENSA DE MAZAGÃO

1562

Portugal, chegado ao fastigio do poder no reinado de D. Manuel, não podia escapar ás leis da humanidade e ás vicissitudes dos grandes imperios. A seiva da arvore social exauria-se no bracejar immoderado, e n'essa lucta temeraria contra nações poderosas e soberanos traiçoeiros, contra linguas, costumes, interesses, religiões e preconceitos diversissimos, o que admira, attenta a nossa pequenez e a extensão illimitada das conquistas, é que a estrella das nossas victorias não declinasse mais depressa do zenith para o occaso. Não foi, todavia, sem gloria essa mesma decaden-

cia, porque os poucos portuguezes, que dispersos pelo mundo defendiam as colonias, animosos na desgraça como na fortuna, só as cederam depois de porfiada lucta, e diante de adversarios contra os quaes não vale audacia nem esforço; acabando de se gastar mais por fomes de assedios que por armas de peleja, e buscando honroso tumulo nos rotos lanços de muros das desmanteladas fortalezas.

Mas não é da prolongada agonia do imperio portuguez na Asia e na Africa, que por ora temos de tratar; chamam-nos factos e successos realisados n'uma epocha em que ainda a nação se julgava cheia de vitalidade e vigor, posto que os primeiros symptomas de decrepidez já fatalmente se tivessem apresentado na perda de Cabo Aguer, e sobre tudo no desamparo de Safim, Azamor, Arzila e Alcaçer em tempo de D. João III.

Sabendo o scherif Muley-Abdalá, rei de Marrocos, de Fez, de Terudante, de Suz e de muitos reinos e provincias d'Africa, que a fortaleza de Mazagão estava mal provida de artilheria e munições de guerra, e guardada apenas por poucos arcabuzeiros, determinou conquistal-a. Era n'esse tempo Mazagão um



ponto verdadeiramente importante. Situada nas praias do Atlantico, o mar banhava-lhe os muros, deixando-lhe nos fossos sufficiente altura de agua, e tornando-lhe facil receber da metropole soldados, viveres e toda a especie de soccorros. Podia, pois, considerar-se excellente base de operações, e o padraço mais de receiar para a visinha cidade de Marrocos.

Com estas circumstancias as tentativas dos sarracenos para se apoderarem da fortaleza, tentativas frequentemente repetidas e sempre mallogradas, eram faceis de explicar. D'esta feita, porém, parecia certa a victoria, e por isso o scherif encarregou a seu filho Muley-Hamet, moço brioso e valente, o mando de numerosas tropas, que um historiador italiano d'esse tempo avalia em duzentos mil homens, mas que, conforme calculam escriptores tambem coévos, a poucos mais poderiam subir de cento e cincoenta mil. Fosse como fosse era espantoso o numero em comparação com o dos portuguezes, e havia sobre tudo entre essa gente, em parte collecticia e desordenada, muitos cavalleiros e infantes habituados á guerra e á disciplina, e habéis capitães enca-

recidos nos cargos da milicia e no tumulto dos combates.

Acampado o exercito a curta distancia de Mazagão, começaram os trabalhos do cerco, e com tal actividade e enthusiasmo, que em poucos dias se elevou defronte da fortaleza uma grossa trincheira, onde os mouros assentaram as baterias com grave damno dos cercados. Estes por seu lado não estavam ociosos, e Rui de Sousa de Carvalho, capitão mór na ausencia de seu irmão Alvaro de Carvalho, acudia com diligencia a remediar o que faltava na fortificação, mandando ao mesmo tempo jogar a artilheria contra os trabalhadores do campo, e determinando por vezes sortidas e escaramuças, em que o impeto dos portuguezes, repentino e devastador, conseguiu sempre assombrar a turba dos inimigos.

Soou depressa no reino a noticia do cerco, e desde logo muitos cavalleiros e soldados quizeram participar dos riscos da empresa. Posto que os habitos de luxo e as riquezas adquiridas na Asia tivessem de certo modo amortecido as virtudes politicas dos nossos maiores, não estava o caracter portuguez

ainda gasto, como moeda velha, cuja marca o roçar de muitos annos houvesse já extinto. O ardor de patriotismo, que então se revelou, recorda os actos mais heroicos da nossa idade média. Moços illustres, a quem os brios sobrepujavam os annos, embarcavam-se furtivamente; fidalgos velhos, exaltados por bizzaria sublime, emprehendiam a jornada, de que aliás estavam isentos pela idade e longos serviços; muitos imploravam como mercê e recompensa affrontarem os combates e a morte; outros, reputando em pouco o sacrificio da vida, levavam ainda á sua custa navios cheios de soldadesca e munições. Havia como que uma embriaguez de enthusiasmo, o esforço convertêra-se em delirio, e o espirito religioso associado á cubiça de renome abrasava com tal intensidade os animos, que foi preciso que a rainha D. Catherina, regente na menoridade de seu neto D. Sebastião, prohibisse com penas severas novos embarques, e dêsse terminantes ordens para que não partissem mais navios.

Entretanto os mouros preparavam-se para o assalto, disparando a artilheria contra a fortaleza, e procurando ao mesmo tempo cegar

o fosso com faxina; e supposto que os tiros, os arremços e as materias escandecentes, que sem tregoa choviam das ameias, ferissem e inutilisassem muitos dos que se empregavam n'aquelle trabalho, venceu, a final, a constancia dos sarracenos, que conseguiram não só entulhar a cava, senão levantar proximo á muralha um grande terrapleno, que emparelhou com a maior altura do baluarte, a ponto que assaltantes e defensores pelejavam corpo a corpo, braço contra braço, á espada e lança varada, como em desafio ou batalha campal. Nem assim, porém, poderam os mouros entrar na fortaleza. Alvaro de Carvalho, que fôra dos primeiros que chegára do reino, combatia á frente dos seus soldados, onde mais acceso ia o fervor da batalha, sem todavia esquecer o officio de capitão, e o nobre exemplo e a emulação de esforço tornavam invenciveis os portuguezes.

Frustradas as tentativas de assalto, começaram os cercadores a minar o principal baluarte; presentido o perigo pelos de dentro procedeu-se logo á contramina; e d'esta maneira as duas estradas subterraneas desembocaram uma na outra, e os sitiadores topando

ahi com os sitiados travaram renhida lucta em que por algum tempo se ouviu sómente o tinir das espadas e alfanges, o bater das alavancas e alviões, e rapidos gemidos de agonia abafados pelo praguejar dos que pelejavam. Quem quer que, todavia, olhasse para os dous grupos, poderia facilmente prever a qual d'elles pertenceria a victoria. De um lado os mussulmanos, transbordando de colera por verem descoberto o ardil de que se tinham valido, mais cuidavam de ferir que de guardar-se: do outro os christãos, aproveitando a estreiteza das galerias, que de algum modo neutralisava a desproporção de forças, combatiam com a serenidade e confiança de quem evita o perigo sem o temer. Era a lucta do furor e da intelligencia: indubitavel, pois, o desfecho. Não conseguindo quebrar aquella muralha de homens, ligados pela cadeia fortissima da disciplina e do renome, os sarracenos recuaram desesperados; e os portuguezes, ficando senhores da obra, utilisaram-n'a desde então em damno dos cercadores.

Seria longo descrever todas as scenas d'esta defensão heroica, lances e episodios pasmosos, que a muitos parecerão hoje fabulas so-

nhadas. Baste saber-se que durante quasi dous mezes os defensores da fortaleza, combatendo peito a peito nos adarves, sustentaram o apertado cerco, e detiveram no repetido acommettimento os innumeraveis assaltantes. Estes, quebrados os animos pelas difficuldades imprevistas, fallavam já de levantar o sitio, mas Muley-Ilamet, que na sua soberba tinha crido facil o triumpho, quiz proseguir na empreza, e no dia 1 de maio deram os mouros ultimo assalto.

Durou elle largas horas, mais ardidado e sanguinolento, mais bravo, mais atroz, mais pavoroso do que nenhum outro tinha sido. Ao principio diante dos sitiados, firmes e immoveis como rochedos, cahiram e despedaçaram-se os esforços successivos dos esquadões da mourisma; depois as duas hostes, revolvendo-se, enlaçando-se, confundindo-se, formaram quasi um grupo unico, enovelado, convulso, monstruoso; emfim já o sol se inclinava para o occaso, e ainda a victoria estava indecisa. Assaltantes e defensores, julgando-se instrumentos de missão divina, tinham um só pensamento, uma esperanza, uma vontade, um intuito, o da gloria da sua crença

se triumphassem, o da palma do martyrio se morressem.

A noite veiu pôr termo ao combate e juntamente ao cerco. Baldadas todas as tentativas para submeter a fortaleza, o desalento apoderou-se dos sarracenos, e Muley-Hamet, sem tentar mais fortuna nem feito de importancia, levantou o campo d'ahi a poucos dias.

Desde então até que o poderoso ministro de el-rei D. José a cedeu por tratado aos marroquinos, foi sempre Mazagão o ponto a que se dirigiram as correrias, os acommettimentos, os assaltos da flor das tropas muslemicas; mas os nomes dos defensores que lutaram como heroes, e em frente de cuja firmeza expirou constantemente a furia dos adversarios, jazem ignorados ou esquecidos, porque a guerra que durante tres seculos sustentamos em Africa, theatro onde até mais tarde se patenteou nobre e desinteressado o esforço portuguez, não teve Barros nem Coutos que a escrevessem.

1870  
1871  
1872  
1873  
1874  
1875  
1876  
1877  
1878  
1879  
1880  
1881  
1882  
1883  
1884  
1885  
1886  
1887  
1888  
1889  
1890  
1891  
1892  
1893  
1894  
1895  
1896  
1897  
1898  
1899  
1900



## XIX

DESASTRE DE ALCACER-QUIBIR. -- REINADO  
DO CARDEAL D. HENRIQUE

1578 a 1580

As recordações da patria são como as memórias de familia ; tem o que quer que é saudoso e sancto, que occupa suavemente as largas horas da solidão, que attenua muitas dores do espirito, que povôa a alma de mais entes para amarmos, e que engrandece e vigora o sentimento de nacionalidade, suscitando, com as virtudes e façanhas dos nossos antepassados, o altivo e nobre desejo de imital-os. Às vezes, porém, esse fallar de avós comprime-nos de ainargura o coração quando nos commemora certas epochas, em que a patria lu-

dibriada e abatida, viu desfazerem-se uma apoz outra todas as suas grandezas; epochas tanto mais desastrosas, quanto a degeneração e ruina, que assignalam, contrasta com o poder e fortaleza de outros tempos. A historia portugueza, aliás tão formosa e invejada, não está isenta d'essas paginas de luto, e uma d'ellas, e por certo a mais triste, é a que lembra os reinados immediatamente anteriores á dominação castelhana, espaço de poucos annos que bastou ás glórias de Portugal, para descerem do apogeo ao occaso.

O reinado de D. Sebastião é notavel por um facto unico, a derrota de Alcacer. O projecto de submeter as terras da Berberia, berço das nossas conquistas de alem mar, não era tão louco como a desgraça o apresentou, e devia encontrar favor na vontade popular, porque assentava nas tradições e rancores de uma guerra de seculos, e na conveniencia incontestavel de se alargar o territorio portuguez pelas fronteiras costas africanas. A nação, comtudo, sentia-se cansada e pobre para a ousada tentativa, e ainda que assim não fosse invalidavam-lhe as probabilidades de victoria, por um lado a cega vaidade do monarcha, por

outro a tenebrosa politica de D. Philippe II, cuja desregrada cubiça contava por alliadas uma astucia e actividade inexcediveis.

Em tal estado de cousas, esmorecidas as grandes virtudes guerreiras da idade média, julgou-se necessario que o monarcha, antes de se aventurar longe da patria á sorte das batalhas, aguardasse que a febre da discórdia consumisse politica e moralmente as forças dos sarracenos; mas até n'isso foram mallogrados todos os bons planos de fortuna, porque o imperio de Marrocos, apesar das luctas intestinas e das perturbações e males causados pelas oppostas parcialidades, não decahira a tal ponto, que não podesse resistir com vantagem a uma invasão estrangeira. Muley-Moluk, homem de extraordinarios talentos militares e politicos, e de um denodo a que a escola do infortunio associára a prudencia, tinha derrubado do throno seu sobrinho Muley-Hamet, que, frustradas todas as tentativas para recuperar o poder, implorára por fim o soccorro dos portuguezes. Essa alliança, porém, convertêra uma contenda domestica em lucta de religião e de liberdade, guerra sancta que dava aos soldados africa-

nos a força que resulta sempre do fanatismo religioso e do amor da independencia, natural em todos os povos; e Muley-Moluk fize-ra-se depressa estimado da maior parte dos mussulmanos, não tanto pela firmeza com que restabelecêra a ordem e administração do estado, como pela repugnancia que, conforme é facil de suppôr, excitára nas multidões a liga do rei desthronizado, e dos seus parciaes com um povo inconciliavelmente inimigo por antagonismo de crenças e de raças.

Eram 4 de agosto de 1578 quando o moço rei portuguez, desprezando o voto cauteloso dos principaes capitães, determinou romper a peleja contra o poderoso exercito dos mouros. Ao principio conseguiram os nossos manifesta superioridade. A cavallaria que acompanhava o rei, intrepida, posto que pouco numerosa, e o terço de aventureiros romperam e desbaratarem, logo do primeiro impeto, a vanguarda dos adversarios, que, incapazes de sustentar o violento embate e de resistir frente a frente, se dispersaram, fugindo pela extensão da planicie; Muley-Moluk, buscando com heroico esforço reanimar os seus, cahira moribundo nos braços dos al-

caides, e os clamores de alegria com que os christãos se arremeçavam á refrega, como se o dar e receber a morte fosse prazer de um torneio, diffundiam o temor no centro dos infieis, que mal obstaríam á furia da torrente, se o grosso das nossas tropas, aproveitando o ensejo, se empenhasse com igual denodo n'aquelle repto tremendo. Mas em vez d'isso uma voz de desalento, produzindo nos cavalleiros e peões um d'aquelles terrores panicos, de que não faltam exemplos, nem até entre soldados que uma severa disciplina prepara para a victoria, mudou n'um instante o aspecto da batalha. Os arabes, conhecendo a desordem no arrayal contrario, e cobrando novos brios, com o auxilio das forças de reserva, voltaram a disputar o terreno, que quasi haviam cedido sem combate, e em breve o sangue europeu regou abundantemente os aridos campos de Alcacer.

Então, quando as fileiras dos velhos soldados de Castella, da Italia e da Allemanha já debalde tentavam ordenar-se, e era grande a confusão e o susto nos terços dos portuguezes, precipitaram-se contra o nosso exercito as ondas dos cavalleiros mahometanos, e

apoz elles a turba dos alarves, que do alto dos visinhos montes observavam o resultado da peleja, para baixarem como aves carnicieras, sobre os restos dos vencidos. Desde esse momento os signaes de derrota tornaram-se dolorosamente certos para os nossos, que todavia ainda combateram só com o fito na desesperada empreza de socorrerem o soberano, facilitando-lhe os meios de retirar-se a salvo.

D. Sebastião, porém, nascêra com animo altivo e coração generoso. Os mimos com que fôra tratado desde o berço; a educação acanhada que recebêra na adolescencia; as maximas de castidade que o privaram dos affectos puros e sanctos de familia, affectos que suavizam os caracteres mais duros; as suggestões dos validos, que, despertando-lhe pensamentos ambiciosos, lhe devoravam o socego, a reflexão e a mocidade; e finalmente, como é certo, as intrigas e mesquinhos enredos da côrte haviam excitado as más paixões, que fermentaram terrivelmente no seu coração de mancebo, mas não tinham de todo pervertido os nobres sentimentos da sua alma. Vendo a batalha perdida, não quiz sobre-

viver aos seus, e arrojando-se como leão onde quer que o combate era mais acceso, recusou sempre com altivez o entregar-se ou fugir. A final cahiu ou desapareceu no meio da multidão, e com a sua falta expirou o vigor nos peitos mais esforçados. O resto foi uma larga carnificina com que os mouros, senhores do campo, saudaram o triumpho, humilhando a intrepidez e constancia dos cavalleiros e homens de armas portuguezes.

Chegada a Lisboa a noticia do tragico desfecho da jornada de Africa, e duvidosos os animos sobre o destino do monarcha, foi entregue o governo do reino ao cardeal D. Henrique, velho insensato e timido, tão sequioso como incapaz do poder; e Portugal despeñhou-se então sem amparo na mais afflictiva phase da sua longa existencia. As virtudes militares e politicas de nossos maiores, e sobretudo as antigas leis do paiz, em completa harmonia com as suas necessidades e indole, haviam-nos até esse tempo conservado livres do jugo de Castella, cuja tenaz ambição nunca deixára de olhar para esta pequena faixa de terra como para uma provincia rebellada; mas o estabelecimento do regimen

absoluto sobre as ruínas da monarchia liberal da idade média ; o espirito de intolerancia, que, perseguindo e expulsando os judeus, privou todos os dominios portuguezes do trabalho, do conselho e dos capitaes de uma raça intelligente e activa ; a sêde do ouro, que fez desestimar a agricultura e industria do solo natal pelo engôdo das faceis riquezas que se adquiriam na India e no Brazil ; os desacertos economicos e administrativos do governo da metropole, e dos seus delegados na Asia, na Africa e na America ; e por fim a ultima catastrophe nos campos de Alcacer-Quibir tinham produzido a irremediavel e extrema decadencia, que nos obrigou a curvar o collo ao despotismo estranho.

Durante o curto reinado do cardeal D. Henrique, os animos estiveram sempre alvoroçados com os receios, cada vez maiores, ácerca da successão. O prior do Crato, o duque de Bragança e D. Filippe II eram os pretendentes que contavam maior numero de probabilidades, mas nenhum dos dous portuguezes possuia as forças necessarias para tomar sobre os hombros a empreza de D. João I, emquanto que o rei de Hespanha, dotado de ca-



racter energico e de uma perfidia sem limites, tinha todo o poderio de vastissimos dominios para combater e debellar as resistencias que encontrasse. Essas não foram longas nem obstinadas.

O velho cardeal rei, pouco favoravel no principio a D. Filippe II, em breve mudou de resolução, compellido não menos por apprehensões pusillanimes, do que pela cubiça e pelo odio, que foram as paixões permanentes dos largos annos da sua vida. A principal aristocracia, antepoando os calculos interesseiros ao nome illustre de seus avós e á propria dignidade, não duvidou pactuar com os procuradores de Castella, que, á força de ouro e promessas, arrastaram a nacionalidade portugueza ao mercado das traições infames, dos enredos miseraveis, das torpes vinganças, das abjecções ignavas. O povo, irreflectido e variavel como o mar que ora freme colerico e se despedaça em vagalhões gigantes, ora se espreguiça brincando com os flocos de espuma que lhe saltam no dorso; o povo, dilacerado pela fome, pela peste e pelos desastres da guerra, não podia senão murmurar, porque os seus soldados, os seus capitães, os seus juriscon-

sultos, os seus magistrados, os seus bispos, os seus principes, tudo quanto no reino havia de nobre e rico por illustração e por linhagem, ou tinha já desertado para o partido estrangeiro, ou se conservava indeciso, não obstante os riscos da patria. Finalmente a persuasão commum de que a paz individual e domestica só poderia conseguir-se com o sacrificio completo da independencia politica tirava ás almas mais robustas aquella tenacidade fria, aquella firmeza de vontade, que não mede os obstaculos, e para a qual não ha impossiveis.

Debalde nas côrtes, que se reuniram primeiro em Lisboa e depois em Almeirim, côrtes que já eram apenas pallido reflexo de representação nacional, alguns homens intrepidos e probos protestaram eloquentemente contra a imbecilidade e corrupção dos poderes publicos ; debalde a voz auctorizada de Phebo Moniz, alto exemplo de virtudes publicas no meio da prostituição geral, instou com os procuradores dos povos e com o moribundo monarcha para que não se entregasse o reino ao dominio estrangeiro, e se respondesse com energia ás ameaças de D. Fi-

lippe II; debalde, emfim, as classes inferiores, que são as ultimas onde se desvanece o aferro á terra da patria, davam visiveis signaes de supportar de mau grado a ruina que lhe preparavam; a força moral da nação tinha desaparecido, e a força material, que aliás é sempre illusoria quando falta a unidade do pensamento e o ardor do enthusiasmo, havia-se dissipado, a pouco e pouco, na extensão desmedida das conquistas, até acabar de todo nas planicies d'Africa.

Assim, apenas fallecido D. Henrique (31 de janeiro de 1580), os governadores do reino nomeados anteriormente, dissolveram as côrtes, receiando que podessem ser o centro onde se alimentasse energica resistencia aos interesses de Castella; e a acceitação do filho de Carlos V para rei de Portugal foi definitivamente resolvida. Pouco depois um exercito de vinte mil homens, capitaneados pelo duque de Alba, o sinistro pacificador dos Paizes Baixos, entrava no Alemtejo para lavrar com a espada o epitaphio das liberdades portuguezas; e o monarcha odioso, denominado o demonio do Meio-Dia n'uma epocha em que os progressos da civilisação ainda não tinham diffundido

a brandura do tracto entre os homens, conseguiu tomar posse do seu novo reino, tendo só que vencer a fraca opposição de uma parte do povo, e d'esses raros cavalleiros que, no meio de gente gasta e pervertida, conservaram sempre os nobres sentimentos de integridade e patriotismo.

## NOTAS

### Pag. 9

«Fundação da monarchia.»

N'este quadro e em parte dos immediatos tentámos resumir em breves paginas o que está admiravelmente exposto nos tomos 1.º e 2.º da Historia de Portugal, de A. Herculano. Sem este facto brilhantissimo ser-nos-hia de certo impossivel sahir da confusão e obscuridade, em que se envolvem os primeiros tempos da monarchia.

### Pag. 11

«Provincia conhecida entre os arabes pelo nome do Al-Garb.»

Em quatro grandes divisões, conforme a geographia arabe, se repartia a Peninsula: Al-Djuf, o norte; Al-Kiblah, o meio dia; Al-Sharkiah, o oriente; Al-Gharb, o occidente. Com este nome, por isso, se designava n'aquelle tempo a vasta extensão de territorio, que com-

prehende hoje as provincias do Alemtejo e Algarve, e que, juntamente com uma porção da Extremadura hespanhola e acaso da Andaluzia, formava os estados dos emires de Badajoz.

### Pag. 32

«Nos herdamentos, nas maladias, nos páramos.»

A palavra herdamento significou até o seculo xv o mesmo que herdade, quinta, casal ou qualquer predio rustico, arrendado ou não arrendado, e quer incluido dentro de muros ou marcos, quer composto de courelas separadas.

A denominação de maladia, muito frequente nos documentos dos seculos xi, xii, e xiii, indicava o tributo a que eram obrigados os individuos, que, incapazes por qualquer motivo de se defenderem e a seus bens, alcançavam protecção de algum homem poderoso, do qual por esse facto como que se constituíam servos. Chamavam-se tambem maladias as habitações e terras, em que os serviços, fóros ou pensões se pagavam.

O termo páramos equivalia ao de horas e coutos, e designava quaesquer propriedades, cujos moradores eram exemptos do serviço militar (*hoste e fossado*), e dos tributos reaes (*fôro e peita*).

### Pag. 34

«Dirigiu-se a Lyão.»

Nessa epocha a cidade de Lyão, hoje uma das mais ricas e industriaes da Europa, pertencia nominalmente

ao imperio romano-germanico, mas era na realidade tão independenté do imperador da Allemanha como do rei de França, e só de algum modo estava sujeita ao proprio arcebispo.

### Pag. 63

«Aly-Abul-Hassan.»

Os nossos chronistas, geralmente pouco escrupulosos em questões de investigação e de critica, chamam-lhe Ali-Boacem. A inscripção commemorativa que se encontra na cathedral de Evora, confundindo o nome de familia com o do individuo, designa-o por Abenamarim. Conde, na historia do dominio dos arabes, chama-lhe Aly-Abul-Hassan-ben-Otman-ben-Jacub-ben-Abdelhac-de-Beni-Merin.

Já que fallámos na inscripção que está na sé de Evora, junto á capella da invocação da Cruz, transcrevel-ahemos na integra, alterando unicamente a extravagante orthographia do original, porque não podemos comprehender que sirva conserval-a na publicação de antigos inéditos, senão para difficultar a leitura d'estes.

==Era de 1378. Rei Abenamarim, senhor de alem do mar, confiando em si e do seu grande haver e poder passou áquem do mar com Naforra, filha do rei de Tunnes, para perseguir e destruir os christãos. Tarifa, e o seu poder era tamanho, que se não pode tomar, e pois rei D. Affonso viu que não pode ser certo, houve receio de por si veio a Portugal, a demandar ajuda ao IV Affonso de Portugal, seu sogro, e a elle prouve muito de lh'a fazer com seu corpo e com seu poder; logo sem tardança começou o caminho para a fronteira, e

mandou que os seus se fossem apoz elle. De Evora levou cem cavalleiros e mil peões, de que Esteves Carvoeiro foi por alferes. Lidaram com os mouros, e o rei de Portugal entendeu com el-rei de Granada, e rei de Castella com Abenamarim, e foi mercê de Deus que nunca mouro tornou rosto, e morreram d'elles tantos que não poderam dar conta. O rei Abenamarim e o de Granada fugiram. No arrayal de el-rei Abenamarim acharam grande haver em ouro e prata, e o houve el-rei de Castella. Mataram ali Naforra, e muitos mouros ricos, e outros mouros, e meninos infinitos. Captivaram um filho de Abenamarim, um seu sobrinho e uma sua neta. Deus seja para sempre bento, por tanta mercê, quanta fez aos christãos.=

### Pag. 129

«E D. Manuel. . . . . acrescentou aos titulos do seu dictado os de senhor da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.»

N'esse mesmo anno de 1499 mandou el-rei lavar os portuguezes de ouro, com a legenda =*Emanuel Rex Portugaliae, Algarbiorum citra et ultra in Africa, et Dominus Guinae*, e ao redor das armas =*Conquista Navegam, Commercio Aetiopiae, Arabiae, Persiae, Indiae*.

Decorrido pouco tempo eram já insufficientes esses titulos para corresponderem com exactidão aos descobrimentos, ás conquistas, á influencia e poder dos portuguezes. Hoje que vivemos ao crepusculo da nossa passada gloria, conservâmos ainda a antiga formula,



van lembrança do largo patrimonio que dividimos com as outras nações.

### Pag. 146

«Os amoucos.»

Ácerca d'aquelles a que se dava este nome, e que em varias batalhas tornaram deveras ardua a victoria aos portuguezes, encontra-se larga noticia em Damião de Goes, João de Barros, Diogo do Couto, e na relação annual das missões do padre Fernão Guerreiro. Os viajantes e escriptores estrangeiros, que ultimamente têm discorrido sobre as cousas da India, nem sempre investigadores conscienciosos, supõem que nayres e amoucos têm a mesma significação, confundindo a casta nobre ou guerreira da população indiana com a situação extraordinaria em que os nayres só ás vezes se collocavam quando decidiam morrer na demanda de vingança.

Um dos casos em que os indios se ajuramentavam para esse barbaro costume era quando davam seguro a alguem de o defenderem, se a pessoa assim assegurada recebia alguma offensa. Chamava-se a isto jan-gada. «Tendo um forasteiro, diz Couto, necessidade de um d'estes nayres para passar de uma parte para a outra, por segurar sua pessoa dos ladrões e salteadores, chega-se a um nayre, e lhe pede seja sua jan-gada, e lhe dá por isso algum dinheiro, valia de meio cruzado. Este nayre, tanto que lhe toma o seu dinheiro, lhe dá a mão em signal que o toma em sua guarda, e assim o leva comsigo até onde o outro lhe releva, muito seguro e sem receber affronta de pessoa alguma. E se acaso este forasteiro for avexado ou affrontado de alguma pessoa, fica esta injuria tanto á conta

d'este nayre e de toda a sua geração, que logo se ajuntam todos e se offerecem a morrer até satisfazerem aquella affronta, usando certas ceremonias, como homens que se despedem da vida, rapando as barbas de uma ilharga, que é o signal de homens determinados a morrer . . . e juntos todos dão n'aquelle logar onde lhe fizeram a affronta, e o destroem e abrazam. Pelo que é isto tão arreçado em todo o Malabar, que se um portuguez (que é a mais odiosa nação de todas com os mouros) quizer passar de Cananor para Cochim, por todo aquelle Malabar, posto que esteja de guerra, e por meio dos mouros que lhe beberão o sangue, tomando sua jangada vae com ella tam seguro como por Alemtejo, sem ninguem lhe perguntar d'onde vem nem para onde vae.»

### Pag. 161

«O numero dos mortos n'esses tres dias orçava por dous mil.»

Os judeus, na allegação ao pontifice Paulo III, descrevendo as scenas de sangue e agonia, que n'este quadro tentámos esboçar, affirmavam que mais de quatro mil pessoas haviam n'esses tres dias cahido ás mãos dos assassinos, em Lisboa e nas aldeias circumvizinhas; mas as memorias coévas e os historiadores calculam consoantemente em dous mil o numero dos que foram victimas na horrorosa hecatombe,

# INDICE

	PAG.
Introdução.....	5
Fundação da monarchia .....	9
II Empreza de Alcacer .....	23
III Ultimos annos de D. Sancho II.....	31
IV Cortes no tempo de D. Affonso III.....	43
V Instituição da ordem de Christo.....	55
VI Batalha do Salado.....	63
VII Morte de D. Maria Telles.....	71
VIII Tomada de Ceuta.....	81
IX Regencia do infante D. Pedro. — Combate de Alfarrobeira .....	95
X Conspiração da nobreza contra D. João II..	105
XI Primeira viagem de Vasco da Gama á Índia	117
XII Descobrimto do Brazil.....	131
XIII Victorias de Duarte Pacheco.....	141
XIV Matança nos christãos novos de Lisboa ....	157
XV Conquista de Goa.....	165
XVI Embaixada ao papa Leão X.....	177
XVII Primeiro cerco de Diu.....	183
XVIII Defesa de Mazagão.....	195
XIX Desastre de Alcacer-Quibir. — Reinado do cardeal D. Henrique.....	205
Notas.....	217

194 217





**PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

---

**UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY**

---

DP  
562  
M6  
1879  
C.1  
ROBA

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 07 05 01 002 6